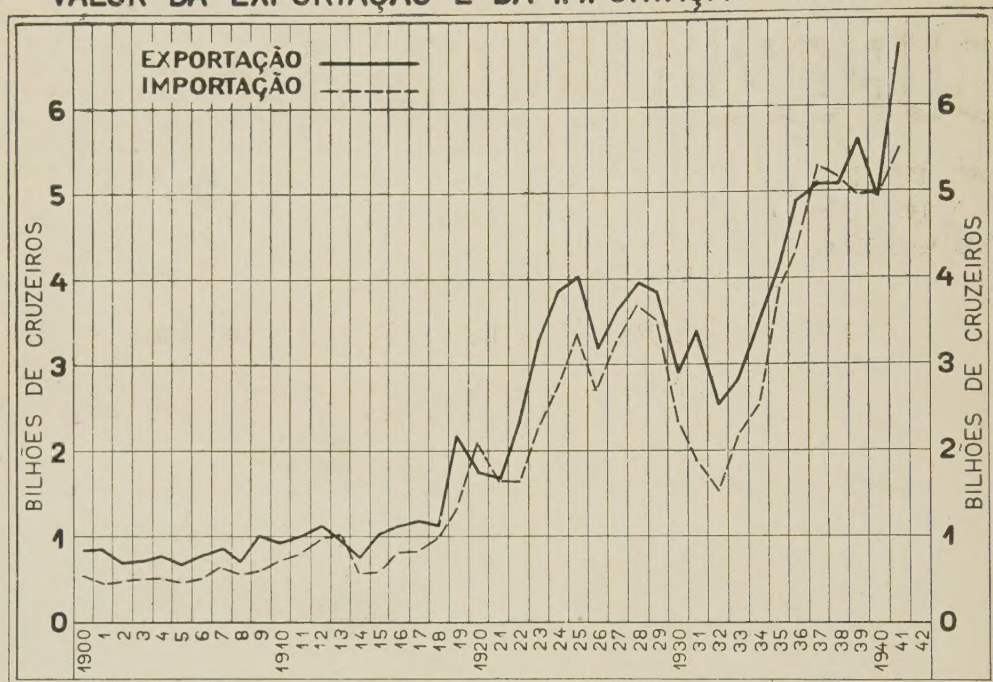
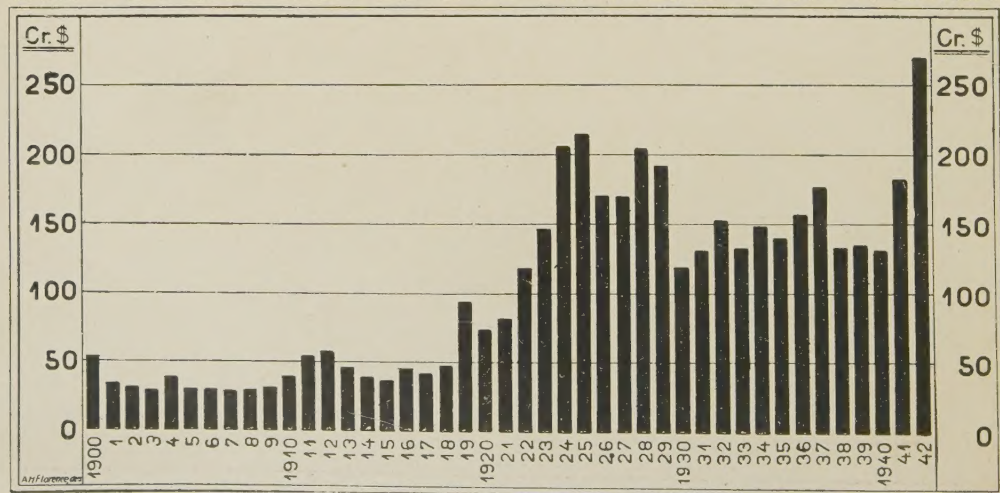
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL

ANO XIX • OUTUBRO DE 1944 • N.º 212

VALOR DA EXPORTAÇÃO E DA IMPORTAÇÃO DO BRASIL

VALOR DE UMA SACA DE CAFÉ BRASILEIRO POSTA A BORDO

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO – ESTATÍSTICA

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Sêde : Largo da Misericórdia, 24

Ano XIX	OUTUBRO DE 1944	Número 212

Sumário

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS :

A Fabricação de Carvão na Fazenda de Café — (esgotada)

O Contrôle à Erosão ncs cafèzais Sulcos e Cordões em Contorno — **Hélio** Viégas de Camargo Bittencourt.

Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho.

O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e **decadente** que já vi — Rogério de Camargo.

O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior.

RELAÇÃO DOS CAFEICULTORES DO ESTADO DE SÃO PAULO :

PRIMEIRO VOLUME — (esgotado)

SEGUNDO VOLUME : Municípios de: Avanhandava, Barretos, Cabreuva, Caçapava, Caconde, Campinas, Cedral, Cravinhos, Franca Guará, Guaratinguetá, Ibitinga, Igarapava, Indaiatuba, Itirapina, Ituverava, Jacarei, Jambeiro, Jardinópolis, Jaú, Limeira, Mocóca, Mogi Mirim, Monte Alto, Pindamonhangaba, Pindorama, Ribeirão Bonito, Rio Claro, Santa Adélia, São José do Rio Pardo, Taquaritinga, Tietê.

TERCEIRO VOLUME : Municípios de : Andradina, Botucatu, Catanduva, Fernando Prestes, Guaira, Guariba, Iacanga, Ibirá, Itápolis, Itu, Jaboticabal, Joanópolis, Jundiai, Leme, Lindóia, Matão, Mineiros, Mogi Guassu, Nuporanga, Olímpia, Orlandia, Paulo de Faria, Pederneiras, Pedregulho, Pereira Barreto, Pinhal, Piracaia, Pirassununga, Porto Ferreira, Ribeirão Preto, Rio Preto, São Carlos, São José dos Campos, Serra Azul, Socorro, Tabapuã, Tabatinga, Taubaté, Torrinha, Tremembé, Vargem Grande, Viradouro.

QUARTO VOLUME : Municípios de : Araçatuba, Bela Vista, Birigui, Candido Mota, Guararapes, Maracai, Novo Horizonte, Palmital, Paraguassu, Penápolis, Presidente Bernardes, Presidente Venceslau, Promissão, Quatá, Rancharia, São Pedro do Turvo, Tanabi, Valparaizo.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA S. S. C. — 1937 - 1938 - 1939 (esgotado), 1940 - 1941 - 1942 - 1943.

Colaboração

A Produção Brasileira de Café nos últimos vinte anos

J. C. MELLO

JÁ é hoje do conhecimento público, e não mais, como dantes, apenas das esferas interessadas, a situação do café no Brasil. Qualquer medíocre estudioso dos nossos assuntos econômicos está ciente das dificuldades de toda ordem com que arca, no momento, a cafeicultura. As quedas de produção, que antes eram um fenômeno sem gravidade e por assim dizer trivial, pois, ou ocorriam em safras alternadas, ou de tempos em tempos, mas por motivos de ocasião, são hoje um fato permanente e cada vez mais sério. Não só as geadas e as secas se amiudaram, como, também, vieram encontrar cafezais depauperados pelo máu trato e, além disso, cada vez mais velhos. Os novos, ou não chegaram a ser plantados, durante anos, por motivo das restrições ao plantio que vigoraram até ha pouco, ou foram plantados em terras de segunda ou sem os necessários cuidados técnicos, os quais, se eram mais ou menos negligíveis quando se plantavam os cafezais em terreno de mata virgem, são hoje cada vez mais indispensáveis.

Acresce, ainda, que a redução na colheita, por pé, devido a todos êsses fatores citados, não constitue senão uma parte do problema. Ha que considerar, ainda, a própria redução do número de pés, devida à grande quantidade de cafeeiros cortados ou abandonados nos últimos tempos.

O fato é que o café, que até 1933/34, manteve uma curva ascendente de produção, vem caindo desde essa época, ha dez anos portanto, devendo provavelmente atingir na safra deste ano, 1944, um novo recorde de baixa.

Se remontássemos até as origens, até o início de nossa produção cafeeira, o que não tencionamos fazer neste artigo, poderiamos encontrar, antes dêsse vintênio que ora consideramos, quatro fases distintas : desde 1830 até 1860 — fase inicial, até 3.000.000 de sacas ; de 1861 a 1891 subida lenta da produção, com altos e baixos até atingir a 7.000.000 de sacas ; em 1893 baixa para 5.000.000 e de 94 em diante subida mais acelerada, embora com as habituais oscilações, até 1906, quando chegamos à extraordinária cifra de 20.000.000 de sacas ; queda brusca em 1907, quando apenas produzimos pouco mais de 11.000.000 de sacas ; a partir

daí subida lenta e com poucas oscilações até 1917, com pouco mais de 15.000.000 ; queda brusca em 1919, com pouco mais de 4.000.000 ; nova ascendência desde então, a princípio, até 1926, com poucas oscilações e a partir daí com grandes altos e baixos, que se tornaram extraordinários no período 1927/1934 : nêsse período a uma safra de 28, 29, 30 milhões de sacas, sucedia-se outra de 16, 17, 18 ; depois da baixa safra de 1934 (baixa em relação à época) com pouco mais de 18.000.000 de sacas, fomos ainda a 26 e meio milhões, em 1936. Foi o nosso canto do cisne. Desde êsse ano, a queda de produção é seguida e, mesmo, permanente : nem mesmo tem havido altos e baixos, mas sim uma queda constante.

Bem examinados os algarismos, verificamos que, com a produção de 1943 e com a que se apurará em 44 descemos ao nível dos primeiros anos dêste século ; e, se as escassas chuvas caídas agora, a partir de meados de outubro, ainda conseguirem fazer reagir mediocremente a lavoura, mesmo assim desceremos, na safra de 1945, ao nível dos últimos anos do Império, ou seja a mais de 50 anos atrás !

E, não haja ilusões : não serão os poucos milhares de cafeeiros ultimamente plantados que irão elevar a nossa produção aos altos algarismos anteriormente conseguidos.

Não incidamos no erro de certos comentadores de oitiva que, tendo analisado a bôa quantia obtida em ouro pelo nosso café exportado em 1943, quantia essa que, efetivamente, foi um recorde, chegaram à seguinte conclusão :

> "Foi, pois, a melhoria de preços que mais influiu para que em 1943 atingissemos os 2.403.000.000 de cruzeiros, e essa melhoria de preços não nos caiu nas mãos por acaso, nem como um favor dos céus. É um fruto sadío da política panamericanista. *Os que falam por aí em decadência do café e outros absurdos não sabem o que estão dizendo, pois, como se vê, o que as estatísticas demonstram é cousa muito diferente.*"

Grifamos êsse último trecho, que é interessante pela afirmativa do autor sobre *os que falam por aí em decadência do café.* Infelizmente confundiram-se alhos com bugalhos. Realmente, os preços foram excelentes em 1943 e, graças a êle, o café exportado forneceu ao país a alta soma de 2.403.558.000 cruzeiros. Mas, êsse preço, embora assim elevado, não acompanhou a alta de todo o custo da vida e, assim, o lucro que deixou ao produtor é discutível. Além disso, essa questão de preços é outra, e totalmente diversa daquela de que hoje tratamos : a das quantidades. Por mais que os preços subam, até mesmo a 1.000 cruzeiros a saca, de nada valerão se chegarmos a não ter café para exportar, ponto êsse para o qual vamos caminhando.

A decadência do café, de que se fala, é pois, de quantidade (e até de qualidade) e não de preço, muito embora êste possa também ser discutido, apesar de toda a sua ascensão.

* * *

Voltemos, porém, à nossa análise da queda da produção cafeeira. O gráfico e o quadro que êste Boletim publica, e que vão em seguida a êstes comentários, elucidam com bastante precisão o assunto. Vemos, alí, que mesmo o fenômeno da alternativa de safras grandes e pequenas, anormal por certo, mas sob o qual se escondia uma continua tendência de crescimento na produção, mesmo êsse fenômeno, dizíamos, interrompeu-se em 1936. A partir de então, o que se verifica é uma contínua diminuição, sem mais alternativa, sem reações, sem solução de continuidade., E não sómente na produção nacional, como, também, não apenas na produção paulista ou na dos outros Estados. ,A queda é generalizada e contínua.

Todavia, em São Paulo o fenômeno é ainda mais acentuando e essa é, talvez, para muitos, uma surpresa do gráfico que comentamos.

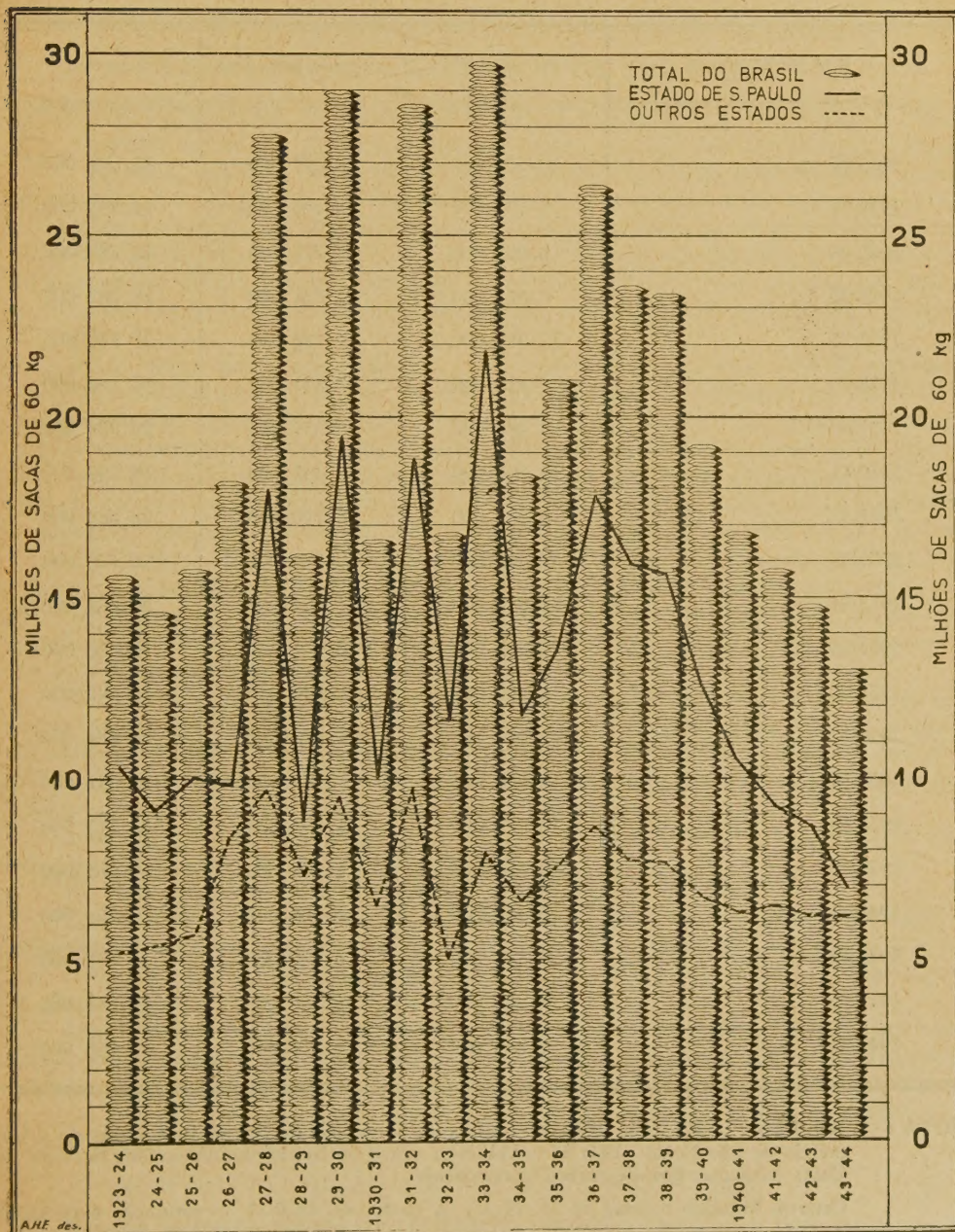
De fato : enquanto de 1923 a 25 a produção de São Paulo ia a cerca de 10.000.000 de sacas e a dos outros Estados a pouco mais de 5, ou seja cerca de metade, êsses números passaram, nos últimos anos a ficar menos distanciados. A curva que, no gráfico, representa São Paulo, passou a ser aproximar cada vez mais da dos outros Estados. Em 1943, a média de produção dos outros Estados, depois de ter subido de 5.000.000 até cerca de 8.000.000 de sacas caiu a 6.000.000. E a de São Paulo, depois de galgar dos 10.000.000 a cerca de 15.000.000, caiu a cerca de 7.000.000. No início do período considerado, a diferença era do dobro : 5 : 10 ; agora, de 6 : 7. E é bem possível que cheguemos a assistir, em 1945, a uma produção em São Paulo menor que a dos demais Estados brasileiros, fato êsse que só se verificou até o penúltimo quinquênio do século passado, pois desde 1894/95 que São Paulo passou a produzir, sózinho mais que os outros Estados.

Como é fácil verificar, os algarismos que vimos comentando se referem à produção considerada pelo café apresentado a despacho nas estradas de ferro, cifra essa a que se teria de acrescentar uma certa quantidade do produto consumido no Estado., Êsse consumo interno, que não tem sido sistematicamente calculado e apenas vem sendo objeto de avaliações esporádicas, póde-se supor atualmente como sendo de 1.000.000 a 1.500.000 sacas de 60 quilos. Na base de 10 quilos de café crú (8 quilos torrado) *per capita*, êsse consumo seria, atualmente, para cerca de 8.000.000 de habitantes, de 80.000.000 de quilos ou sejam 1.333.000 sacas de 60 quilos. É possível, todavia, que o consumo seja um pouco menor, dado o tipo de café geralmente usado em todo o interior, ou seja o café "ralo", pouco encorpado.

Seria interessante aplicar-se essa quota de consumo ao quadro que vimos examinando, afim de apurar, além do café apresentado a despacho, o café consumido em cada um daqueles anos.

E seria interessante examinar-se essa produção em razão do número dos cafeeiros existentes em cada ano, afim de se apurar qual a média de produção. Êsse estudo, para o qual hoje não nos sobra espaço, tencionamos fazê-lo em artigo próximo.

PRODUÇÃO DE CAFÉ NO BRASIL

SAFRAS - SACAS DE 60 kg

PRODUÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL

(Saca de 60 quilos)

SAFRA	S. PAULO	OUTROS ESTADOS	BRASIL
1923/24	10 374 000	5 247 000	15 621 000
1924/25	9 193 000	5 400 000	14 593 000
1925/26	10 087 000	5 710 000	15 797 000
1926/27	9 877 000	8 325 000	18 202 000
1927/28	17 982 000	9 728 000	27 710 000
1928/29	8 815 000	7 331 000	16 146 000
1929/30	19 490 000	9 539 000	29 029 000
1930/31	10 097 000	6 493 000	16 590 000
1931/32	18 829 000	9 790 000	28 619 000
1932/33	11 689 000	5 069 000	16 758 000
1933/34	21 850 000	7 934 000	29 784 000
1934/35	11 735 000	6 601 000	18 336 000
1935/36	13 522 000	7 575 000	21 097 000
1936/37	17 780 000	8 679 000	26 459 000
1937/38	15 926 000	7 758 000	23 684 000
1938/39	15 677 000	7 694 000	23 371 000
1939/40	12 521 000	6 748 000	19 269 000
1940/41	10 488 000	6 266 000	16 754 000
1941/42	9 259 000	6 490 000	15 749 000
1942/43	8 685 000	6 156 000	14 841 000
1943/44	6 909 000	6 177 000	13 086 000

NOTA : — **São Paulo** : 1923/24 a 1930/31 — cifras da Secretaria da Agricultura Indústria e Comércio de São Paulo. 1931/32 a 1943/44 : cifras da Superintendência dos Serviços do Café, baseadas nos despachos ferroviários.

Outros Estados : cifras do D. N. C. A partir de 1930/31 — produção exportável.

Culturas acessórias na fazenda de café

N. A. Neme

I

FEIJÃO SOJA, FÁCIL FONTE DE PROTEÍNA

COMO ENCARAR A PROPRIEDADE CAFEEIRA E O CAFÉ — Atualmente, mais do que em qualquer outro período da agricultura cafeeira paulista, estão os cafeicultores desenvolvendo grandes esforços para manter as plantas que resistiram aos efeitos da erosão, das geadas e das crises periódicas e, também, porque não dizer, do trato insuficiente. Isso porque, sem mencionar as confortáveis fazendas, inúmeras em nosso Estado, as demais, principalmente as das zonas velhas, estão instaladas com o essencial para o seu funcionamento e representam um apreciável capital aplicado especialmente na colheita e preparo do café.

Além dessa particularidade, há uma outra que não tem sido devidamente apreciada, assim parece, apesar de ter sido apontada por Dafert, há mais de 50 anos, num dos primeiros relatórios do Instituto Agronômico, no qual se encontra a feliz comparação do valor da tonelada de café em confronto com igual quantidade de outros produtos. Para exemplificar, no momento atual, podemos dizer que, enquanto o paulista produz uma tonelada de café no valor de Cr$ 4.000,00, o argentino produz uma tonelada de trigo por valor pouco superior a Cr$ 1.000,00. E, em relação à área, podemos dizer que um alqueire, produzindo café, dá uma renda bruta anual de Cr$ 8.000,00, calculada a produção na base de, mais ou menos, 60 arrobas por mil pés, ao passo que o alqueire de terra, na Argentina, produzindo trigo, rende anualmente pouco mais de Cr$ 2.000,00, considerando a sua média de produção em 2.000 Kg. alqueire.

É evidente que precisamos ter em conta a intensidade do capital empatado, como acima salientamos, mas, e aqui usamos as próprias palavras de Dafert: "é claro que uma lavoura que produz mercadorias dum valor específico tão alto, pode, não só suportar distâncias grandes de mercado, como também pode trabalhar com despesas avultadas sem perda do ganho."

Isso poderia ser dito mais uma vez, agora, se a média de produção de café não tivesse descido tanto em tão pouco tempo.

E, como explicar essa diminuição de produção por área?

Em essência, porque a planta não suportou, isso sim, a carência contínua de elementos nutritivos disponíveis na terra e porque a terra não suportou, por sua vez, a tarefa que, graciosa e indefinidamente, executaria, se não lhe faltasse uma modesta capinha de matéria orgânica.

De tudo isso podemos concluir que a terra argentina rende, de fato, um valor anual relativamente pequeno, mas pouco variável, ao passo que a terra paulista poderia render muito mais se a média de produção se mantivesse na base de 60 arrobas por mil pés. Essa média é já muito rara nas zonas velhas e começa a ser pouco comum nas zonas novas.

PERMANENTE PRODUÇÃO DE MATÉRIA ORGÂNICA

É coisa já muito sabida que a matéria orgânica constitui a base da produção agrícola. Concordamos em que seja fácil dizer isso e bem mais difícil executar um programa permanente de produção de matéria orgânica, quer na forma de

estêrco, quer na de composto ou ainda na de adubos verdes, para manter a propriedade agrícola em um nível econômico de produção. Entretanto, hoje, operadas certas mudanças no regime agrícola de São Paulo, o problema não se apresenta tão difícil, porque sabemos que a propriedade rural pode explorar atualmente, com lucro, várias modalidades da criação animal, seja para obtenção de carne, leite, ovos, etc., ou para obtenção de trabalho, modalidade essa que fornece o estêrco — matéria orgânica insuperável.

Nas fazendas que exploram o gado em geral, sob métodos racionais, estabelecidos os preços de produção e de venda de cada um dos produtos animais, é fácil concluir que o estêrco é obtido a baixo preço, pois, nesse caso, as despesas decorrentes são apenas as do transporte e aplicação na lavoura cafeeira.

À medida que as vagens vão amadurecendo, as fôlhas de feijão soja amarelecem e caem. Essa massa vegetal auxilia a restaurar a matéria orgânica do solo.

Mas êsses animais necessitam de uma alimentação adequada para atender às exigências de suas atividades, quer na produção de trabalho, quer na de produtos de valor comercial. É evidente que não bastam os pastos de gramíneas, em geral pouco eficientes, exploráveis apenas durante o período das águas, mas há necessidade de contar a fazenda igualmente com a produção própria de fenos, especialmente de leguminosas, mais nutritivos, de alimentos constituidos por sementes e tortas diversas e, finalmente, de silagem.

CULTURAS COMERCIAIS E CULTURAS PARA O CUSTEIO

É imprescindível, pois, que as fazendas de café incluam em seus trabalhos certas culturas, que denominamos acessórias, fornecedoras de produtos de rendimento comercial, de que o algodão é o principal, além de outras, cuja produção se destine ao consumo na própria fazenda, como sejam : milho, feijão, feijão soja, etc.. Um programa assim estabelecido apresenta vantagens diversas, pois a fazenda mista, além de proporcionar facilidades no programa de produção anual

de estêrco, tende a equilibrar e mesmo melhorar a receita geral, com a venda de outros produtos.

As fazendas de café quase sempre dispõem de apreciáveis áreas de terras cultiváveis anualmente, de maneira que tais culturas não precisam ser feitas entre os cafeeiros, o que criaria a concorrência recíproca entre as plantas.

ROTAÇÕES DE CULTURAS

Outra vantagem das culturas acessórias nas fazendas mistas é a possibilidade de executar rotações de cultura, de maneira a não se cultivar, por exemplo, o algodão por anos sucessivos na mesma terra, cujos malefícios são já bastante conhecidos e dispensam comentários. Um programa que inclua, além do algodão, o milho, o feijão soja, constitui já um passo mais avançado na exploração da terra, porquanto sòmente pela rotação de culturas é possível estabelecer a agricultura permanente, como se observa nos velhos continentes.

Ao contrário da do algodão, as culturas de milho e de feijão soja, por exemplo, além de fornecerem boas colheitas, deixam no campo apreciáveis quantidades de colmos e fôlhas, que são devolvidos ao solo, impedindo, de certo modo, que o mesmo se "canse" ràpidamente, pelo consumo contínuo da matéria orgânica. Cabe aqui dizer que a rotação de culturas alcança o seu máximo de eficiência quando nela se inclui uma leguminosa para ser enterrada anualmente, corrigindo assim o consumo inevitável de matéria orgânica por parte de cada uma das culturas. Todavia, embora o feijão soja seja uma leguminosa, não devemos incluí-la na categoria de planta para adubação verde, visto que ela pode proporcionar melhores rendimentos através de suas múltiplas utilidades.

Em nossas condições, felizmente, podemos encontrar várias leguminosas, como mucuna, feijão de porco, crotalárias, etc., que, por não apresentarem ainda outras utilizações, podem servir como ótimos adubos verdes.

Examinemos agora as vantagens da cultura do feijão soja, em rotação, por exemplo, com algodão e milho.

	TALHÃO "A" (30 alqs.)	TALHÃO "B" (30 alqs.)
1.º Ano	Algodão — 30 alqs.	Milho — 20 alqs. Feijão soja — 10 alqs.
2.º Ano	Milho — 20 alqs. Feijão soja — 10 alqs.	Algodão — 30 alqs.
3.º Ano	Algodão — 30 alqs.	Milho — 20 alqs. Feijão soja — 10 alqs.

Essa é uma maneira fácil de distribuir anualmente as culturas, sem as desvantagens de executá-las seguidamente nos mesmos talhões.

Após alguns anos todos os 2 talhões serão beneficiados com a cultura de feijão soja, porquanto é bem conhecido o fato de que essa leguminosa, como as demais, desempenha a função de uma verdadeira usina fornecedora de azoto, elemento nutritivo vendido a alto preço pela indústria de adubos.

Êsse fornecimento é feito pelas bactérias fixadoras de azoto da atmosfera, encontráveis nas nodosidades existentes nas raízes, vivendo em perfeita associação com a planta. Além disso, quando o feijão soja é cultivado para produção de sementes, verifica-se, por ocasião da colheita, que caiu quase tôda sua folhagem, contribuindo assim para restaurar a matéria orgânica do solo.

QUE FAZER COM FEIJÃO SOJA?

O lavrador que se resolver a semear, por exemplo, feijão soja em 10 alqueires, deve ter encontrado prèviamente a resposta à sua própria pergunta: "que fazer com feijão soja, se, no momento, não há mercado para êsse produto?"

Aliás, êsse lavrador já sabe que os alimentos se dividem, grosseiramente, em duas categorias:

a) ricos em hidratos de carbono (milho, batata, mandioca, etc.) que produzem a gordura animal e

b) ricos em proteínas (tortas, fenos e sementes de leguminosas e oleaginosas) que cooperam na formação dos músculos, nervos e tecidos glandulares do corpo animal.

Plano de rotação de culturas, cultivando anualmente:
30 alq. de Algodão, 20 alq. de Milho e 10 alq. de Feijão Soja.

	1.º ano	2.º ano	3.º ano	4.º ano	5.º ano	6.º ano
Talhão A (30 alq.)	Algodão	Milho	Algodão	Milho	Algodão	F. Soja
	Algodão	Milho	Algodão	F. Soja	Algodão	Milho
	Algodão	F. Soja	Algodão	Milho	Algodão	Milho
Talhão B (30 alq.)	Milho	Algodão	Milho	Algodão	F. Soja	Algodão
	Milho	Algodão	F. Soja	Algodão	Milho	Algodão
	F. Soja	Algodão	Milho	Algodão	Milho	Algodão

Gráfico 1

A ração, então, para ser eficiente deve encerrar quantidades naturalmente variáveis de alimentos ricos em proteínas e de alimentos ricos em hidratos de carbono, êstes sempre em maior proporção quando o regime é de engorda.

As fontes de produção de hidratos de carbono são muitas, como vimos, e em razão das elevadas percentagens que oferecem, por exemplo, o milho (70%), mandioca (30%), batata doce (20%), conclui-se que o problema da obtenção de alimentos hidrocarbonados é de fácil solução, a preços baixos.

Quanto às proteínas, no entanto, o problema é diferente, visto que êsses produtos não encerram grandes percentagens das mesmas:

MILHO 8–10%
MANDIOCA 1,5%
BATATA DOCE 1,5–2%

É por essa razão que os criadores lançam mão dos fenos, tortas e farelos:

FENO DE ALFAFA ...... 14% de proteínas,
FARELO DE TRIGO .... 14% de proteínas,
TORTA DE ALGODÃO .. 45–48% de proteínas e
TANKAGE .... 40–60% de proteínas, para completarem as rações, de acôrdo com as exigências de cada caso.

Por êsse motivo é que, atualmente, grandes quantidades de torta de algodão são empregadas na alimentação animal, em São Paulo. Mas não devemos nos

esquecer de que, se, no momento, a torta de algodão pode ser adquirida por preço relativamente baixo, em virtude da situação criada pela guerra, isso não acontecerá quando êsse produto puder ser exportado, podendo então dobrar de preço. Desde que isso se verifique, naturalmente contribuindo para manter o algodão em bom preço pago ao lavrador, caberá então ao feijão soja o papel de fornecedor principal de alimento proteinoso barato, porque de produção própria na fazenda, para completar os vários tipos de rações destinadas ao gado explorado nas fazendas de café : bois de engorda ou de trabalho, vacas leiteiras, cavalos, porcos, galinhas, etc.

Como dissemos, o feijão soja oferece várias modalidades de utilização e, além disso, é uma planta altamente eficiente sob o ponto de vista alimentar, razões que foram bem compreendidas pelos lavradores norte-americanos, que semeiam anualmente cêrca de 2.000.000 de alqueires de terra com essa leguminosa, ao passo que, em 1935, não passava a área cultivada de 900.000 alqueires, e em 1907 abrangia apenas 8.000.

*
* *

FORRAGEM VERDE E FENO DE FEIJÃO SOJA

O feijão soja dá forragem verde e feno que substituem os de alfafa, de mais difícil obtenção.

As qualidades alimentícias da forragem verde e do feno de alfafa e feijão soja, podem ser apreciadas pelos dados abaixo mencionados, obtidos em várias partes :

	Matéria sêca	Proteínas	Matéria graxa	Matéria não azotada	Celulose
FORRAGEM VERDE	PORCENTAGENS				
— Alfafa	24,0	4.5	0,8	9,6	6,8
— Feijão soja	23,6	4,1	1,0	9,8	6,3
FENO					
— Alfafa	91,7	16,0	2,6	37,1	27,1
— Feijão soja	91,6	15,8	3,8	38,8	24,3

O feijão soja da variedade "Otootan", de sementes pretas, produz, em nossas condições, 40–50 toneladas de forragem verde, por alqueire, dentro dum período de mais ou menos 80–90 dias. Essas quantidades de massa verde dão cêrca de 8–10 toneladas de ótimo feno.

Êsses números servem para orientar o lavrador na determinação da área a semear para atender às necessidades da propriedade, auxiliado ainda pelos dados referentes às quantidades de forragem verde ou feno que entram nas rações de cada tipo de animal. Aqui citamos algumas indicações do Prof. Athanassof :

Quantidade de forragem verde para a ração de porcos : leitões e capadetes : 200–3000 gr. ; varrascos e porcas : 1.000–5.000 gr. e capados na ceva : . . . . 500–3.000 gr..

Quantidade de forragem verde para a ração dos bovinos : 10–35 kg. ou sejam 3–7% do pêso vivo do animal.

Quantidade de feno para a ração dos bovinos : 2–10 kg. (em média 3–5 kg.), por dia e por cabeça.

Essas quantidades são quase sempre fornecidas aos animais sob a forma de forragens de gramíneas. Todavia, tais rações se tornam tanto mais nutritivas quanto maiores forem as quantidades de forragens de leguminosas que entrem em substituição.

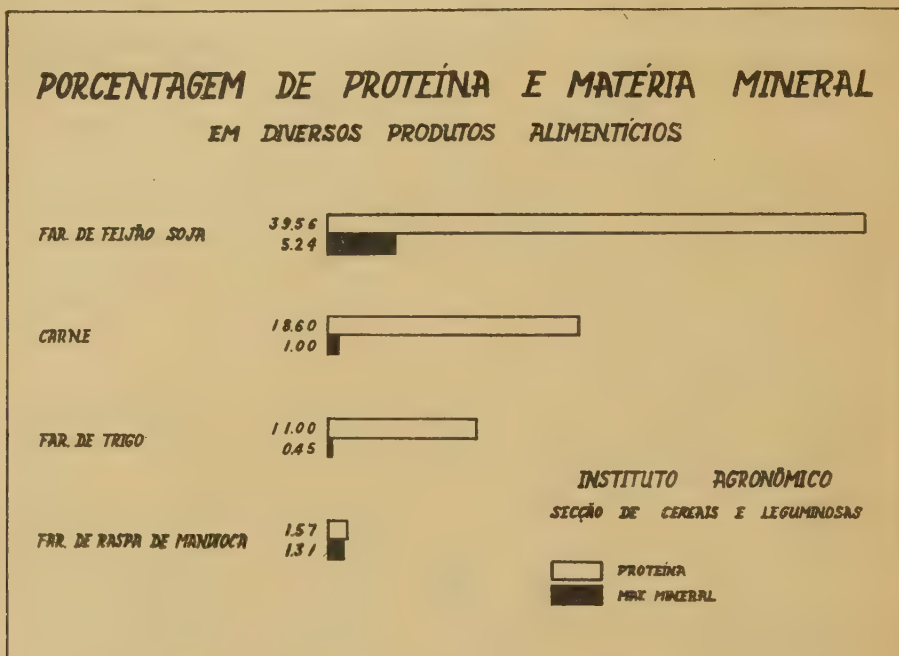



Gráfico 3

Além disso — "uma plantação de soja com milho, para pasto dos porcos no sistema extensivo, é de grande vantagem. O feijão soja bem como o milho, são ótimos alimentos para porcos, pois, no tempo próprio, sôlta a porcada aí ela encontrará alimento de sobra para desenvolver-se e engordar, deixando no terreno o estêrco", segundo aconselha o autor acima referido.

UTILIDADES DAS SEMENTES

Retornemos ao exemplo do lavrador que semeou 10 alqueires com feijão soja. Baseado nos cálculos das necessidades da fazenda, vamos dizer que destinou 2 alqueires para produção de forragem verde ou feno, restando, pois, 8 alqueires para produção de sementes. Confirmando os resultados de experiências realizadas, culturas em grande escala têm produzido, entre nós, 3.000–4.000 kg. de sementes por alqueire. Admitamos, entretanto, que êsse lavrador colha 3.000 kg. alq. ou ainda 24.000 kg. em 8 alqueires. Ora, atualmente é muito grande o número de fazendas mistas que consomem anualmente maiores quantidades do que essa, em torta de algodão e vários farelos. Todavia, qualquer esfôrço por parte dos fazendeiros, no sentido de produzir feijão soja, em maior ou menor escala, além de beneficiar a propriedade, pelo consumo de matéria prima de sua própria produção, ainda redundará em menor solicitação dos produtos oferecidos pela indústria, diminuindo assim as condições que favorecem a alta de preços de tortas e farelos, sub-produtos industriais.

(Continua no próximo Boletim)

Produção de cafés despolpados

Ruy da Costa Ferreira

Em considerações anteriores em torno dos nossos cafés despolpados, tivemos ocasião de demonstrar o quanto é incipiente ainda o preparo desses cafés entre nós e as vantagens que poderiamos auferir alargando o seu comércio. Efetivamente, a produção de tais cafés, no Brasil, teve, por assim dizer, um mal de origem : foi sempre incerta e diminuta, não chegando, por isso, a interessar os mercados externos, que os foram procurar em outros países, com volume de produção certo e sempre igual. E, no entanto, existem determinadas razões para que procuremos inverter essa situação. As nossas zonas produtoras de cafés de boa bebida representam uma minoría em relação às demais onde a qualidade de produto não reune as características que definem um café fino. Exatamente nessas regiões, cujos elementos estranhos não favorecem a produção de cafés de terreiro de boa qualidade é que o esforço do homem deverá procurar fazê-lo. E isso se poderá conseguir com o despolpamento : o café cereja é sempre bom, quer seja de uma zona previlegiada ou não. São as mudanças por que passa o café, até atingir a sua fase final de maturação que alteram, em certas zonas, a qualidade deste. Os inconvenientes geralmente alegados quanto ao nosso sistema de maturação, que não permitem a colheita do cereja, de uma maneira regular, poderão ser vencidos, desde que haja a conjugação da boa vontade do produtor com a proteção e os favores que os cafés despolpados deverão merecer. Maiores dificuldades encontraram os nossos concorrentes de outros países, onde o custo da produção é caríssimo e o clima desfavorável. Além disso, quando se demonstra a necessidade do Brasil incrementar o preparo de cafés despolpados, não se pretende que, de um ano para o outro, passemos a produzir a totalidade das nossas safras de cafés desse gênero : basta que isso se dê em escala, embora relativamente pequena, mas que represente um volume favorável à sua exportação.

Já temos frisado, igualmente, que outros países, por uma imposição do próprio meio em que o cafeeiro foi aclimatado, passaram a produzir quase que exclusivamente cafés "lavados". Já por ser êsse o único processo de preparo adatável às suas circunstâncias, já por quererem manter a hegemonia dos cafés desse gênero (que na Bolsa de Nova York merecem uma cotação especial), o certo é que souberam tirar partido dessas circunstâncias, transformando-se de pequenos e isolados produtores, em nossos grandes e sérios concorrentes em matéria de qualidade.

Muita dúvida sempre surgiu, entre nós, com relação à produção de cafés despolpados nas zonas em que, pelas suas condições especiais, o produto já é na-

turalmente fino. Há os que são pelo despolpamento nessa região, alegando que o café melhorará muito pela modificação da côr e aperfeiçoamento da bebida como há, também, os que combatem essa asserção por acharem que, nas zonas tidas como previlegiadas à produção de cafés de qualidade, desnecessário se torna o trabalho de despolpamento. Os cafés de terreiro finos valem efetivamente, pelas suas qualidades próprias de estílo e bebida, dispensando, portanto, outros requesitos de preparo. O despolpamento, entre nós, deveria estender-se de preferência aos cafés cujos característicos de qualidade são insuficientes para impô-los aos mercados exigentes quanto à bebida. Há, ainda a acrescentar, um fator de grande importância para os cafés despolpados — a fava — a qual, nas zonas produtoras de cafés de fina bebida, é geralmente pequena. Entre um café de terreiro fino e um despolpado em idênticas condições, ambos sem os requisitos de fava, não existe pràticamente diferença de qualidade, sob o ponto de vista comercial. Despolpar café, pois, em determinadas regiões previlegiadas, representa um esforço inutil daquele que pretende auferir lucros com êsse processo. O que pesa na balança são os nossos cafés "duros", ao passo que os nossos cafés finos de terreiro, por não encontrarem similares em outros países produtores, representam para nós um previlégio de produção. Outro inconveniente, é o despolpamento do "bóia" pelo processo de "maceração", que já teve sua larga vulgarização em muitas fazendas de São Paulo. Si o principal objetivo, quando se despolpa um café é melhorar a sua qualidade, é inadmissível que seja lançado mão desse meio apenas para melhorar aparentemente o produto. Um café "bóia" de bebida "dura" ou "Rio", continuará a ser sempre da mesma bebida, após a "maceração".

Destruir as matas é secar as fontes das aguas

Aclimatação e climas cafeeiros do mundo

Dr. Adalberto de Queiroz Telles Jor.

I.

ADAPTAÇÃO AO MEIO

É crença generalizada entre os nossos lavradores que o cafeeiro, em nosso meio, adaptou-se perfeitamente ao regímen de cultura a pleno sol, *aclimatando-se maravilhosamente*. É uma convicção errônea, infelizmente, como passaremos a ver.

Em biologia (1) distinguem-se três tipos ou maneiras de adaptação de um ser vivente, a um novo e extranho meio.

Diz-se que há *acomodação*, quando um vegetal, transportado de uma região para outra, consegue viver precariamente, sem poder propagar-se, para, finalmente, vir a desaparecer, quando houver uma modificação qualquer em seu novo ambiente.

Há *aclimatação*, quando a planta, removida pelo homem, pode viver e prosperar em seu novo meio, enquanto lhe são dispensados cuidados especiais.

Há, finalmente, a *naturalisação*, quando o vegetal consegue, em sua nova pátria, viver, prosperar e propagar-se sem a interferência do homem.

Os nossos cafèzais, nos vinte primeiros anos de vida, dão-nos a impressão perfeita de se terem aclimatado, só vindo a perecer, si forem abandonados os tratos culturais. Mas, passado êsse período, com o desaparecimento do húmus milenar do solo e a diminuição da umidade relativa do ar, em conseqüência da vandálica destruição das matas, surge, então, a modificàção do meio, que vem acarretar a sua destruição lenta mas fatal. Não há recursos, economicamente falando, que consigam restabelecer uma nova lavoura insolarada, onde, uma velha tenha acabado de desaparecer.

Por não se ter o cafeeiro aclimatado mas, sòmente acomodado, é que a onda verde, partindo do Rio de Janeiro, foi caminhando para o oeste e, cento e poucos anos após, já está batendo nas barrancas do rio Paraná, delapidando e destruindo as últimas e preciosas reservas florestais de S. Paulo.

Um exemplo típico, já não de aclimatação mas, de naturalização, nos é exibido pelos cafeeiros encontrados nas ralas e raras matas, ainda existentes nas vizinhanças de cafèzais. São, geralmente, provenientes de sementeiras antigas ou nascidos de grãos transportados pelas aves e pelas enxurradas. Esses pés, abandonados a si mesmos, sem nunca terem tido o menor trato ou cuidado, são vistos sempre verdes e sadíos, enquanto os seus irmãos insolarados se estiolam quando se passam várias luas sem chover.

Tanto não se aclimatou que a um pé por cova, como é do conhecimento de todos, o cafeeiro não tem resistência para subsistir. Êle necessita, para a sua auto defesa contra os rigores da canícula, do *artifício* de ser amontoado com vários outros, em uma só moita. E a técnica agrícola moderna já demonstrou fartamente que, para se obter melhores e maiores colheitas, deve-se fazer a plantação por pés individuais e nunca por moitas.

Todos os nossos concorrentes, por intermédio do sombreamento, *naturalizaram* os seus pés de café. E esse ideal, para uma planta exótica, foi conseguido, simplesmente porque lhe foi proporcionado o ambiente de seu "*habitat nativo*".

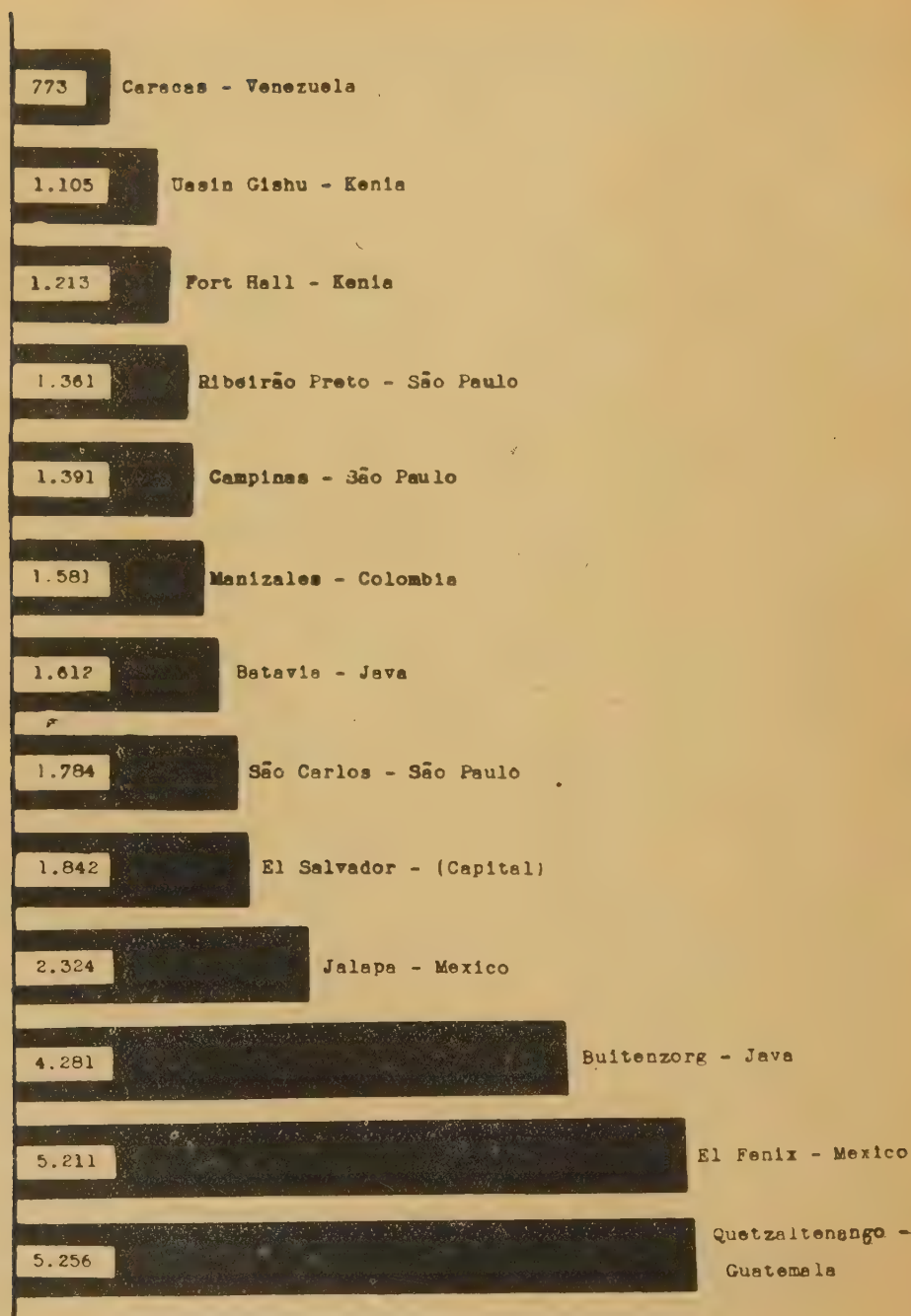



FIG. N.º 1. — Gráfico comparativo da queda pluviométrica de algumas das regiões produtoras do mundo.

Desde os estudos de Chevalier (2), é que se ficou sabendo não ser o cafeeiro originário da Arábia Feliz, mas das encostas do Gessima, na Etiópia. Alí, o *Cofea Arábico* é encontrado em estado nativo, em clareiras florestais, entre 1.200 e 2.000 metros de altitude. Alí, êle se acha abrigado e protegido pelas copas de grandes árvores, contra a insolação excessiva ou os ventos frios. Alí, o termómetro raramente se eleva acima de 30°C. e nem desce a menos de 5° acima de zero. Alí, as chuvas, bem divididas em duas estações, apresentam uma média anual entre 1.000 e 1.500 mms.. E, finalmente, alí, a umidade relativa do ar é elevada e propicia ao cafeeiro o *bafo do sertão* de que tanto falam os nossos velhos lavradores, como exigência primordial para a formação de uma boa lavoura.

É corrente, entre os nossos fazendeiros, a afirmação categórica de que o nosso clima é tão bom para o pé de café que constitui, no universo, o único recanto onde êle pode viver a pleno sol. Uma comparação rápida e sucinta dos vários climas cafeeiros do mundo, nos mostra claramente como é também falaz e errônea esta outra convição. Em cada região, onde a preciosa rubiâcea vegeta economicamente, existe um clima peculiar. Alguns, comparativamente aos nossos, são totalmente superiores ou inferiores, e outros, parcialmente melhores ou peores, dependendo deste ou daquele fator climatérico predominante.

Para se poder comparar climas os mais diversos, inúmeros fatores devem ser confrontados, principalmente os agentes físicos. Destes, usaremos comumente a temperatura do ar e o regímem das chuvas, por serem os de mais fácil compreensão e manuseio e para não tornar muito longo, complicado e prolixo êste pequeno apanhado.

Um dos fatores de especial influência sôbre a vida, morfologia e produção do cafeeiro, é a radiação solar. Quanto a êsse fator, não podem ser feitas comparações climatéricas, porque é sòmente entre nós que êle atua totalmente sôbre os cafeeiros ; nos demais países, é filtrado pelas árvores de sombra. Quando em excesso, êle é extremamente maléfico e prejudica sensivelmente o desenvolvimento e a produção, como ficou bem demonstrado pelo brilhante e primoroso estudo de J. Guiscafré Arrilaga e Luís A. Gomes (3), realizado na Escola Agrícola de Mayaguez, em Porto Rico (Possessão dos Estados Unidos).

Isto já tinha sido verificado empiricamente, entre nós, tanto que M. Piettre (4) observou que, no Est. do Rio, os cafèzais raramente atingem os cumes das montanhas, por estarem estas brutalmente expostas aos raios solares, durante os dias de verão. Que o sol faz mal ao pé de café foi, também, "descoberto" pelo caboclo administrador de minha fazenda, quando, por sua conta e para tirar as suas dúvidas sôbre o sombreamento, construiu um pequeno girau de bambus, sôbre um cinqüentenário e ressequido cafeeiro, causando conseqüentemente a sua revivecência, facultando-lhe o meio de atravessar bonançosamente a sêca, em melhores condições que seus vizinhos anteriormente mais viçosos.

A ação perniciosa da faixa *infra-vermelha* da radiação solar, sôbre a vitalidade dos grãos de café, ficou bem esclarecida pelas experiências de Oscar Ribeiro (12).

Do lote exposto a êsses raios, durante 100 horas, nenhum grão germinou mais. Estavam todos mortos, ao passo que, da mesma amostra, nasceram 96% das testemunhas.

São êsses raios os causadores da desigualdade e diversidade no tamanho dos nossos grãos de café. Conforme se acham mais ou menos expostos, vão sucessivamente morrendo, não continuando, naturalmente, o seu desenvolvimento. É esta a causa primordial da formação dos chochos e miúdos nos ponteiros, e não a falta de seiva nesses ramos, como é crença generalizada.

É sabido que um grão de café vivo não branqueia nem mancha. Os "milds", produzidos no ambiente protetor das árvores de sombra, por serem grãos de café vivos, mantêm eternamente inalterada a sua bela côr verde. Os grãos brasileiros, que não pereceram no cafèzal, vêm terminar, no terreiro, a sua transformação em matéria morta, e, por isso, mancham-se, desvalorizando-se em pouco tempo, quando são guardados em um ambiente pouco mais saturado de umidade. Santos, por exemplo.

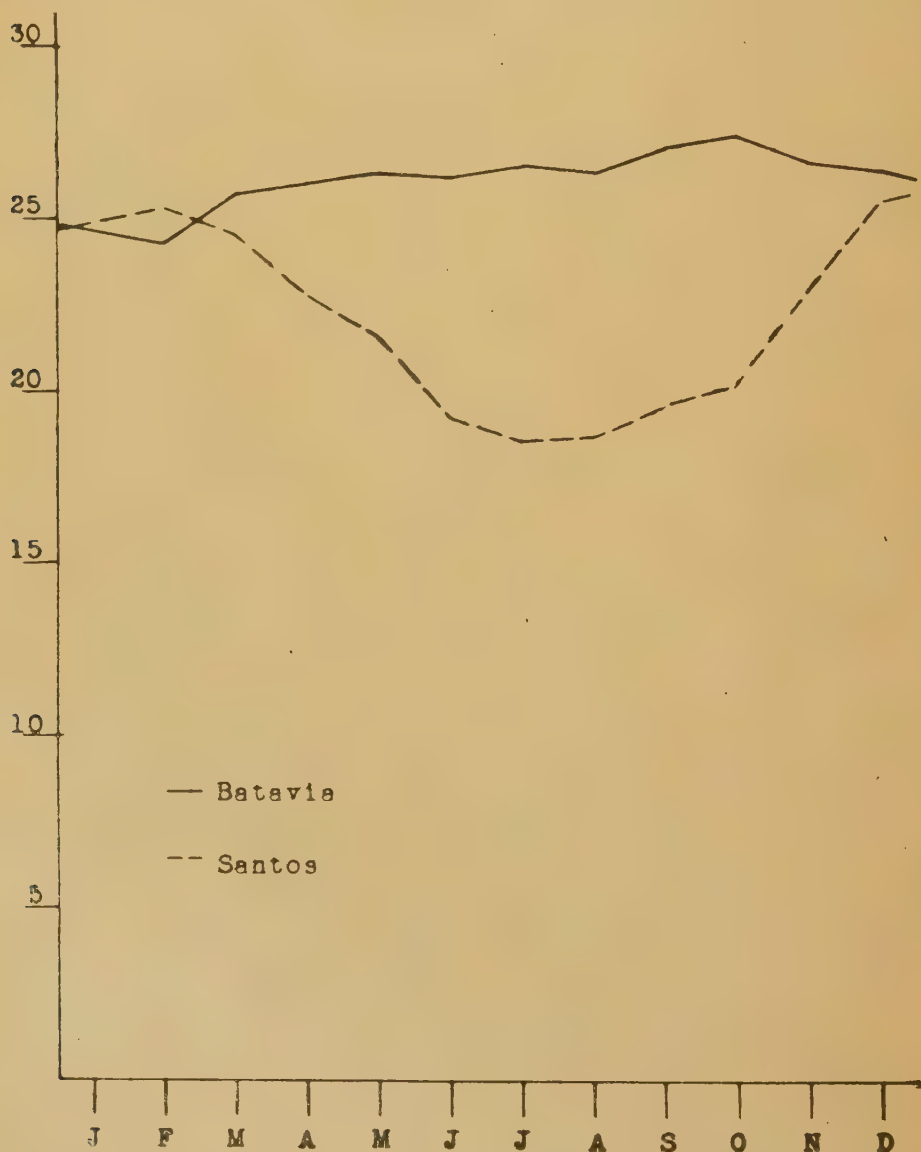



FIG. N.º 2. — Gráfico comparativo entre as temperaturas médias mensais entre Batávia e Santos.

CLIMAS CAFEEIROS DO MUNDO

Iniciando no outro lado do globo terrestre, na Malásia, vamos percorrer sucintamente os climas dos principais produtores, das zonas onde a cultura cafeeira pode se desenvolver normalmente. Dessas paragens longínquas, as Índias Neerlandesas são os maiores exportadores.

Possessões Holandesas. Segundo J. Dumont Villares (5), o clima dessas ilhas é invariável o ano inteiro, a não ser nas precipitações aquosas, o que marca as suas estações, mas estas, mesmo não faltam durante o tempo das sêcas, só sendo menos abundantes. A temperatura no litoral varia de 16° a 34°C. (com máxima de 37°C.), mas a sua média é de 24° a 26°C., de dia ou de noite, todo o ano ; esta no interior, baixa de 1°C. em cada 200 metros de aumento na altitude. O grau de umidade relativa é muito alto, especialmente em Sumatra, perto de 100%. A quantidade de chuvas em Java é de 2.400 mms. em média geral, sendo estas de 3.000 mms. no oeste e 2.000 mms. no éste. Em certos lugares chega a média a ser de 4.281 mms. (Buitenzorg). Em Batávia, ao nível do mar, a média das temperaturas Mxs. é de 29,9° e a das Mns. é de 23°C., com 1.612 mms. de precipitações pluviais anuais. Em F. de Kock (Sumatra), a mais de 900 ms. de altitude, a média das Mxs. é de 25,3° e a das Mns. de 17,7°C., com a queda das chuvas de 2.025 mms.

Êste último clima, ameno para aqueles rincões, é aproximado ao de Santos (6), onde a temperatura média é de 21,8°C. e são de 25,9° e 18,9°C. as médias das Mxs. e Mns. respectivamente, com 2.198 mms. de precipitações anuais e 78% de umidade relativa do ar. (Fig. n.° 2) O clima do nosso porto é agradável, em comparação ao da grande maioria das regiões daquelas ilhas tórridas. E quem, no Brasil, pensaria em plantar café em Santos ? Com o sombreamento, entretanto, isso seria possível, como Java ou Sumatra bem o demonstram. Aliás, nos quintais dos pescadores, quer na Bertioga, quer na Praia Grande, quer em outros locais do litoral paulista, são encontrados belíssimos cafeeiros, devidamente protegidos pelas copas de árvores frutíferas.

Referindo-se às árvores de sombra na Insulíndia, J. D. Villares afirma :

> "A questão das árvores de sombra é, naturalmente, de primeira monta neste país, pois são elas indispensáveis na maioria da sua extensão. O efeito principal dessas árvores é de regularizador da temperatura e umidade. Por isso, a sombra é necessária em tôdas as zonas da ilha, necessitando-se de sombra mais densa nas zonas mais quentes".

Índia Inglesas. O maior produtor do continente euro-asiático é a *Índia Inglesas.* A temperatura da sua zona cafeeira (5), situada entre 330 e 1.800 ms. de altitude, varia de 13° a 27°C., sendo a sua média de 21° a 22°C.. Há chuvas bem repartidas, nos seis meses de vegetação, sendo os meses de Dezembro a Março sêcos, para a colheita. Tôdas as suas plantações são sombreadas.

Kênia. No continente africano, o maior produtor é a Colônia de Kênia. A sua zona cafeeira está situada em um planalto, desde 1.500 até 2.300 ms. de altitude. Por não se achar essa sua região protegida e beneficiada climatèricamente pela proximidade equilibradora dos oceanos, os seus cafèzais estão sempre expostos aos danos causados pelos violentos extremos da temperatura, existindo sempre os riscos de ventos frios, geadas, sêcas e chuvas de pedras, como sucede com as nossas lavouras.

Dumont Villares (5) afirma que "em muitos lugares a sêca é muito prolongada e muito prejudicial à lavoura, sendo o maior impedimento ao seu desenvolvimento".

Encontra-se, no relatório deste nosso douto patrício, o mais brilhante e mais completo dentre todos os trabalhos descritivos até hoje publicados sôbre o conjunto dos países produtores, a seguinte informação :

> "Na ânsia contínua de melhorar a prática, os fazendeiros têm experimentado as árvores de sombra, em certas regiões, e com grandes vantagens, especialmente onde há o excesso de sêca, calor, chuva de pedras, perigo de geadas ou ventos prejudiciais."

Estas palavras, escritas há cerca de 20 anos, resumem numa só frase todos os malefícios climatéricos que estão destruindo os cafèzais brasileiros insolarados, bem como dão prontamente o remédio seguro e eficaz que Kênia soube encontrar em tempo oportuno.

A 1.500 metros de altitude, em Fort Hall, a média das Mxs. é de 80,3°Fahr. ou 26,8°C. e das Mns., 59,4°Fahr. ou 15,2°C.. Em Nandi, a 2.000 ms. de altitude, a média das Mxs. é de 75°,Fahr. ou 23,8°C. e das Mns., 51,3°Fahr. ou 10,7°C. conforme as localidades de suas zonas cafeeiras, as suas precipitações pluviais (8) vão de 760 a 1.780 mms. por ano, sendo, portanto, inferiores, às do planalto paulista.

FIG. N.° 3. — Gráfico comparativo entre as médias das temperaturas Mxs. e Mns. da Capital Paulista e de duas regiões cafeeiras de Kênia.

O clima de Kênia é tão ou mais fresco ou frio que o da própria capital paulista, onde, em 34 anos (6), as médias das Mxs. e Mns. foram de 24,3° e 14,1°C., respectivamente (Fig. n.° 3). E, no sistema insolarado, o Município de S. Paulo é considerado inadequado para a cultura cafeeira.

(Continua no proximo boletim).

Adubar sàbiamente é manter a fertilidade da terra, que é o maior patrimônio do agricultor e do país.

Resumos e Transcrições

CONSUMO DE CAFÉ

(Resumo por R. C. F.)

Uma das meritórias medidas postas em prática pelo D. N. C. e pela Superintendência do Café de S. Paulo é, sem dúvida, a que se relaciona com a propaganda para o aumento do consumo do bom café no país, a qual teve início, com a instalação, na metrópole e em alguns Estados, de modernos estabelecimentos de degustação. Efetivamente, a indústria e o comércio de café torrado, no Brasil, vinham exigindo, como já tivemos ocasião de apreciar através das colunas deste Boletim, cuidados especiais. Somos um povo que ainda bebe sofrìvelmente café. Com exceção de São Paulo, onde, por força de um conjunto de circunstâncias, o produto é comparativamente melhor do que o de outros Estados, o resto do país desconhece o que seja realmente um bom café em chícara. Mas, mesmo no principal Estado cafeeiro, poder-se-ia afirmar que se beba, tanto na Capital, como no interior, a preciosa rubiácea, preparada com todos os requisitos necessários ? — Na Capital, o uso generalizado do chamado "café em pé", quase sempre repleto, fez com que o paulista passasse a ingerir ràpidamente uma infusão quente, sem emprestar grande importância à sua qualidade ; no interior, o costume vindo de muito longe, de se torrar o café em recipientes inadequados, apertando-se demasiadamente o seu "ponto" de torração, permitiu, por assim dizer que, de um modo geral, o consumidor deixasse de avaliar a preciosidade que é um bom café, torrado no seu ponto exato para consumo. Isso tudo, aliado ao desconhecimento que os princípios comezinhos da técnica aconselham, tais como ferver a água, prepar a infusão e escolher o vasilhame destinado ao preparo da bebida, constitue motivo para que se acredite que ainda temos muito que apren-

der ou educar, para que o aumento do consumo do bom café seja, um dia, entre nós, uma realidade.

Como se vê, precisamos é incentivar a campanha iniciada com um carater eminentemente educativo. Mesmo nos lugares onde o consumo já se acha dilatado, êsse trabalho é também indispensável. O brasileiro acostumou-se a aceitar todo o café que lhe é oferecido, pois, em regra geral, não sabe distinguir o bom do mau café.

Outro detalhe que deve merecer atenção é a padronização da bebida, para efeito de rotulagem. Como é sabido, o Brasil possue cafés para todos os paladares e de vários tipos, que obedecem a uma tabela de classificação generalizada. Os cafés variam muito de Estado para Estado, não só quanto à qualidade, como pela produção normal dos tipos. A produção média, que em São Paulo pode ser do tipo 5, nos demais Estados, como Pernambuco, Bahia, Espírito Santo ou Rio de Janeiro, poderá ser do tipo 7/8. Todos esses cafés apresentam diversidade sensível na sua bebida principalmente no que se refere aos cafés "moles" de algumas regiões. Além disso, o café que no Distrito Federal, com gosto "Rio", é considerado bom, nos demais Estados, onde essa bebida não se acha vulgarizada, é tido como de inferior qualidade. O mesmo se dá no Rio Grande do Sul, onde o café, para ter maior aceitação, deve ser adicionado com açúcar e torrado em ponto bastante apertado.

Importantes problemas agrícolas focalizados pelo snr. Fernando Costa

Um importante discurso de S. S. à comissão de lavradores que o foi visitar em palácio.

Respondendo às saudações que lhe foram dirigidas pela comissão de lavradores de café que o foi visitar, para agradecer as medidas tomadas por S. S. em prol da classe, o Sr. Interventor federal pronunciou, de improviso, o seguinte discurso que com o maior prazer transcrevemos.

Nessa peça, ao lado de idéias eminentemente práticas foi mais uma vez patenteado o devotamento de S. S. à agricultura, ou, mais que isso, ao nosso solo, às nossas matas, a tôdas as nossas riquezas nesse setor, mais importante que qualquer outro para a nossa atual economia e para o nosso futuro.

Divulgando-o, pois, não é nosso intuito apenas homenagear a S. S., mas divulgar conceitos que, mais do que nunca, merecem ser divulgados.

Discurso do snr. Fernando Costa

Finalmente, usou da palavra o sr. Fernando Costa, que, de improviso, pronunciou a seguinte oração:

"Meus caros amigos.

Colhido de surpresa pela vossa visita tão gentil, agradeço-vos de coração esta manifestação da lavoura de café de São Paulo.

De coração agradeço, como disse, tôdas as manifestações de meus amigos do interior, aos quais sempre recebo com imensa alegria. Sou lavrador como vós, conheço bem as necessidades do homem do campo e por elas me venho batendo, continuamente, desde minha juventude. Hoje, quando os cabelos brancos já me cobrem a cabeça e quando já dobro o espigão da vida, vai êsse amor aumentando em mim, dia a dia, e meu coração palpita, cada vez mais intensamente, no desejo de fazer da zona rural de São Paulo uma zona bela, uma zona feliz, em que seus habitantes possam gosar da mesma felicidade de que desfrutam os habitantes das grandes capitais.

Frizo sempre, em meus discursos, a tremenda desigualdade que existe entre o homem da gleba, que labuta de sol a sol, enfrentando as intempéries, no afã de criar riquezas, e o habitante das grandes cidades, que trabalha quase despreocupadamente, esperando, confiante, que da zona rural venham o leite, as frutas, as verduras, os variados produtos que satisfaçam suas necessidades e, também, o ouro de que precisa a economia da nação.

Graceja-se, as vêzes, com os homens do campo: "plantando dá", é a voz corrente. Mas, não é sozinha que a terra dá; hoje ela só produz se houver a técnica, amparando o esfôrço, secundando o sacrifício do agricultor.

No mesmo tempo das florestas, das matas virgens, as derrubadas punham à disposição do agricultor uma terra nova e rica, onde bastava lançar-se a semente para ter-se uma produção abundante, compensando largamente o produtor. Mas de tempos para cá o panorama mudou. As terras não tem a mesma fertilidade de outrora, já se empobreceram pelas culturas sucessivas e a agricultura, para ser rendosa, precisa ser científica, racional.

É por isso que não me canso de chamar a atenção dos paulistas para as diferenças que distinguem o ciclo das florestas do ciclo das terras cansadas. No ciclo das florestas, derrubadas as matas, formavam-se os cafezais, plantando-se, entre as árvores, cereais e leguminosas : a produção vinha, então, satisfazer as necessidades de todos os mercados, dos grandes centros e da exportação. Mas hoje, não. As terras dos cafezais estão cansadas e já não permitem as culturas intercaladas. O solo se empobreceu.

Nos discursos que tenho pronunciado no interior, venho procurando explicar bem a S. Paulo êsse panorama e o fenômeno a que nós, os homens do campo, estamos assistindo. Ou São Paulo envereda para a política da racionalização agrícola, adotando métodos científicos de trabalho, ou transformará suas terras, empobrecidas, em capinzais para o pastoreio do gado. Veremos reproduzir-se, então, em S. Paulo, o mesmo fenômeno que contrista o Norte do país : dezenas e dezenas de quilômetros de terras despovoadas, sem culturas nem habitações — a decadência e o abandono.

Ontem mesmo, palestrando numa roda de amigos, dizia eu que se São Paulo se transformasse num mero Estado pecuarista, seus doze milhões de alqueires de terra, produzindo de renda duzentos cruzeiros por alqueire — que é uma renda grande, na criação ou na engorda de gado — lhe forneceriam a insignificante quantia de um bilião e meio a dois biliões de cruzeiros para a satisfação de todas as suas necessidades.

Seria isso desejável, meus senhores, quando necessitamos, somente para os orçamentos do Estado, no ano que vem, de dois biliões e trezentos milhões de cruzeiros ? Sem contar os impostos federais, que devem andar em igual quantia e os impostos municipais ? Ser-nos-ia possível viver com aquela produção, quando precisamos contribuir para os serviços públicos — estaduais e municipais — com cinco biliões de cruzeiros ? Poderíamos, de uma hora para outra, transformar os espigões, outrora cobertos de verdejantes cafezais, em pastagens para criação de gado ? Não, não poderemos. Seria a falência de S. Paulo !

Temos necessidade de gado nas fazendas, ao lado das culturas, como elemento fornecedor de leite, de carne e de adubos ; mas não podemos dedicar-nos exclusivamente à pecuária, como se faz em outros Estados, que se estão despovoando e perdendo, graças à implantação dêsse regime, a sua importância econômica.

Portanto, se as deficiências dos cafesais vão aparecendo, devemos tentar reconstituí-los, lançando mão de novos meios, empregando novos processos. Encarreguei, por isso, o meu secretário da Agricultura, que é um técnico, que é um professor de agronomia, de reunir os agrônomos de São Paulo e iniciar o estudo da reconstituição dos cafezais nas terras melhores, nos espigões mais favoráveis, defendendo a terra contra a erosão por meio de plantações em curvas de nível, agricultando com melhor técnica, reflorestando conjuntamente a terra. Incumbí-o, enfim, de tentar uma remodelação dos métodos de trabalho nesta fase agrícola do cafesal.

Se, por infelicidade, não pudermos refazer essa cultura, havemos de tentar outras pelos processos mais modernos, irrigando e adubando as terras, selecionando

as sementes, combatendo a erosão, plantando em curvas de nível. E os paulistas, que souberam fazer no passado a riqueza de que desfrutamos no presente, saberão também fazer, agora a riqueza de que gozarão no futuro.

Vamos entrar seriamente, meus senhores, na fase da técnica da racionalização do trabalho agrícola.

Acabo de enviar ao Conselho Administrativo do Estado um projeto de lei que dispõe sôbre a abertura de um crédito de cem milhões de cruzeiros para empréstimos à lavoura, sem juros, tendentes a incentivar a campanha do reflorestamento e a iniciar a campanha da irrigação.

Já temos uma população de oito milhões de habitantes, que não devem restringir-se aos trabalhos de uma só cultura ; devemos aproveitar as épocas apropriadas para outras lavouras e plantar o trigo e o centeio, que, como acabais de ver, dão aquí esplêndidamente. Devemos cultivar também leguminosas, verduras e amoreiras, bem como desenvolver dezenas de outras culturas, cuja produção compensará o agricultor. Devemos variar e incrementar a produção para a maior prosperidade do país.

Aquêles cem milhões de cruzeiros, destinados ao reflorestamento e à irrigação darão início a esta campanha. Com êsse financiamento os lavradores se irão ajustando sob moldes modernos. Será longo o prazo para pagamento, que se fará por cotas, e sem juros. E quando se esgotar aquela importância, maior quantia haveremos de depositar nos bancos, para ajudar o agricultor a realizar a remodelação completa de sua agricultura.

É êste, meus caros amigos, o meu pensamento, já por demais conhecido. Expressei-o já muitas vêzes, porque não me esqueço, em quase todos os meus discursos, do homem do campo.

Os vossos oradores apresentaram sugestões já bem pensadas que eu, neste momento, de improviso, não posso examinar, uma por uma para dar-lhes solução. Mas deve chegar ainda esta semana a São Paulo o ministro Sousa Costa, para aquí realizar uma conferência sôbre assuntos econômicos. Falarei, então com s. exa. sôbre os problemas que me apresentaram os ilustres amigos. E discutiremos, ponto por ponto, as questões referentes ao financiamento, ao crédito agrícola e a tôdas as demais cuja solução dependa, não do govêrno do Estado, mas do govêrno federal.

O problema do café já vem sendo considerado, de longa data, um problema nacional. E devemos fazer justiça, neste instante em que me trazeis vossos agradecimentos pela pouco que o govêrno de São Paulo fez pela agricultura, lembrando o nome do presidente Getúlio Vargas. Tem sido êle um precioso amigo sempre solícito, da lavoura de São Paulo, procurando acudi-la, nos seus transes mais difíceis, com a boa vontade e carinho que dedica a tudo o que se relaciona com a prosperidade da Nação. Estou certo, certíssimo, de que, se o ministro Sousa Costa transmitir a s. exa. o apêlo que acabais de me fazer, apoiar-vos-à imediatamente o sr. presidente da República ; será dado com satisfação o remédio que pedís, porque êle sabe que é um dever auxiliar os lavradores, que tanto fazem pela economia nacional êsse dever êle o cumpre com imensa satisfação. Trabalho há muitos anos com o chefe da Nação e conheço bem seu pensamento sôbre o assunto que ora vos reune perante mim. Não é preciso, pois, alongar-nos mais sôbre êle. Adiemo-lo para um debate franco, com a presença do ministro Sousa Costa. Êle chegará domingo próximo e, talvez segunda-feira, já podereis reunir os agricultores que conheçam

bem o problema, a fim de que, aquí nos Campos Elísios, possamos examiná-los e alcançar para êle uma solução favorável.

Quanto à "Casa do Lavrador" figura também no projeto da abertura do crédito de cem milhões de cruzeiros, a que me referí. Declaro-vos que sentirei imensa alegria no dia em que se concluir a sua construção e eu puder inaugurá-la, com a presença de milhares de agricultores. Aos lavradores alí reunidos poderei então dizer, com satisfação, que êles aquí têm, na Capital, uma casa de justiça que lhes pertence, pelo muito que fizeram em seu permanente culto pela Pátria e em seu constante trabalho pela grandeza do país. Que nessa casa êles possam reunir-se sempre é o meu desejo : não só individualmente mas representados pelas suas associações, em tôdas as ocasiões necessárias, debatendo os seus assuntos, discutindo os seus problemas francamente, com a largueza que lhes proporciona a alta visão de seu patriotismo.

Será êsse dia, para mim, como vos disse, um dia de grande alegria. Peço-vos que transmitais aos vossos companheiros o meu desejo de que seja por êles designada uma comissão que, juntamente com o engenheiro a ser indicado pela Secretaria da Viação e Obras Públicas, estude um belo projeto para êsse prédio, que deve ser confortável e que, pela sua beleza, honre também esta Capital.

Agradeço, penhorado, a vossa visita. As portas dos Campos Elísios estão sempre abertas aos lavradores de São Paulo, porquanto as palestras que mantenho convosco me encorajam, nesta minha luta constante de homem de govêrno. As dificuldades que se antepõem à administração são inúmeras, principalmente nestes tempos de guerra, mas tenho sempre os olhos fitos na zona rural, pois é a ela também que temos de recorrer, em busca dos elementos necessários ao engrandecimento do Estado de São Paulo e do nosso querido Brasil.

Abateu-me profundamente esta sêca tremenda que assola a agricultura paulista. Disse, mesmo aos meus auxiliares de govêrno, que tudo o que se estava fazendo não teria valor, se uma copiosa chuva não viesse irrigar as nossas terras e fazer com que germinassem as sementeiras prometedoras das messes com que acudiremos às nossas necessidades.

Mas parece que Deus ouviu as nossas preces, e as chuvas começam a cair. Deus permita que elas continuem, para que S. Paulo, com o auxílio da vossa inteligência e a longanimidade da natureza, possa continuar o seu progresso, para a felicidade do Brasil.

Desejo, a todos os lavradores, que Deus os abençoe. Porque é de vós que muito esperamos, de vós é que depende a grandeza e a tranquilidade da pátria".

Terminadas as palavras do sr. Fernando Costa, os visitantes permaneceram, ainda, durante algum tempo, em palestra com o chefe do govêrno, retirando-se a seguir.

Iniciando a campanha pela restauração dos cafezais paulistas, o prof. Melo Morais, Secretário da Agricultura proferiu no Rotari Clube de Santos, a magnífica palestra que a seguir transcrevemos.

Posteriormente, com uma caravana de técnicos, S. S. percorreu uma parte do nosso interior, pondo-se em contato diréto com os lavradores, iniciativa essa digna, por certo, dos maiores encômios.

INDISPENSÁVEL A RESTAURAÇÃO DA LAVOURA CAFEEIRA DE SÃO PAULO

Importantes questões relativas ao café foram abordadas pelo prof. Melo Moraes, em palestra proferida em Santos

Na reunião de ontem do Rotari Clube de Santos, o prof. J. Melo Moraes, secretário da Agricultura, pronunciou a seguinte palestra :

"O automóvel move-se cautelosamente em meio à densa bruma. Holofotes acesos. a margem da sinuosa estrada, roçando os pneumáticos, é que serve de ponto de referência para o motorista. Não se vê quase nada.

De repente, descerra-se a cortina do forte nevoeiro. Santos, lá ao longe, esplende sob a carícia dos raios luminosos do sol. Lindo e deslumbrante panorama.

Algo bizarro, porém, se desenha aos olhos. Capricho da natureza ? Quem o sabe. Talvez, mais acertadamente, miragem entretecida pelo cérebro que revê o passado já distante. É que a cerração espêssa, e o entreabrir-se para desvendar a cidade iluminada, delineia, no ar, o perfil de Braz Cubas — o conquistador da terra.

São Vicente é de Martim Afonso, Santos é Braz Cubas. Os Andradas, já em baixo, em bronze, representantes lídimos do descortínio e senso político, sorririam, se revissem, ao calor da beleza do painel que se antolhava aos que tiveram a ventura de se encontrar àquela hora, no cimo da serra engrinaldada de névoas a se esgarçarem.

O mar evoca Vicente de Carvalho :

"... brutal e impuro,
Branco de espuma, ébrio de amor,
Tenta despir o seio duro
E virginal da terra em flor..."

Todavia, o cérebro excitado se acalma. O automóvel ziguezagueia, nas curvas. A planície, que esconde e limita o horizonte visual, proporciona ensanchas para a velocidade que tudo confunde, na rápida sucessão de imagens apenas entrevistas.

A Bolsa de Café. Relíquia que áureos tempos que não voltarão mais ? Não o creio. São Paulo é capaz de prodígios. Não foi alí a sêde das maiores transações comerciais em café que se efetuaram no mundo ? Não era para aquela Bolsa que refluiam notícias e ordens, nas asas dos telegramas, a respeito da cotação do café em grão, vindas do Harve, de Nova York, de Hamburgo ? Peitos que arfavam de ansiedade, fortunas que esbarrondavam ou se reconstruiam, em um piscar de olhos.

Foi, sobretudo, na Bolsa de Café, em Santos, que se modelou a economia nacional. O ciclo do café foi mais benfazejo do que o do ouro. O Brasil é quase dádiva da rubiácea extraordinária.

O CAFEEIRO — E o café que fez a grandeza econômica de São Paulo e do Brâsil, foi reflexo direto de Santos de Braz Cubas. Desta cidade trepidante de trabalho e do mavioso Martins Fontes é que saíu o financiamento para o plantio do cafeeiro no interior do Estado. Sem o comissário, a princípio, não se teria recoberto o solo fecundo de Piratininga com o mar verdejante de cafeeiros. Ao depois, surgiram, como defesa dos que arroteavam a gleba, os armazens gerais. O sertão foi conquistado com auxílio monetário de Santos. Para seu pujante e maravilhoso florescimento, ligaram-se Ribeirão Preto, Araraquara, São Carlos etc. aos que negociavam com o café aquí, isto é, por onde em haustos largos São Paulo exporta o que produz à busca de cambiais, e importa o de que necessita para seu desenvolvimento e esplendor.

Não há negar que Santos nunca fôra só café. Foi, porém, o café o precípuo do seu comércio. Empório admirável.

Não se calcule, todavia, que o café, por ser bebida meio exótica, se assim o quiserem, não é de inestimável valor. O "chiclet", que se masca com deselegância, na prodigiosa América do Norte, construiu o único palácio branco, de enormes proporções, em Chicago, cujos bairros industriais são enegrecidos pela fuligem dos fornos e das forjas poderosas. Só com a lavagem dêsse edifício gastam-se mais de duzentos mil cruzeiros anualmente. Chicago não é exclusivamente gigantesco matadouro de suínos e bovinos. Não é também apenas indústria. É o "chiclet".

O fumo, que não passa de vício, serviu para estruturação da economia dos Estados Unidos. E ainda hoje o serve, dando margem à riqueza de agricultores e de industriais.

A psicologia humana, principalmente a coletiva, é muito curiosa. É excêntrica. Aprecia até as nonadas. Com elas, em tessituras que se entrosam, constrói as lendas sugestivas ao redor dos fundadores de religiões. Buda jamais será admitido como simples mortal. Doira-se-lhe a vida com o brilho dos mistérios indecifráveis. Quiçá pelos mesmos motivos é que se transformou o "chiclet" em riqueza para Chicago, o fumo em base da economia agrária para algums Estados na América do Norte . . . E o Brasil a teve no café. Té-la-à ainda ? Não o duvido.

RESTAURAÇÃO DOS CAFEZAIS — Como já assinalei, S. Paulo possuiu os cafezais imensos que teve com o auxílio financeiro que lhe vinha de Santos, das exportações que se efetuavam através da terra bendita dos Andradas, de Vicente de Carvalho, de Martins Fontes. Consequentemente, é preciso que lembre disso e trate de reerguer a produção do café. Para o bem do Brasil, êle não pode desaparecer. A Bolsa daquí necessita fremir de novo aos embates dos pregões, no meio das vozes que asseguram transações de vulto, de milhares e milhões de cruzeiros. Para isso é indispensável que se restaure a lavoura cafeeira, em moldes que não desmintam a capacidade do paulista na criação de bens para a fulgurante abastança do nosso país.

O café será ainda o café, produto de procura internacional, com amplos mercados de consumo. A cafeicultura, porém, em S. Paulo, terá que ser refundida em sua prática. Acena-se-lhe com o sombreamento. O assunto é empolgante, porque diz respeito à prosperidade futura do Brasil, que almejo, de coração, uno, indivisível, espantosamente rico e poderoso.

É possível a execução do sombreamento ? Não existe objeção séria contra isso ? De acôrdo com o que se verificou na Secretaria da Agricultura, ninguem, em tese, é hostil a essa prática, que ora se pôs na ordem do dia, visando os interêsses superiores do país. O que é imprescindível, no entanto, é andar com calma, dando passos seguros no sentido de se levar isso avante, com êxito. Não se pode aconselhar o sombreamento sem reservas, abertamente. Seria um perigo que êle fôsse realizado às cegas.

Em face de dados experimentais, evidencia-se que o sombreamento acarreta, no café, a intensificação do ataque da broca, em várias zonas de S. Paulo. Em outras, não. Por que motivo ? É que a vespa, inimiga natural do estefanoderes, não prelifera aquí e acolá, em condições idênticas. No Vale do Paraíba, ela encontra ambiente mais propício. Disto resulta que o sombreamento alí se entremostra com visos de benéfica medida. Não é viável, porém, criar-se meio adequado à proliferação benfazeja da vespa ? Tudo leva a acreditar que o seja, com técnica a ser adotada, à luz dos ensinamentos de pesquisas já efetuadas em S. Paulo.

A colheita do café, por seu turno, exige prática especial. Sem isso, o estefanoderes prejudicá-la-à de fato. A escassez de braço, portanto, faz jus a ser encarada, de frente. As árvores de sombra e seu compasso no plantio não são coisas de somenos importância. Todavia, confesso com orgulho, que, com os cientistas e técnicos de que dispõe, a Secretaria da Agricultura está apta a proporcionar ensinamentos úteis aos heróicos paulistas que não querem o colápso do café, em S. Paulo, porque amam profundamente a sua pátria. É isso que será iniciado na nóvel e utilíssima Associação Agro-Pecuária do Vale do Rio Pardo, em Ribeirão Preto, centro que foi do apogeu da cafeicultura paulista, orgulho do país. Será a homenagem dos técnicos da Secretaria a todos os que trabalham em prol da riqueza do café, desconhecendo fadigas e canseiras e afrontando com denodo as sombrias e calamitosas crises que ameaçavam tudo destruir, na voragem de instabilidade econômica do Brasil.

Ao depois, esclarecimentos semelhantes, embora diferentes, serão levados a outras zonas, onde vicejam ainda cafezais, que possam sobreviver e ser explorados, apesar das perniciosas geadas e das terríveis sêcas que os flagelaram ultimamente.

Firme-se, pois, bem às claras. É exequivel a restauração da cafeicultura em São Paulo, fazendo-a renascer das cinzas a que se acha infelizmente reduzida. Com o nunca desmentido heroismo dos lavradores, que batalham de sol a sol em busca de bens econômicos para o Brasil. Piratininga poderá ver reflorir seus cafezais. Com êsses abnegados lavradores, e com técnicos, não se duvide que isso seja convertido em ridente realidade.

É só querer isso, com afinco e ânimo. São Paulo o quer assim. A hora é propícia, porque está na interventoria Fernando Costa, o homem da gleba, e êle não recusará recursos e meios para êsse fim. E há de se fazer novamente com que o café seja esteio poderoso do fortalecimento da economia do Brasil. Aconteça o que acontecer, surjam os precalços que surgirem, a cafeicultura sobreviverá aos impecilhos que lhe criaram, que a sufocam. Após a longa noite das incertezas, raiará a redenção da aurora. É que se chegará a compreender nitidamente que o café é uma das grandes riquezas não de São Paulo, mas do Brasil.

Santos rejubilar-se-à ao ruido dos pregões da sua Bolsa. Negócios serão efetuados, à ordem dos lavradores do Estado, com os mercados internacionais.

E ao fechar-se o tarde, à luz crepuscular, Santos, que não cuida apenas do que é material, recordar-se-à embevecida e amorosamente de que:

"Lentamente, no céu côr de opala e de pérola
Sob a lua, escutando a música das horas,
A harmonia imortal das esferas sonoras
Sôbre o espelho de prata algente das areias.
Branca e redonda, espreita o sono das alvíssimas
E lubricas Sereias".

É que Santos jamais esquecerá o seu amado Martins Fontes, finíssimo mágico que tortura a palavra, para fazer versos primorosos e imorredouros da beleza"

(Transcrito dos jornais de S. Paulo, de 28-9-44).

FLORESTA é fator de saude, de estabilidade agrícola e de defesa nacional.

Floresta e "Ulha Branca"

"Quanto mais se devastam as florestas de um país, tanto mais pobre d'água êle fica".

Buffon

Em 26 de julho de 1941, o Centro de Propaganda do Reflorestamento, atualmente Comissão de Propaganda do Reflorestamento, expedia o comunicado número 2, a seguir reproduzido :

"A floresta não só utiliza melhor as chuvas, guardando reservas de umidade para os dias de sêca — escreveu André Consigny — e regularizando a corrente dos rios, como também age dirètamente sôbre a pluviosidade da região".

A sábia medida compreendida em decreto federal, e que determina o reflorestamento, numa faixa de 20 metros de largura, das margens dos rios, muito significa para a proteção dos nossos cursos d'água e, assim, para a manutenção do nosso potencial em "hulha branca".

A necessidade do reflorestamento das cabeceiras e margens dos rios, notadamente no Estado de São Paulo, se evidencia no impressionante rebaixamento do nível em nossos cursos d'água, anomalia que se acentúa de ano para ano, e à qual já aludia, no ano de 1915, a Sociedade Paulista de Agricultura : — "Diminue o volume de águas de todos os nossos rios ; a minguados lacrimais se reduzem grande número de nossos ribeiros, quando, mesmo, só não deixam o vestígio de seus leitos a sêco. As quadras de estiagem cada ano mais se alongam e mais abrazam a atmosfera. A água escasseia em todo o Estado".

Referindo-se a rios da "Cote Sous-le-Vent", M. Gilbert Chatelain, relata : — "Apezar da sêca considerável em certos anos, os cursos d'água não esgotam, sendo todas as montanhas, desta costa, arborizadas. Entretanto, alguns rios, nascendo fora do povoamento florestal, como ribeira em campo, por exemplo, secam quase que completamente. O caso do rio "Bailli" é quase o mesmo, porque só uma parte insignificante da sua bacia está situada na zona florestal".

" . . . É preciso — clamava um soberano da Europa — não adiar a solução do vasto e complexo problema que se refere à reconstituição do patrimônio florestal e à regularização hidráulica do país ; é preciso restituir às nossas montanhas a eficaz defesa que as florestas representam".

Jornais do interior do Estado vêm publicando notícias relativas à crise de energia elétrica, referindo-se à "deficiência de voltagem no fornecimento de energia elétrica e que últimamente vem-se verificando", com prejuizos para a indústria textil, etc.. "Não obstante os esforços desenvolvidos pela empreza fornecedora

de força e luz — noticia um daqueles jornais — também a energia elétrica continua a constituir um problema, pois, **falta a água necessária** para o funcionamento normal das usinas".

Leiamos, agora, estas palavras, verdadeiramente proféticas, escritas, no ano de 1902, por J. N. Belfort Matos :

"O relêvo do solo, em S. Paulo, dota o Estado com um precioso sistema hidrográfico, cumprindo, porém, ao homem inteligente e ao govêrno patriótico promover o banimento do bárbaro processo das DERRUBADAS e das QUEIMADAS das nossas matas, ora reforçadas pelo grande consumo de lenha nas vias férreas nacionais. A continuar tal prática, teremos fatalmente a alteração do nosso regímen hidrográfico, provocando, assim, as CHEIAS RÁPIDAS, seguidas de fortes estiagens, mui prejudiciais às indústrias agrícola e pastoril paulistas. O desnudamento do solo eliminaria, também, grande parte da umidade do ar, tornando-o mais sêco ainda no interior".

Urge, em conclusão, fazer com que seja cumprido o decreto federal relativo ao florestamento das margens dos rios e, ao mesmo tempo, proporcionar algum auxílio aos proprietários ribeirinhos, fornecendo-lhes, gratúitamente, mudas de essências florestais, isentando-os, no concernente às áreas reflorestadas, do imposto territorial, e, mesmo, instituindo o Estado e Prefeituras prêmios de animação a êsse trabalho que representa benefício geral, coletivo, notadamente para os setores de atividade dependentes das usinas hidro-elétricas.

Comenta José Felix Tapia, em "Informaciones" (Espanha) : — "A energia elétrica, mediante a regularização do caudal dos nossos rios por meio de trabalhos hidro-florestais permitiria a captação de 3 milhões de (kilowats"-hora, equivalentes a 20 milhões de toneladas de carvão".

Reflorestemos e florestemos as cabeceiras e margens dos rios, devolvamos "às nossas montanhas a eficaz defesa que as florestas representam", destinemos ao florestamento os espigões, os môrros, as elevações, emfim. Que estas providências não tardem, porquanto o rebaixamento de nível dos cursos d'água anuncia o solapamento, cada ano mais evidente, do nosso potencial em "hulha branca" — tão proclamado, tão decantado e . . . tão desprotegido.

REFLORESTAR, é combater o deserto.

"FLORESTA é fator de saúde, de estabilidade agrícola e de defesa nacional".

(6.ª Comissão de Propaganda do Reflorestamento — Campinas, 6 10 44).

"Contribuição para o estudo das máquinas nacionais de beneficiar café"

pelo prof. *Hugo de Almeida Leme*

O professor da "Escola Agrícola Luiz de Queiroz", agrônomo Hugo de Almeida Leme, acaba de publicar sua tese de concurso, subordinada ao título acima.

O assunto, que para a cafeicultura é sumamente interessante, foi muito bem tratado nas 170 páginas do opúsculo.

Transcrevemos, a seguir, o capítulo "RESUMO E CONCLUSÕES" (páginas 160 a 166 da Obra citada), pelo qual os nossos leitores podem fazer um juizo do mérito do trabalho.

"RESUMO E CONCLUSÕES"

O estudo que ora finalizamos, em obediência ao tema a que nos obrigamos desenvolver, limitando-nos outrossim a ressaltar os pontos mais importantes inerentes ao assunto, que mais de perto interessassem à Mecânica Agrícola, permitiu que chegassemos aos seguintes itens :

1 — O trabalho do preto escravo assim como os demais processos rotineiros empregados no preparo do café, tiveram que passar gradativamente para o terreno dos processos mecânicos. Esta transição tornou-se apreciável quando a produção cafeeira tomou vulto, acentuando-se definitivamente a partir do momento histórico da Abolição da escravatura.

2 — Coube à Mecânica intervir no domínio das contingências oriundas dos fatos anteriores, e à Indústria Nacional atendê-la, iniciando-se assim a produção de Máquinas exigidas pelas circunstâncias.

3 — Em conseqüência o Beneficiamento, antes realizado em Máquinas imperfeitas de descarga intermitente, passou a ser feito em Máquinas de descarga contínua e mais ou menos eficientes. O aparecimento de tais Máquinas data de mais ou menos 1860.

4 — Para o bom Beneficiamento deve-se procurar classificar o café em côco, de acôrdo com o tamanho, em lotes bem homogêneos que serão depositados em diferentes tulhas. Beneficiando-se o café em côco já classificado, torna-se mais eficaz o trabalho da Máquina, mais comodo e, conseqüentemente, o produto será melhor cotado.

5 — Nas Máquinas nacionais predomina o transporte do café por bica de jôgo e por elevador de canecas.

6 — Uma bica de jôgo bem constituida simplica o trabalho do Limpador, melhorando sensìvelmente o serviço das peças subsequentes.

7 — Cumpre regularizar ou normalizar muito bem, por intermédio do registro da bica de jôgo, a quantidade de café fornecida à Máquina ou por outras palavras a alimentação da Máquina, a fim de que o Beneficiamento se realize satisfatòriamente.

8 — A denominação "Catador de Pedras" é incorreta, devendo-se substituí-la por — Limpador.

9 — A limpeza do café precisa ser bem executada para evitar prejuizos no trabalho do Descascador e impedir a presença de defeitos em demasia no café.

10 — Si por ventura o café possuir elevado teor de impurezas, como acontece com o do norte do Estado do Paraná é preconizável a conjugação de dois Limpadores na Máquina.

11 — Quebrar a casca e o pergaminho do café em côco, sem prejudicar as sementes — eis as qualidades a exigir de um bom Descascador.

12 — O Descascador é a peça principal, ou melhor, o "coração" da Máquina de Beneficiar Café. Sendo assim dêle depende o bom funcionamento e o máximo de duração daquela.

13 — Os Descascadores a atrito são as mais antigas e usuais peças de descascamento das nossas diferentes Máquinas, apresentando-se nestas com ou sem ventilador.

14 — Seja qual for o tipo de Descascador a sua boa regularização é condição indispensável sem a qual não desempenha satisfatòriamente a sua função. E com efeito, se é do tipo a atrito, mal regularizado, empasta, queima ou tinge o café; se é do tipo a pancadas, nas mesmas condições, quebra o produto ou produz o chamado *café bico de papagaio*. Daí tornar-se imprecindível a fiscalização contínua do seu trabalho, seja êste ou aquele o tipo de Descascador.

15 — Na maioria das Máquinas nacionais os ventiladores estão associados aos Descascadores.

16 — O uso do Polidor (Brunidor) não tem uma razão plausível e admissível atinente a sua finalidade — a de polimento do café —, sabido que os mercados não exigem produtos ùnicamente baseados no seu aspecto, e sim, produtos de boas qualidades intrínsecas, em síntese, produtos que não passaram por êsse artificialismo.

17 — Algumas Máquinas possuem Repassador a atrito montado na armação do Descascador. Quando a Máquina é desprovida de Repassador, impõe-se a necessidade de melhor exame do produto ventilado com o fim de evitar a presença de marinheiros.

18 — É aconselhável proceder a catação mecânica do café antes de ser classificado. O Catador deverá estar montado na armação do Classificador, tal como se encontra em certas Máquinas nacionais.

19 — No que concerne à separação do café em tipos de acôrdo com o tamanho e a forma das favas, proceder-se-á pela espessura — moca, ou tomando por critério a largura — chato.

20 — Essa separação é feita em peneiras de malhas calioradas, padronizadas pela Bolsa de Santos ou de New York, o que representa um passo notável no Beneficiamento.

21 — A classificação do café chato se faz em peneiras de crivos circulares e a do moca em peneiras de crivos retangulares ou oblongos. A diferença entre os diâmetros ou as larguras dos furos de duas peneiras numèricamente consecutivas e de 1/64" ou 0,397 mms..

22 — Os Classificadores de peneiras cilíndricas ou rotativas — Separadores — são mais antigos e não obstante êsse fato aparecem com menor freqüência nas Máquinas nacionais modernas. Confrontando-os com os Monitores oferecem as seguintes vantagens e desvantagens:

Vantagens: a — Permitem um trabalho mais cômodo, o que se infere da sua constituição e do seu funcionamento.

b — Mais silenciosos que os Monitores. Não trepidam. O atrito que neles se produz é de rolamento.

c — São mais duráveis.

Desvantagens : a — Substituição impossível ou difícil das peneiras, pois, a disposição das mesmas sòmente pode ser alterada pelo fabricante ou numa oficina apropriada. Êste inconveniente pode não ter importância no Beneficiamento de pequenos lotes nos quais existam, em proporções aproximadas, todos os tipos e, ainda mais, em concordância com o número de peneiras existentes no Separador. Se isto porém não se verificar, aquilo passa a constituir-lhe um defeito importante.

b — A sua capacidade avaliada em relação à peneira é pequena, e isto porque a superfície de trabalho é restrita, dado o acúmulo de café na parte inferior da peneira cilíndrica. Além disso os orifícios são prejudicados pela convexidade da peneira, o que em parte é compensado pela rotação.

c — Conforme o lote de café em classificação algumas peneiras não trabalham.

23 — Os Monitores, em confronto com os Separadores, apresentam as vantagens e desvantagens seguintes :

Vantagens : a — Maior capacidade em relação à superfície de peneiração. Toda a superfície da peneira trabalha.

b — Fácil substituição das peneiras, podendo ser feita em alguns Monitores mesmo quando em funcionamento.

c — Todas as suas peneiras trabalham durante o Beneficiamento, posto que o maquinista dá a disposição necessária às peneiras, coloca a de meio ponto, etc., sempre em conformidade com o café a ser trabalhado.

Para a reclassificação do café é a peça indicada.

Desvantagens : a — Não permitem trabalho muito cômodo.

b — São ruidosos. Trepidam muito e, conseqüentemente, há desgaste mais ou menos rápido de algumas peças acessórias e das peneiras. Nas Máquinas de construção mais atualizada êste inconveniente foi atenuado.

c — Menos duráveis.

24 — É indispensável controlar assiduamente a classificação do café num pequeno jôgo de peneiras, rigorosamente calibradas — peneiras *fechadas* ou *tapadas* —, a fim de reduzir ou eliminar possíveis prejuizos quanto aos tipos de café.

25 — Quando o lote de café apresenta grande percentagem de um determinado tipo, deve-se trabalhá-lo após prévia colocação das peneiras de meio ponto correspondentes à êsse tipo.

26 — A distribuição das peneiras é detalhe técnico importantíssimo no Beneficiamento do café. Compete ao maquinista realizá-la cuidadosamente após criterioso exame do café a ser classificado.

27 — É preferível que cada Cotador possua o seu ventilador.

28 — O sistema de ventilação das Máquinas, ou melhor o ventilador, não experimentou grande evolução.

29 — As Máquinas conjugadas, em confronto com as combinadas, oferecem as vantagens e desvantagens seguintes :

Vantagens : a — Realizam um Beneficiamento mais satisfatório, e isto, porque podem ser formadas pela conjugação das melhores peças. Exemplifiquemos : o fabricante A produz o melhor tipo de Limpador ; B o melhor Descascador ; e terceiros, o melhor Repassador, o melhor Classificador-catador. Pois bem, utilizando-se essas melhores peças para a constituição da Máquina conjugada é evidente que o resultado no Beneficiamento só poderá ser o melhor possível.

b — A inspeção, reparação, reajustamento das peças, e substituição dos seus órgãos, são mais exequíveis.

Desvantagens : a — Necessitam de maior número de transmissões e outros órgãos, além de maior construção para abrigá-las. Disto advêm maiores despesas.

b — De acôrdo com a sua constituição exigem maior potência.

30 — As Máquinas combinadas assim se comportam no cotejo feito com as anteriores.

Vantagens : a — Pelo fato de serem de construção mais simples, o que implica em menores gastos na sua instalação, são de preços mais razoáveis.

b) — Exigem menor potência.

Desvantagens : a — Produzem Beneficiamento imperfeito e grosseiro.

b — A inspeção, reparação, substituição de órgãos, etc., são de execução mais difícil por causa do agrupamento das peças.

31 — Durante o trabalho da Máquina deve o maquinista — operário capacitado para tal serviço — atender com eficiência o contrôle, inspecionando, com inteligência e assiduidade a ventilação, pela vigia das *colunas de vento* e completando-a como o exame dos produtos que saem das diferentes peças.

Êste exame, sendo feito criteriosamente, permite ao maquinista evitar os defeitos no produto. Assim, a presença de cascas mostra que é preciso regularizar melhor o ventilador ; se, de marinheiros, deve ajustar convenientemente o Descascador ou o Repassador, e assim por diante.

32 — Para o bom trabalho da Máquina é imprecindível a manutenção do exato número de r. p. m. dos seus órgãos.

33 — Terminado o serviço da Máquina é obrigação do Maquinista proceder a limpeza, a reajustagem, a substituição de suas peças, etc., de modo a deixá-la em condições para o trabalho, e não como é do costume geral, isto é, o de deixar tudo para a véspera do Benefício e às pressas "remediar" isto ou aquilo em prejuizo da própria Máquina e do produto.

A conservação desta Máquina é da mais alta importância, sendo suficiente destacar três fatores que a isso exigem : o seu elevado preço, a sua inestimável aplicação e a sua profunda influência na obtenção de um bom produto. Tudo quanto concerne à êste ponto, sejam, a lubrificação assídua, a reajustagem, a pintura ou o envernizamento, etc., impõe a sua observância rigorosa.

34 — Embora o funcionamento das Máquinas de Beneficiar Café não seja complicado, não se pense por isso que qualquer leigo no assunto ou com ligeiras explicações, possa servir como maquinista. Ao contrário, êste deve ser mais entendido, isto é, saber como conservar, ajustar, regularizar bem a Máquina ; entender de classificação do café e como conduzí-la, além de outros requisitos inerentes a esta profissão. É certo dizer-se que da boa Máquina depende o bom Beneficiamento, porém, não é exagero afirmar que a boa marcha do Beneficiamento muito depende também do maquinista, quando a Máquina é eficiente.

Julgamos êste ítem de suma importância.

35 — Os fabricantes de Máquinas de Beneficiar Café devem abandonar a unidade de potência, ou seja H.P.E. (H. P. Elétrico) e optar pela que tenha sentido definido, pois a que usam não possue correspondente exato.

Finalmente, não podemos deixar de aqui consignar a necessidade que se faz sentir de um estudo experimental bem orientado das Máquinas de Beneficiar Café, selecionando os melhores tipos, provocando por assim dizer a sua evolução. Outro objetivo não teria mais êsse esfôrço em prol da cafeicultura senão o de conduzir o café brasileiro à um nível mais elevado e firme nos mercados externos, o que seria de capital importância à economia nacional.

JÁ É TEMPO DE AGIR

Joaquim de Sales

O fim da guerra já nos soa aos ouvidos, e quando não o estivessem anunciando as estrondosas derrotas das hordas hitleristas em tôdas as frentes de combate, bastaria refletir sôbre a atitude dos países previdentes, preparando-se desde já para o perfeito equipamento da sua vida econômica futura para que dúvida alguma pudesse restar sôbre o têrmo breve desta luta de infâmias e abominações.

No nosso Continente, anuncia-se que o México e o Chile já tomaram lugar na fila, assegurando-se assim os melhores lugares dentro do bonde e do lado da sombra . . . Já organizaram a lista de suas necessidades com grande antecedência. Ignoro se já fizemos o mesmo e no entanto nenhum país precisa, tanto quanto o nosso, de pensar seriamente no dia de amanhã.

No primeiro trimestre deste ano o nosso café concorreu com 41% das exportações. O algodão em rama, devido aos grandes fornecimentos feitos à Grã-Bretanha, retomou o segundo lugar. A sua participação percentual foi de 13%, seguido pelos tecidos de algodão com 7%, a cêra de carnaúba com 3,5%, o quartzo com 3%, o pinho com 3% e a mamona com 2%.

Verifica-se, pois, que três apenas foram os artigos básicos da nossa exportação : o café, o algodão em rama e os tecidos de algodão.

A cêra de carnaúba, o quartzo, o pinho e a mamona reunidos representam um pouco mais de 8%.

De onde se infere que damos, viramos e mexemos e acabamos no velho café : mais ainda assim devemos pensar nos concorrentes deste hemisfério, alguns dos quais já nos estão seguindo muito de perto na produção dos cafés finos. A produção da rubiácea no Brasil está baixando de ano para ano, ao passo que a da Venezuela, da Colômbia e de outros países centro-americanos se está desenvolvendo vertiginosamente e o mesmo sucederá em Madagascar e outras colônias européias da África e da Ásia. E se não tomarmos tento a tempo, poderemos ser suplantados ou pelo menos sofrer uma competição que nos dará grandes dores de cabeça.

Nós nos deixamos levar pela grita contra a monoclutura e tomamos providências desarrazoadas, abandonando ou destruindo os cafézais para transformá-los em outras culturas de lucro mais imediato, quando na extensão de nossas terras há lugar para tudo, sem prejudicar um produto que sempre foi e por longos anos será ainda a base de tôda nossa vida econômica.

***

Os tecidos de algodão do Brasil foram recebidos com fervoroso acolhimento em muitos países americanos. Em momento dado, chegamos a conquistar um novo e promissor mercado : a União Sul-Africana ; porém a ganância dos exportadores matou no nascedouro essa nova e animadora clientela. Mandavam os exportadores amostras de conformidade com as quais se realizavam ótimos contratos. Na entrega, os tecidos eram outros e essa conduta desmoralizadora e criminosa determinou a suspensão de nossas transações com aquele rico país da Comunidade Britânica.

O govêrno, tão cioso da defesa econômica nacional, não quis adotar a providência tão simples que tantas vezes sugerimos : fiscalizar rigorosamente, no peso, na medida e na qualidade, os produtos exportados. Se os funcionários aduaneiros vasculham tôdas as malas e volumes no desembarque, por que não usar o mesmo processo para os volumes despachados para o exterior ? O exame se faria bem simplesmente, conferindo-se os produtos embarcados de acôrdo com os têrmos dos contratos ou pedidos feitos e na conformidade dos preços preestabelecidos. A nossa indústria, em geral, está em mãos de judeus e de estrangeiros. Uns e outros não têm o menor interesse em salvaguardar o bom nome da nossa reputação, e o govêrno não pode ignorar que negociantes inescrupolosos já chegaram a vender pedaços de granito da Tijuca como legítimos cristais de rocha de Minas e de Goiaz e nas sacas de cacau metem calhaus e pedaços de ferro velho para aumentar o peso e ludibriar o comprador cinicamente, pois deve saber o vendedor que, na conferência dos produtos, será o furto apurado amplamente.

***

De resto, o equipamento de nossa indústria manufatora é antiquado e obsoleto. A nossa maquinaria é pràticamente inservível e não poderá competir com o aparelhamento americano, inglês, russo, francês, belga e de outros países que, depois da guerra ,saberão organizar-se de maneira a tecer 10.000 metros, enquanto nossas fábricas produzirão apenas 1.000, e, em tal proporção, os preços deles e os nossos não poderão sofrer cotejo e a preferência dos compradores não precisará ser definida.

O Brasil poderia e deveria ser o celeiro do mundo. As terras vivem por aí incultas e abandonadas. Os capitalistas não as querem por preço algum e preferem o ensilhamento dos arranha-céus que não se alugam, mas que se erguem em todos os recantos da cidade apenas como objeto de jogo de bolsa. Passam de mão em mão e afinal a bomba arrebentará um dia nas mãos do último especulador...

Até na pecuária o jogo se tornou irrefreável. Touros a 5.000 contos, novilhas a 2.000, vacas a 500 contos, montadas a 50 contos . . . Onde vamos parar ? Mas não há leite, não há carne, e os pastos transformados em desertos, quando temos espaço para milhares e milhões de rebanhos que dariam carne bastante para

encher a barriga de todos os habitantes da terra ! Faz-se alguma coisa para conter a loucura perniciosa dos zebueiros? Nada, absolutamente nada. Enquanto os jornais publicam um instantâneo de Churchill ou de Roosevelt em cinco centímetros quadrados, uma página inteira estampa a efigie real de um boi trazendo na lombada o cocoruto do Pão de Açúcar! Quer dizer : se um boi desses fosse abatido, cada quilo de sua carne (pesando uma média exagerada de 500) custaria... apenas 10.000 cruzeiros ! . . .

Na Argentina, país agrícola e sobretudo pastoril, não há bois de tal preço ; mas o leite que os argentinos tomam é um dos mais ricos e nutritivos do mundo e a qualidade e o sabor da sua carne são incomparáveis. Aqui falta o leite, falta a carne, porém há zebus de 5.000 contos e com isso ficam os papalvos muito desvanecidos e os açougues vazios ! . . . A Argentina prefere ter bois mais baratos, mas em quantidade bastante para fornecer carne aos seus habitantes e para exportá-la para quase todos os países europeus a granel.

*
* *

É indispensável, portanto, que vamos desde já pensando no dia de amanhã, pondo as barbas de molho. Há tantas comissões por aí e até uma de Coordenação Econômica . . . A primeira função desta fôra evidentemente a de estudar as condições econômicas do país, a ver como êle se apresentará ao mundo, uma vez feita a paz. Que esperamos nós? Que do céu venha o remédio? Assim, em realidade temos vivido até hoje, contando apenas com a proteção divina.

Mas isso não é uma regra de conduta, no plano da própria vida religiosa contemplativa. Deus nos oferece os seus favores inefáveis, mas nós temos de cooperar com a graça.

Se não contribuirmos com a nossa colaboração, nada poderemos esperar do Alto.

Não há povo que se salve da catástrofe, adotando a política dos braços cruzados, contando apenas com o imponderável, com o inesperado. Já é tempo de agir sem perda de tempo.

(Transcrito do "Diário Carioca", de 29 de Julho de 1944)

A ciência da conservação do solo

Mariano R. Montealegre

O solo é a mais importante dentre as reservas naturais de um país pois seu desaparecimento implica no desaparecimento do próprio país.

A história da civilização nos vem, desde os tempos mais remotos, relatando como os povos nascem, crescem, declinam e morrem, conforme a uberdade de seu solo se conserva ou é destruida.

As jazidas de hulha, petróleo, ferro, ouro e outros minérios esgotam-se sem com isso acarretar o desaparecimento de um povo porque, embora sejam fatores de riqueza, não são a vida mesmo dos indivíduos que os exploram.

É por êste motivo que a conservação do solo por meio de seu cultivo racional é hoje em dia a preocupação máxima dos países civilizados que prevêm, para um futuro mais ou menos remoto, o desaparecimento do gênero humano, se medidas drásticas não forem tomadas para a conservação do solo, único e verdadeiro manancial de vida.

A ciência da conservação do solo não é uma ciência nova ; vem sendo praticada há mais de 10.000 anos no Oriente onde paises como a China, o Japão e a Coréia vem subsistindo com seus milhões de almas graças exclusivamente ao inteligente carinho com que cultivam as suas terras.

No Hemisfério Ocidental temos o magnífico exemplo dos Incas com as suas plataformas que constituiram um dos assombros dos tempos passados. "Depois de nelas se ter, ano após ano, por muitos séculos, cultivado o milho", diz O. F. Cook, "estas lavouras em plataforma ainda conservam sua fertilidade e vêm proporcionando subsistência a milhões de homens em uma região que, pelas suas condições naturais, nunca teria servido para fins agrícolas."

O transplante da agricultura européia para terras da América, feito de modo empírico, sem levar em consideração as condições mesológicas e sem a experiência de séculos de que aquela se beneficiou, acarretou um verdadeiro desajuste que vem se agravando nestes últimos cinqüenta anos até apresentar caracteres de desastre desde a crise causada pela guerra de 1914-18.

As promessas de produção indefinida das que se convencionou chamar de terras inesgotáveis do Novo Mundo, recebeu um golpe mortal por que o europeu, com seu orgulho de homem branco, desprezando os ensinamentos do íncola adquiridos por séculos de luta com a natureza americana, teimou em implantar os seus métodos. E, com êstes métodos errados de cultivo e de administração, estão desaparecendo vertiginosamente êstes solos sôbre os quais pretendeu fundar novas civilizações.

Das regiões árticas à Terra do Fogo, a erosão causada pelo vento e pela água está empobrecendo os nossos solos transformando-os, quando não em desertos, em páramos ermos.

A erosão causada por vento é quase desconhecida em Costa Rica, a topografia do nosso país, com suas montanhas elevadas e vales profundos não favorecendo estes vendavais furiosos e contínuos que nas planícies oeste dos Estados

Unidos e no Canadá desintegram a terra reduzindo-a a um pó finíssimo que é logo carregado para longe do lugar de origem.

Por outro lado, entretanto, sua topografia e seu clima a tornam prêsa fácil da outra erosão, a causada pela água que, por milhões de toneladas anuais, está arrastando para o mar todo o revestimento de terra vegetal do país.

A decantada fertilidade das terras tropicais não passa de um mito. Ainda não se dedicou ao seu estudo o cuidado que presidiu ao das terras das zonas temperadas, sabendo-se, por conseguinte, ainda pouca coisa a respeito de sua estrutura e característicos.

A exuberância da vegetação tropical, responsável por éste mito, provem menos de sua fertilidade do que de suas condições climáticas, condições que, infelizmente, são muitas vezes adversas à sua manutenção.

Ainda não é perfeitamente conhecido o processo da formação e manutenção da estrutura do solo ; conhece-se, entretanto, o papel importante desempenhado pela intensa atividade biológica. Nos trópicos esta atividade é muito mais intensa devido ao calor e mais constante devido a não ocorrer, como nas zonas temperadas, o período de inatividade hibernal.

Estas circunstâncias, favoráveis na aparência, são entretanto o que há de desfavoráveis por colocarem à disposição das plantas quantidades de alimento que elas não podendo aproveitar logo, ficam à mercê das enxurradas torrenciais, característica destas latitudes.

É pequena a quantidade de alimento disponível na parte mineral do solo. A verdadeira fertilidade está na própria vegetação que a transmite ao solo sob forma de fôlhas e outros detritos que, decompondo-se, se transformam em húmus, fonte de nova vida. Quase se poderá definir o solo como o sustentáculo da vegetação e o canal por onde passam os alimentos da planta que morre à outra que lhe toma o lugar no ciclo evolutivo da vida.

As fôrças biológicas do solo transformam tôda esta matéria vegetal com maior ou menor rapidez. Nas zonas temperadas este fenômeno é muito mais lento que nos trópicos por muitas razões, das quais a mais importante seja talvez a paralização da vida subterrânea durante os longos meses de inverno durante os quais bactéria, bacílos, fungos e demais microorgânismos permanecem em latência. Nas regiões tropicais, pelo contrário, com seu clima uniformemente quente, umidade persistente e intensa radiação solar, a atividade microbiana não é apenas muito pujante como tambem contínua e as transformações naturais que se processam no solo, muito mais rápidas e profundas.

Além de químicas e biológicas, estas transformações são também de natureza estrutural. Todas são importantes, mas as últimas, as que se referem à contextura ou à natureza do solo, merecem consideração à parte pois são as principais responsáveis pelos malefícios causados pela erosão ou seja o deslocamento da terra vegetal.

O advento do homem branco a qualquer parte do globo, altera-lhe forçosamente a feição. Ao fixar-se num lugar, traz consigo idéias e hábitos de seu país de origem e, com seu orgulho inato, os impõe cegamente sem levar em conta a tradição dos aborígenes que, na maioria das vezes, vêm de há muitos séculos empregando os métodos agrícolas mais apropriados às condições da região.

Variam muito os tipos de solo tropicais ; em seu estado primitivo e natural, entretanto, todos apresentam tendência à porosidade e resistência à erosão, Dissemos "em seu estado primitivo e natural" porque, infelizmente, é êste o problema que se nos depara, os solos tropicais, mal se vêm despojados de sua vegetação primitiva, perdem ràpidamente a sua fertilidade. Isto se verifica mesmo nas planícies, sendo, porém, mais frequente nos solos virgens de matas.

O índio, assim como o negro da África tropical, quer por instinto, quer por tradicional sabedoria ou necessidade imperiosa, adotara um sistema de cultivo que sanava êste inconveniente e lhe permitia conservar a fertilidade de sua terras. Refiro-me ao que poderiamos denominar de cultivo nômade, um dia aqui, outro dia mais além, a que os ingleses chamam de "shifting cultivation" e que poderia ser comparada a um barbeito de longa duração.

As tríbus índias, assim como as africanas, procediam a uma derrubada e, na clareira assim aberta, plantavam por um, dois ou mais anos as suas roças, abandonando em seguida o chão quando a sua fertilidade estivesse em declínio. A mata, recuperando os seus direitos, não tardava em recobrir com uma cerrada capoeira o solo abandonado, restituindo-lhe a fertilidade perdida.

Esta agricultura primitiva estava sem dúvida fadada ao desaparecimento com o advento do europeu e o crescimento progressivo das populações que necessitando de áreas cada vez maiores, forçoso se tornava o seu cultivo incessante e conseqüente perda da fertilidade.

A agricultura nômade, capaz de conservar indefinidamente a fertilidade do solo e capaz também de provêr à subsistência de pequenos e primitivos núcleos em grandes extensões de terra é incompatível com os tempos modernos onde os produtos têm que competir nos mercados mundiais e as terras de lavras escasseiam dia a dia.

Até que ponto os adubos químicos são capazes de suprir à crescente deficiência de fertilidade, é ponto difícil de determinar. É fato sabido eles nem sempre darem resultados nos nossos solos tropicais. É sabido também que à medida que a matéria orgânica vai desaparecendo do solo, a ação dos adubos químicos vai automaticamente diminuindo até ser anulada quando aquela desaparece.

Um dos vezos da agricultura moderna tem sido o desprezo pelos ensinamentos da Natureza, deles se afastando cada vez mais.

A tão conhecida máxima que é preciso procurar o homem para o cargo e não o cargo para o homem, se é verdadeira em agricultura tanto como na administração pública, é igualmente ignorada. A agricultura moderna decidiu operar modificações nos solos para que êstes se adaptem às culturas de que necessita, em vez de semeiar plantas próprias dos solos que possue.

O solo americano foi obrigado a adaptar-se à cultura do trigo, planta exótica para êste hemisfério, que veiu suplantar a do milho, o cereal americano por excelência. A custa de que modificações da estrutura de nossos solos, é o que ninguém ainda averiguou ao certo. Êste é apenas um exemplo, mas contam-se aos milhares as que foram transplantadas de outros hemisférios e obrigadas a neste medrar.

Se a modificação imposta redundar em proveito da estabilidade do solo, a aquisição foi de fato boa. Mas, se como é o mais provável, houve infração das leis naturais, o solo se desagrega, não tardando em se tornar prêsa fácil da erosão.

Um dos traços da agricultura americana é o carater de improviso, proveniente da falta de tradição nas culturas ou, se quisermos, da implantação à saciedade de tradições alienígenas, sem atender às condições do meio ambiente. Neste particular, é típico o caso da bananeira.

Não se aponta nos anais da história caso mais triste nem que encerre lição mais tremenda. Originária das Índias Orientais, a banana (Musa Sapientium L.) foi trazida à América pelos marinheiros espanhóis nos primeiros anos da conquista.

Não tardou a que o índio, bem como o espanhol, a incluisse no seu regime alimentar e seu cultivo propagou-se por todo o trópico americano onde vicejava ao lado do "platano" (Musa Paradisiaca) que, se não é nativa deste hemisfério, já aqui era conhecida em época anterior ao descobrimento.

Até o ano 1880, data em que zarpou de nosso Puerto Limón o "Earnholm" com um primeiro carregamento de 380 cachos, a banana tinha escapado a ganância da exploração. Desta data para cá, formaram-se poderosas companhias com vultodos capitais e começou então a mais desenfreada e iníqua exploração do solo tropical.

Sem o menor preparo científico, sem a menor consideração pelo futuro do solo nem perda das riquezas naturais, começou a derrubada mais desapiedada, mais destruidora e irreparável de nossas matas. O que o trópico americano perdeu durante êsses anos de insânia, valia muito, muitíssimo mais do que os sórdidos dinheiros por ela adquiridos. A eterna história de Esau e seu prato de lentilhas.

As plantações de banana alastraram-se por toda a região do mar das Caraibas, abrangendo as ilhas Antillanas e Terra Firme, desde o México até a Venezuela. Uns efêmeros quarenta anos durou esta orgia de dinheiro. Os sintomas de decadência não tardaram a aparecer em todas as plantações que, assoladas pela Doença do Panamá, desapareceram em menos tempo do que lhes fôra necessário para surgir.

O que se salvou desta primeira hecatombe, não tardou em sucumbir aos ataques de uma outra praga, a Sigatoka, desta vez causada por um fungo, que se incumbiu de dar o golpe de graça numa indústria nascida com a vaticínio da prosperidade.

A bananeira é, no consenso geral, uma planta exigente e depauperadora do solo ; um bananal não tem longa duração ; para manter a produção é preciso reservas de terra. A ter que depender de reservas de terras, é uma indústria fadada a desaparecer por completo deste hemisfério, pois terras novas não duram eternamente.

O erro não está na planta em si ; deve-se buscá-lo em outra fonte e esta, a meu ver, é o sistema defeituoso e irracional do cultivo.

Se lançarmos um olhar sôbre a nossa cafeicultura, depararemos com ocurrências reveladoras. Originário da Etiópia, o cafeeiro é um arbusto cujo hábitat é a mata. Trazido para a América no século XVII, sua cultura se estendeu ràpidamente por tôdas as regiões favoráveis havendo, desde o começo, duas tendências opostas : no Brasil a cafeicultura foi

sempre feita em pleno sol e em quase todos os outros países, com sombreamento.

No Brasil formaram-se extensas fazendas que cobriram quase todo o Estado do Rio de Janeiro ; em Costa Rica, mais ou menos pela mesmo época, cobriu-se de cafèzais a Meseta Central.

As fazendas de café no Estado do Rio desapareceram quase por completo, obrigando os cafeicultores brasileiros a procurar novas terras para a formação de seus cafèzais ; os anais brasileiros estão cheios de relatos sôbre os estragos causados pela erosão que deixaram as terras quase imprestáveis. Em confronto, os cafèzais de Costa Rica, plantados nas auras da Independência, lá pelo ano de 1830, estão ainda em plena produção e muitos deles sem o menor sinal de decadência.

Sempre me pareceu que a diferença está simplesmente no fato de que no Brasil as leis da Natureza foram infringidas ao passo que em Costa Rica, por mera casualidade, pois não houve estudos nem preparos preliminares, o café continuou a viver em condições análogas às estabelecidas pela Natureza em seu país de origem. Tôdas as vezes que em Costa Rica se tentou, quer devido a acidentes naturais como a morte das bananeiras de sombreamento, em Turrialba, quer por inovações em sua cultura, cultivar o café a céu aberto, seguiram-se sempre os mesmos resultados : uma ou duas safras volumosas e o definhamento total dos cafèzais. Graças ao sistema de sombrear, os cafèzais são as partes menos erosadas das terras de cultura e as safras, embora menos volumosas que no Brasil, de muito melhor qualidade.

A terra é a parte mais importante das riquezas de um país ; é na realidade a riqueza básica do homem ; sem ela não pode subsistir, sem ela está condenado a desaparecer. É preciso pois defendê-la e defendê-la a todo custo, e o dinheiro empregado pelo Estado e pelos particulares para tal fim, é o melhor emprego de capital possível pois é o único capaz de garantir o nosso futuro e o dos nossos filhos.

Para defender este patrimônio, só existem dois meios : deixar que a Natureza aja por si como tem feito desde que o mundo é mundo, sem interferência do homem, ou cultivá-la de uma maneira racional.

A primeira fórmula não é exequível nos nossos dias e cada vez o será menos. À medida que cresce a população, o cultivo tem que se tornar mais intenso e menos áreas poderão voltar ao estado primitivo de matas ou campos, condições em que a mãe natureza pode auxiliá-los a recuperar a fertilidade perdida.

Resta-nos apenas o cultivo racional que compreende dois fatores primordiais : a defesa da fertilidade existente e a adição de nova matéria orgânica para repôr a fertilidade que se esvai com as colheitas.

(Traduzido da "Revista del Instituto de Defensa del Café" de Costa Rica número 113, de Março-Abril de 1944; destacamos, em negrito, o trecho referente ao Brasil).

O Café visto nos Estados Unidos

(Cartas semanais do escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

CARTA N. 378, DE 5 DE SETEMBRO DE 1944

SITUAÇÃO GERAL — Desde há alguns dias que se discute animadamente nos meios cafeeidêste mercado a notícia de origem particular recebida por alguns comerciantes, segundo a qual a Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia estava aumentando os preços internos do café, diminuindo dêsse modo a margem de lucro dos intermediários, de acôrdo com os preços máximos em vigor nos Estados Unidos. Tal boato, disseminado a princípio por alguns membros do comércio, acabou por ser reproduzido pela Associação do Café Cru de Nova York, que o incluiu num telegrama enviado ao snr. Edward G. Gale, Delegado dos Estados Unidos à Junta Interamericana do Café, e ao snr. J. P. Delafield, da Administração de Alimentos para a Guerra. Êsse telegrama chamava a atenção dos referidos senhores para a **necessidade imperiosa de procurar uma solução, devido à gravidade dos fatos.** Reproduzimos em seguida a tradução integral do telegrama :

> Segundo informações que recebemos e que consideramos fidedignas, os preços do café na Colômbia foram elevados em conseqüência da intervenção do govêrno dêsse país, a um nível equivalente aos preços máximos estipulados pela Repartição de Administração de Preços (O. P. A.). Êsse fato torna impossível a realização de negócios a não ser aos limites da O. P. A., privando, pois, os comerciantes intermediários dos Estados Unidos, tais como agentes de vendas, importadores, e impor-ta dores misturadores, que constituem elementos devidamente estabelecidos do comércio, das margens de lucro necessárias para cobrir suas despesas e permitir um benefício razoável.
>
> Esta situação coloca um país que tem a responsabilidade de fornecer uma percentagem apreciável das importações dos Estados Unidos numa posição de iminente paralização do mercado. Na nossa opinião, caso não se resolva o problema acabará por verificar-se uma redução dos estoques nos Estados Unidos, privando-se o consumidor do seu abastecimento normal.
>
> Nossa intenção ao chamar a atenção para o assunto é a de apresentá-lo para estudo e possível solução, por essa entidade e outras entidades oficiais que tenham a seu cargo a responsabilidade de manter os estoques destinados ao consumo público. A seriedade da situação indica que é necessário tomar uma decisão sem demora."

Os fatos citados nesse telegrama foram refutados pela Federação Nacional dos Cafeicultores de Colômbia. Segundo uma notícia do "Journal of Commerce" desta cidade, publicada em 31 do mês, o snr. Manuel Mejía, Gerente da Federação, distribuiu à imprensa do seu país um boletim do qual se publicaram aqui alguns extratos. Eis a tradução dêstes :

> "Com referência aos artigos publicados recentemente nos jornais dos Estados Unidos desejo afirmar o seguinte :

1 — Não é exato afirmar que os preços estipulados pela Federação para o mercado interno sejam mais altos que os limítes impostos pela O. P. A.

Os equivalentes dos preços atualmente em vigor na Colômbia são inferiores aos fixados pela O. P. A.

2 — Também não é exato afirmar que o govêrno da Colômbia está desenvolvendo uma política destinada a levantar dificuldades às exportações de café.

Ao contrário, a Colômbia tem colaborado para facilitar tais exportações e inclusive as efetuadas por conta dos 25% da quota do próximo ano.

3 — Quando se discutiu a continuação do Convênio Interamericano do Café, a Colômbia insistiu, inutilmente, para que se concedesse um aumento da quota de exportação para Estados Unidos, o que beneficiaria os consumidores americanos."

Ao explicar as razões apresentadas pela Colômbia, as quais não foram aceitas pela Junta Interamericana do Café, que decidiu não alterar o Convênio, o snr. Mejía disse o seguinte :

> "Ninguém pode dizer que a nossa política tenha tido como propósito limitar as exportações de café da Colômbia. A verdade é que muito antes do início do novo ano de quota a Colômbia já tinha vendido quase 50% da sua quota para 1944-1945".

O snr. Mário Camargo, representante da Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia em Nova York, fez igualmente declarações à imprensa sôbre os recentes artigos relativos à política de preços do café que, segundo as afirmações do comércio, acaba de se inaugurar nesse país. Traduzimos em seguida tais declarações :

"1) — A nossa quota básica anual, que se poderá talvez considerar como a nossa **responsabilidade** para com o abastecimento de café dêste mercado, é de 3.150.000 sacas de 60 quilos.

2) — A Colômbia não só embarcou a totalidade dessa quota como enviou além disso as seguintes quantidades adicionais :

Primeiro ano de quota	55.228
Segundo ano de quota	1.149.323
Terceiro ano de quota	1.740.201
Quarto ano de Quota	1.789.893
Total	4.734.645
Adicional de 25% para ser embarcado até 1.º de outubro de 1944	787.500
Total	5.522.145

3) — Os exportadores da Colômbia adquiriram já um total de 700.000 sacas, representando cêrca de 25% da quota do próximo ano, o que significa que apesar de faltar ainda um mês para terminar o ano de quota de 1943/44, facilitamos exportações que equivalem a 50% da quota correspondente ao ano de 1944-45, que apenas se inicia em 1.º de outubro. Cremos que a história do comércio internacional não oferece outro exemplo de cumprimento tão satisfatório da "responsabilidade" de uma indústria como o recorde de cumprimento e colaboração total dos cafeicultores da Colômbia.

4) — Não discutiremos aqui o fato das consideráveis exportações da Colômbia terem estado sujeitas durante três anos a um nível de preços máximos, apesar do aumento brusco e considerável do custo da vida e dos encargos de produção. Essa circunstância, porém, ainda dá maior destaque à cooperação constitutiva da Colômbia.

5) — Não é exato afirmar que a Federação Nacional de Cafeicultores da Colômbia tenha desenvolvido ou esteja desenvolvendo uma política destinada a levantar dificuldades às exportações de café. Ao contrário, já antes de se discutir inicialmente a prorrogação do Convênio Interamericano do Café, o Delegado colombiano à Junta Interamericana do Café, em Washington, insistira durante muito tempo na necessidade de se aprovar um aumento das quotas de exportação a fim de se beneficiar o consumidor americano. A Junta, com a única excepção do Delegado colombiano aprovou a prorrogação do Convênio mas recusou qualquer modificação.

6) — Cremos, portanto, que a Colômbia cumpriu inteiramente com seus devêres de colaboração, e penso que nos podemos sentir satisfeitos pelo que se refere às nossas "responsabilidades".

7) — Segundo já dissemos a Colômbia vendeu até agora quase 50% da sua quota para 1944/45. Suas "obrigações", porém, não deviam exceder mais do que 300.000 sacas de café por mês durante os 12 meses de 1.º de outubro a 30 de setembro de 1945. (A quota da Colômbia para o próximo ano é de 3.622.500 sacas). Estamos certos de que êstes dados servirão para dar uma idéia mais exata da situação atual."

A JUNTA INTERAMERICANA DO CAFÉ RECOMENDA A CONSERVAÇÃO DO CONVÊNIO — Reproduzimos em seguida a tradução do Boletim oficial distribuido em 31 de agôsto pela Junta Interamericana do Café:

> "A Junta Interamericana do Café adotou na sua sessão de hoje um resolução recomendando a continuação do Convênio Interamericano do Café, a partir de 1.º de outubro, data em que terminará o acôrdo. Essa resolução reconhece, porém, que os govêrnos participantes poderão sugerir alterações ao Convênio em virtude das mudanças que se tenham observado até agora na situação, ou das que se apresentem ao terminar a guerra. A Junta resolveu, pois, recomendar aos govêrnos participantes que o Convênio continue após 1.º de outubro de 1945, com as modificações sugeridas e aprovadas pela Junta e pelos govêrnos interessados."

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO — Segundo as cifras recebidas dos seus correspondentes no Rio pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York, as existências de café em São Paulo, nos armazens do interior e nas estações ferroviárias, atingiam em 31 de julho último 3.041.000 sacas, comparadas com 5.740.000 na mesma data de 1943. Damos em seguida um quadro que estabelece a comparação dos estoques nos dois anos, em sacas de 60 quilos:

Safra	31 de julho de 1944	31 de julho de 1943
1941/42	—	681.000
1942/43	1.927.000	5.059.000
1934/44	1.114.000	—
	3.041.000	5.740.000

O referido telegrama informava ainda que os despachos por estrada de ferro durante julho incluiram um **embarque extraordinário** de 172.000 sacas. O total dos despachos por estrada de ferro do café da safra de 1943/44, de outubro de 1943 a julho de 1944, elevam-se a 6.837.000 sacas, apesar das estimativas precedentes computarem êsse movimento em apenas 4.500.000 a ... 5.500 sacas.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — As exportações do Brasil durante a semana que terminou em 26 de agôsto foram de 55.000 sacas segundo cifras incompletas. As da Colômbia, na mesma semana, atingiram 32.155 sacas, tôdas para os Estados Unidos.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Na semana que terminou em 19 de agôsto, para todos os países signatários, e em 26, para a República Dominicana, as importações de café, embora maiores do que as da semana precedente, apenas atingiram 271.473. A maior parte dêsse café, ou sejam 230.744 sacas, vieram do Brasil, tendo chegado 18.795 sacas de O Salvador. As importações dos restantes países foram tão pequenas que não vale a pena mencioná-las. O total importado desde 1.º de outubro até às duas datas citadas eleva-se a 16.197.438 sacas, ou sejam 77,3% da quota aumentada, ao passo que os 324 dias do ano de quota já transcorridos correspondem a 88,5% e a 90,4%, respectivamente até 19 e 26 de agôsto. Nosso quadro N.º 564, junto à presente, contém dados estatísticos mais completos sôbre essas importações.

MERCADO DOS DISPONÍVEIS — Continua difícil a compra de cafés brasileiros de boa qualidade, mas têm-se efetuado alguns negócios com cafés não especificados. O mercado desta praça esteve geralmente tranquilo durante a semana a que nos referimos. Os preços no mercado de Santos não sofreram alterações, mas no do Rio o tipo 7 subiu de Cr$ 25,70 para Cr$ 26,00. Parece que os cafés da nova safra brasileira não se estão ainda movimentando em volume apreciável, sendo a firmeza dos preços nos mercados de origem a principal característica.

No mercado de cafés suáves, além da situação que descrevemos no primeiro capítulos desta carta, o ponto de maior interesse para o comércio têm sido as informações recebidas sôbre as licenças de exportação de cafés colombianos, segundo as quais as mesmas começarão a distribuir-se em data próxima a 15 do corrente. O comércio espera, pois, poder dar entrada ao café nos Estados Unidos em princípio do novo ano de quota, ou seja em 1.° de outubro, sem ter que incorrer em despesas de armazenagem extraordinárias.

N.° 95 **4 de setembro de 1944**

Participação do Bureau na Futura Convenção Anual da Associação Nacional de Restaurantes.

Os resultados tão satisfatórios que se obtiveram no ano passado com o "Bar do Café" que se instalou durante a Convenção da Associação Nacional de Restaurantes, sob os auspícios do Comitê Conjunto, revelaram de forma concludente a necessidade de repetir esta espécie de demonstrações sempre que as circunstâncias o permitam. Os meios que esta espécie de atividades proporcionam para expandir o programa educativo sôbre a preparação do café entre os proprietários de restaurantes dos Estados Unidos justificam só por sí a verba relativamente modesta que a sua organização exige. A realização destas demonstrações, além de nos permitir exemplificar objetivamente a preparação eficiente do café, dá-nos uma publicidade extremamente valiosa, e permite-nos obter copiosa informação de caráter técnico que muito facilita nossa missão de corrigir as deficiências observadas na preparação e serviço da bebida.

A exposição que planejamos instalar êste ano na Convenção Nacional de Restaurantes, que se celebrará em Chicago, é totalmente diferente da do ano passado, cujos detalhes descrevemos minuciosamente na devida oportunidade.

Os trabalhos dêste ano consistirão numa exposição pròpriamente dita, de natureza informativa e educacional.

O Bureau já reservou o espaço conveniente na sala de exposições, e o assunto dominante da nossa participação será a importância do café para o público americano e para os proprietários de restaurantes. A posição que o nosso produto ocupa como bebida predileta em tempo de guerra como em tempo de paz aparecerá devidamente documentada e será ilustrada num "menú" em ponto grande que ocupará todo o centro da exposição.

Exibir-se-á igualmente um filme cuja projeção durará 10 minutos, e que exemplifica os processos mais convenientes para preparar bom café e os métodos para conservar os utensílios utilizados na preparação devidamente limpos.

A exposição será decorada com as bandeiras dos oito países associados ao Bureau.

O snr. Rosenthal, Diretor Executivo do Comité Conjunto, terá a seu cargo a organização dessa exposição, e estará presente durante todo o tempo que a mesma durar.

Descreveremos nos informes posteriores os resultados obtidos por esta nossa iniciativa.

N.° 67 **4 de setembro de 1944**

Em vista da repercussão que o assunto do café solúvel tem tido últimamente julgamos interessante reproduzir em seguida a tradução do parecer oficial do Instituto de Defesa do Café da Costa Rica, emitido sôbre um pedido de registro de patente para um processo destinado a deshidratar e concentrar café. Êsse parecer foi publicado no Boletim N.° 114, de maio dêste ano, do referido Instituto.

"São José, 15 de maio de 1944

Snr. Diretor Geral de Obras Públicas:

Tenho o prazer de transcrever o Parecer N.° III formulado na sessão extraordinária da Junta, que hoje se realizou:

"O snr. Diretor Geral de Obras Públicas, em ofício datado de 22 de abril passado diz o seguinte: "Relativamente à exposição apresentada a esta Direção Geral em 30 de março pelo snr.

Henrique H. Lee, como representante especial da firma Inredeco, Inc., venho pelo presente rogar-lhes que se sirvam emitir um parecer sôbre a citada exposição do snr. Lee, indicando expressamente, caso mantenham a opinião que apresentaram ao snr. Ministro da Agricultura, as razões que os levaram a recusar o registro do referido invento. Envio com o presente cópias da aludida exposição, da memória descritiva, e do requerimento pedindo o registro de patente, tudo a título devolutivo."

Examinados os documentos indicados e ouvida a informação do snr. Secretário e do Chefe da Seção Técnica, a Junta resolve aceder ao pedido formulado pelo snr. Diretor Geral de Obras Públicas nos termos seguintes:

O registro de patente requerido pela firma Enredeco, Inc. ao abrigo da Lei N.º 40, de 26 de junho de 1896, refere-se à invenção de um processo para deshidratar e concentrar café descoberto pelo químico cubano Dr. Rogélio Ramírez, e organizado industrialmente, sob a forma de uma empresa comercial com a designação de Cofix Manufacturing Trading Corporation, por um grupo financeiro presidido pelo snr. Eugen Groven.

A Cofix Manufacturing, única proprietária dos referidos direitos de invenção, cedeu os mesmos em parte, para sua exploração nos diferentes territórios e mercados, tal como sucedeu com a Login Corporation, de São Francisco da Califórnia, e, segundo supomos, como os snrs. Echandi y Fournier, em Costa Rica, e com a firma Inredeco, Inc.

O fato desta última entidade aludir ao processo como MELHORAMENTOS NA EXTRAÇÃO DO CAFÉ não altera em nada as condições originais nem as características do processo descoberto pelo Dr. Ramirez, como se verifica fàcilmente pelo confronto da memória descritiva apresentada pelos requerentes com os documentos exibidos pelos snrs. Echandi y Fournier no pedido que dirigiram ao Ministério do Fomento para estabelecer neste país uma fábrica destinada a produzir café concentrado do tipo Cofix, e com a informação sôbre tal pedido apresentada por êste Instituto por intermédio do Ministério da Agricultura.

Insistimos especialmente neste ponto porque é necessário consignar com tôda a clareza que tanto os esforços da firma Inredeco, Inc., como os dos snrs. Echandi y Fornier, têm em vista obter para essas entidades, ou seus cessionários, o privilégio de serem êles os únicos a poderem explorar em Costa Rica o café preparado segundo tal processo.

Infere-se dêste fato que a concessão de uma patente de invenção destinada a proteger o processo em causa, ou o estabelecimento de uma fábrica (no caso dos snrs. Echandi e Fournier) para preparar o produto, com caráter de exclusivo, apresenta perigos idênticos tanto para os interêsses da lavoura como para os do comércio do café.

Desejamos acentuar mais uma vez que o processo descoberto pelo Dr. Ramirez, segundo os elementos de informação em poder do Instituto, está prestes a realizar uma transformação radical na indústria e no comércio do café, visto que se constatou a sua eficiência, terminando possívelmente dentro em breve com a exportação do café em grão para fazer com que se efetue apenas sob a forma de pó solúvel. Isso significa, como aliás ja se comprovou que o café se pode conservar indefinidamente sem perder seu paladar ou aroma, permitindo ao mesmo tempo reduzir o espaço até agora necessário para sua armazenagem, diminuindo consideràvelmente os encargos de transporte, e proporcionando uma utilização mais prática nos lares.

Se o comércio do café se vier a efetuar sòmente sob a forma de pó solúvel, como tudo indica que virá a suceder, os únicos a beneficiar de tais vantagens serão apenas aqueles que se acharem em situação de montar as instalações destinadas a realizar a necessária transformação. Nestas condições, se por errada interpretação da lei se conceder a uma entidade determinada o privilégio exclusivo de aproveitar essas vantagens, é evidente que com tal ato se entregará ao mesmo tempo o destino da maior riqueza do país, visto que os preços do produto ficarão ao seu arbítrio, livres de tôda a concorrência, com despreso completo pela liberdade do comércio.

É preciso que se compreenda que a patente de invenção que se pretende registrar não se refere a um dos muitos sistemas de técnica industrial destinados a atuar como instrumentos do progresso, por melhorarem processos rotineiros ou criaram métodos inexistentes. Neste caso não se trata de melhorar um produto em sí ; o que se pretende é prepará-lo em condições adequadas para

o seu comércio e consumo, na base de um privilégio que causaria prejuizos de incalculável gravidade, uma vez que sujeitaria um produto que constitui o principal patrimônio do país aos interêsses de uma só empresa.

Para apreciar a gravidade da concessão de semelhante privilégio basta dizer que tôdas as tentativas feitas no sentido de estabelecer êsse monoóplio na Colômbia, O Salvador, Guatemala, México e República Dominicana, fracassaram inteiramente, e em Cuba, onde se descobriu o processo, a fábrica da Fazenda Boyeros, séde da Cofix Manufaturing and Trading Corporation, funciona como uma indústria livre, em regime de concorrência leal com os produtores locais de café preparado. No México funciona outra fábrica em condições idênticas.

Formuladas estas considerações desejamos acentuar que o exclusivo requerido pela firma Enredeco, In., possui efetivamente o caráter de um monopólio, tal como o reconhece o representante dos requerentes na exposição que dirigiu em 3 de março último ao snr. Diretor Geral de Obras Públicas, monopólio êsse a que se opõe o Artigo 23.º da Constituição Política da República ao determinar que : "SÃO ALÉM DISSO PROÍBIDOS NO TERRITÓRIO DA REPÚBLICA OS MONOPÓLIOS, PRIVILÉGIOS, E QUAISQUER OUTROS ATOS, EMBORA CRIADOS POR UMA LEI, QUANDO ESSA LEI DESPRESE OU IGNORE A LIBERDADE DO COMÉRCIO, AGRICULTURA OU INDÚSTRIA, SALVO OS QUE O ESTADO TENHA ESTABELECIDO ATÉ ESTA DATA, OU VENHA A ESTABELECER NO FUTURO, PARA SUA EXISTÊNCIA, PARA IMPEDIR DANOS SOCIAIS, PARA ESTIMULAR A INICIACIATIVA, PARA A EXECUÇÃO DE TRABALHOS PÚBLICOS, OU PARA A EXPANSÃO DE EMPREENDIMENTOS DE INTERÊSSE INDISCUTIVELMENTE NACIONAL QUE NÃO SE POSSAM LEVAR A CABO OU EXECUTAR SEM MONOPÓLIO OU PRIVILÉGIO, DE ACÔRDO COM A OPINIÃO DO PODER LEGISLATIVO, MANIFESTADA POR UM VOTO DE DOIS TERÇOS DA SUA TOTALIDADE."

O monopólio que se pretende estabelecer ameaça a liberdade do comércio, da agricultura e da indústria, porque tem por base o direito exclusivo de utilizar o processo de deshidratar e concentrar café solúvel em pó, e porque ao abrigo de tal direito os cafeicultores ficarão inibidos de concorrer com o seu produto aos mercados internacionais logo que se generalize a aceitação do café preparado por essa forma, como virá a suceder em breve.

O fato da Lei N.º 40, de 27 de junho de 1896, garantir a Propriedade Intelectual dos inventos e assegurar privilégios de exclusividade para a sua exploração não pode ser invocado como apoio à pretensão da firma Enredeco, Inc., pois essa lei não é mais do que uma extensão do disposto no Artigo 73.º, parágrafo 20º, que não pode evidentemente colidir com as disposições claras e terminantes do artigo 23.º anteriormente citado. Mas além desta oposição, que é só por sí impeditiva, o parágrafo 1.º do Artigo 48.º da citada Lei N.º 40 indica como fundamentos para a recusa do registro de patentes a circunstância destas prejudicarem a saúde ou a segurança pública, ou serem contrárias à legislação em vigor.

Ora a verdade é que a patente que agora se pretende registrar é prejudicial à segurança pública, porque tende a cercear os direitos ao livre gôzo da propriedade de um produto em cuja cultura se apoiam, há mais de 100 anos, a tranquilidade social do país e a economia da nação ; e é contrária à legislação, porque está em conflito com o texto do citado Artigo 23.º da Constituição e com as disposições que regulam a livre expansão da indústria e do comércio.

Pelas razões expostas somos de parecer que o requerimento da firma Enredeco, Inc., deve ser regeitado "in limine". Ao manifestar essa opinião cumprimos o dever que nos é imposto pela lei orgânica dêste Instituto, segundo o qual nos compete manifestar a nossa oposição a tudo quanto ameace ou ofenda os interêsses cafeeiros, que são certamente os que envolve maior número de costarricenses, representando ao mesmo tempo a principal riqueza do país.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Excia. os protestos de minha mais alta consideração.

a) **A. García Solano**
Secretário

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS EE. UU. SOB O REGIME CONVÊNIO DE QUOTAS

(De 1 de Outubro de 1943 a 19 e 26 de Agosto de 1944)

Saca de 60 quilos ou 132 276 libras

Quadro N.º 564

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1943/44 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR de 1.º de Out.º 1943 a data a baixo:		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 19/8/1944	TOTAL DE 1.º OUT. a 19/8/1944		
Brasil	12 259 446	230 744	8 554 652	3 704 794	69,8
Colômbia	4 152 393	—	4 152 393 (º)	—	100,0
Costa Rica	263 644	4 573	226 674	36 970	86,0
Cuba	105 458	—	61 934	43 524	58,7
Equador	197 733	852	162 323	35 410	82,1
El Salvador	790 932	18 795	745 471	45 461	94,3
Guatemala	705 248	6 889	623 479	81 769	88,4
Haití	362 510	2 721	296 950	65 560	81,9
Honduras	26 361	—	26 361 (º)	—	100,0
México	626 155	—	626 155 (º)	—	100,0
Nicarágua	257 053	— 97 (x)	218 244 (x)	38 809	84,9
Peru	32 956	—	22 900	10 056	69,5
Venezuela	553 652	2 576	304 964	248 688	55,1
		SEMANA TERMINADA A 26/8/ 1944	TOTAL DE 1.º AGOSTO		
República Dominicana	157 866	4 323	143 237	14 629	90,7
Total dos paises signatários	**20 491 407**	**271 473**	**16 165 737**	**4 325 670**	**78,9**
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	467 968	—	31 701	436 267	6,8
Total geral	**20 959 375**	**271 473**	**16 197 438**	**4 761 937**	**77,3**

(§) Em Agôsto 19 e 26 são 324 e 331 dias ou 88,5% e 90,4%, respectivamente sôbre a quota anual. (x) Revisão efetuada nas cifras para as semanas anteriores. (º) Quota de importação preenchida como segue: Honduras, 1 de Julho de 1944, Colômbia, 19 de Julho de 1944 e México, 19 de Agosto de 1944. (1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 21 de Abril de 1944. (2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Dep. do Tesouro dos Estados Unidos.

REGISTRO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

Quadro N.º 564

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1943/44 (1)	VENDAS REGISTRADAS DE OUT.º 1.º 1943 A (3)	% DA QUOTA REGISTRADA	EXPORTAÇÕES DE OUT.º 1.º 1943 A (4)	% DAS EXPORTAÇÕES SÔBRE OS REGISTROS
Brasil	12 259 446			Jun. 30/44 7 017 031	
Colômbia	4 152 393	Mar. 31/44 3 320 867	80,0	Ag. 26/44 4 202 503	
Costa Rica	263 644	Jul. 12/44 218 854	83,0	Jul. 31/44 224 954	
Cuba	105 458			Fev. 29/44 23 993	
República Dominicana	157 866	Fev. 16/44 42 298 (4)	26,8	Jul. 31/44 124 111	
Equador	197 733			Jul. 31/44 132 801	
El Salvador	790 932	Jun. 28/44 774 686 (4)	97,9	Jun. 28/44 658 206	85,0
Guatemala	705 248	Ag. 5/44 741 377	105,1	Ag. 5/44 622 244 (3)	83,9
Haiti	362 510			Jul. 31/44 294 567	
Honduras	26 361			Mar. 31/44 16 497	
México	626 155			Abr. 29/44 432 237	
Nicarágua	257 053	Jul. 15/44 244 812	95,2	Jun. 30/44 204 694	84,6
Peru	32 956			Maio 31/44 20 260	
Venezuela	553 652	Ag. 12/44 322 740 (4)	58,3	Ag. 12/44 320 094	99,2
MERCADO EXTERIOR DOS EE. UU.					
Brasil	7 813 000			Jun. 30/44 1 562 896	
Colômbia	1 079 000	Mar. 31/44 124 522	11,5	Ag. 19/44 210 361	
Costa Rica	242 000	Jul. 12/44 92 522	38,2	Jul. 31/44 71 502	77,3
Cuba	62 000			Fev. 29/44 384	
República Dominicana	138 000	Mar. 22/44 4 639 (4)	3,4	Jul. 31/44 6 627	
Equador	89 000			Jul. 31/44 10 822	
El Salvador	527 000	Jun. 28/44 185 791 (4)	35,3	Jun. 28/44 156 853	84,4
Guatemala	312 000	Ag. 5/44 125 375	40,2	Ag. 5/44 124 944 (3)	99,7
Haiti	327 000			Jul. 31/44 52 282	
Honduras	21 000			Mar. 31/44 1 178	
México	239 000			Abr. 29/44 8	
Nicarágua	114 000			Jun. 30/44 2 415	
Peru	43 000			Maio 31/44 Nada	
Venezuela	606 000	Ag. 12/44 7 985 (4)	1,3	Ag. 12/44 5 990	75,0

(1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 21 de Abril de 1944. (3) Cifras obtidas da Junta Inter-Americana do Café.
(4) Cifras obtidas por êste Escritório, de fontes oficiais, nos países de origem.

CARTA N.º 379, DE 11 DE SETEMBRO DE 1944

SITUAÇÃO GERAL — Segundo informações do comércio desta praça receberam-se durante a última semana ofertas bastante mais numerosas de café do Brasil, a preços que, conforme consta, permitem efetuar negócios aos preços máximos aqui em vigor. Diz-se que a maioria de tais ofertas se refere a cafés conhecidos como "stock lots", ou sejam cafés que se vendem segundo uma amostra determinada, em vez de se negociarem pelas suas características estipuladas em contrato. Parece, em todo o caso que se efetuaram negócios bastante consideráveis com êsses cafés, e alguns membros do comércio sustentam a opinião que tais ofertas são resultantes das negociações entre os govêrnos do Brasil e dos Estados Unidos, referindo-se a cafés do Departamento Nacional do Café, o qual, de acôrdo com essas negociações, devia por à disposição dêste país, até ao fim do ano, mais 5.000.000 de sacas, ou seja cêrca de um milhão de sacas por mês. Tudo isso, porém, são simples afirmações de alguns membros do comércio, sem nenhum caráter oficial.

Os comerciantes desta praça esperam um volume de negócios muito maior logo que se comecem recebendo ofertas mais abundantes de cafés brasileiros de boa qualidade da nova safra.

Tanto os comentários do comércio como as notícias dos jornais sôbre o aumento de preços do café no mercado interno colombiano, a que nos referimos na última Carta Semanal, têm decaido bastante nos últimos dias. O Boletim N.º 434, de 7 do corrente, do Commodity Research Bureau, após comentar em poucas linhas os telegramas que transcrevemos em nosso número precedente, manifesta a sua opinião nos seguintes termos :

> "Segundo dissemos anteriormente o comércio observa o problema da Colômbia sob o ponto de vista das **"possibilidades futuras"**, ao passo que a Junta Interamericana do Café o tem que considerar como uma situação **"atual"**.
>
> "Pessoas bem informadas asseguraram-nos que os registros da Colômbia, para a quota de 1944/45, já atingiram nesta data 2,000.000 de sacas. Por outro lado as informações de Colômbia revelam que os estoques de café nos portos se elevavam em 31 de agôsto a 579.859 sacas, das quais 154.014 representavam cafés da Federação, e as restantes 425.845 pertenciam aos exportadores".
>
> "Nossa opinião é que o comércio, se não está satisfeito com a política de preços da Colômbia, devia dirigir-se dirètamente, por telegrama ou por carta, à própria Federação, mas de forma mais categórica. Temos a certeza que dêsse modo obteriam uma resposta, e cremos que seria muito melhor se o assunto fosse discutido e examinado abertamente, em vez de se procurar enredá-lo por processos indiretos e agravá-lo de ambos os lados com a má interpretação de alguma palavra ou frase "técnica".

Também têm despertado muito interêsse nos meios comerciais as notícias que circulam no mercado segundo as quais vários países produtores receberam ofertas para a compra de café por conta de países europeus, "ao preços em vigor no mercado". Afirma-se que essas ofertas se referem a quantidade consideráveis, entre 30.000 e 60.000 sacas, mostrando-se os compradores muito exigentes quanto à qualidade.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Segundo as cifras fornecidas pela Repartição de Alfândegas dos Estados Unidos, o total das importações na semana que terminou em 26 de agosto, para todos os países produtores, e até 2 do corrente, para a República Dominicana e O Salvador, é quase idêntico ao da semana anterior, tendo atingido 271.167 sacas. A maior parte corresponde ao Brasil que enviou 236,010 sacas, à Venezuela, com 11.951, e à Costa Rica, com 10.563 sacas. O total importado até esta data, desde 1.º de outubro de 1943, atinge 16.468.595 sacas, ou sejam 78,6% da quota aumentada, ao passo que os 331 dias do ano de quota transcorridos desde 1.º de outubro até 26 de agôsto correspondem a 90,4%, e os 338 dias transcorridos até 2 do corrente representam 92,3%. O quadro N.º 565 junto à presente contém dados mais completos sôbre estas importações.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — Durante a semana que terminou em 2 de setembro as exportações do Brasil elevaram-se a 298.000 sacas, segundo cifras incompletas. As exportações da Colômbia na mesma semana foram de 45.060 sacas, das quais 43.029 para os Estados Unidos e 2.031 para outros países. O total das exportações da Colômbia em agôsto elevou-se a 152.777 sacas para os Estados Unidos e 27.910 para outros países, ou sejam um total de 180.687 sacas.

INCINERAÇÃO DE CAFÉ NO BRASIL — Segundo informações recebidas de seus correspondentes no Rio pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York, o Brasil apenas destruiu 1000 sacas durante a segunda quinzena de julho de 1944. Reproduzimos em seguida um quadro mostrando o volume do café incinerado pelo Departamento Nacional do Café desde junho de 1931 :

de junho de 1931 a julho de 1940	69.008.000
de julho de 1940 a 30 de junho de 1941	2.843.000
de 1.º de julho de 1941 a 30 de junho de 1943 ...	5.765.000
de 1.º de julho de 1943 a 30 de junho de 1944 ...	578.000
de 1.º de julho a 31 de julho de 1944	20.000
Total	78.214.000

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS COLOMBIANOS — O escritório da Federación Nacional de Cafeteros de Colômbia em Nova York forneceu as seguintes cifras correspondentes aos estoques de café nos portos colombianos em 31 de agôsto de 1944 :

Barranquilla............	241.234
Cartagena..............	178.615
Buenaventura	160.010
Total	579.859 (Sacas de 60 Ks.)

REGISTROS DE VENDAS NOS PAÍSES PRODUTORES — O quadro que se segue mostra o total das vendas registradas nos países em que houve alterações desde as nossas últimas informações :

País	Data	Para os E. U.	Outros países	Total
Costa Rica..........................	7/12/44	218.854*	92.522	311.376
Guatemala	8/26/44	746.838*	125.225	872.063
Nicarágua...........................	7/15/44	244.812*	—	244.812
Venezuela	8/26/44	328.424**	7.985	336.409

* Dados fornecidos à Junta Interamericana do Café pelos países interessados.

** Dados fornecidos ao Bureau pelo país em referência.

MERCADO DOS DISPONÍVEIS — Como dizemos no início desta Carta Semanal notou-se esta semana um apreciável aumento dos negócios com o Brasil. A maior parte das operações que se realizaram com êsses cafés refere-se a qualidades não descritas e foram efetuadas aos preços máximos autorizados nos Estados Unidos. Diz-se todavia que se realizaram algumas transações a preços ligeiramente abaixo dos máximos. No Brasil os preços mantiveram-se sem alteração, tanto em Santos como no Rio.

Nos últimos dias notou-se igualmente bastante atividade com cafés "corrientes" do Equador, mas segundo consta todos os negócios foram pouco importantes. Diz-se que os preços pagos foram em média cêrca de 75 pontos abaixo dos máximos.

O mercado de suáves mantem-se pràticamente paralizado devido aos fatos que temos descrito. Deve, porém, mencionar-se que a procura por êstes tipos de café continua sem diminuir, sendo assunto dominante das conversas nos meios cafeeiros a firmeza dos preços nos países produtores e a expectativa altista dos que possuem estoques do produto.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

Extratos de Artigos de interêsse relativos ao café publicados pela Imprensa

N.º 68 **11 de setembro de 1944**

NOTÍCIAS DOS PAÍSES PRODUTORES (Do "Foreign Commerce Weekly", 2/9/44).

Venezuela — O aumento dos prêmios de exportação para o café fez com que aparecesse no mercado uma parte considerável dos estoques, tanto para consumo interno como para exportação.

Segundo informações de funcionários do Ministério da Agricultura a safra de café de 1944/45 deve exceder 800.000 sacas de 60 quilos, que se comparam a 500.000 sacas em 1943/44 e a 550.000 em 1941/42. As exportações do presente ano de quota foram muito inferiores às dos anos precedentes devido ao pequeno volume da safra e devem provàvelmente ser inferiores em 150.000 sacas à quota da Venezuela para os Estados Unidos.

Haiti — A conservação dos preços altos produziu um afluxo de café no mercado nas últimas semanas, e os exportadores estão fazendo o possível por adquirir os estoques disponíveis antes do fim do ano de quota.

Cuba — Ao terminar a safra de 1943/44 os registros de vendas de Cuba acusavam um volume de 604.000 sacas apròximadamente, ou seja pouco mais ou menos a mesma quantidade que em 1942/43 (603,568 sacas).

As perspectivas para a nova safra, cuja colheita se inicia normalmente após 15 de agôsto, são em geral razoáveis.

Kenia — As exportações de café da safra de 1942/43 elevaram-se a 147.866 sacas, segundo um relatório do Departamento da Agricultura para 1943. Essa cifra representa menos 166.700 sacas do que no ano anterior. Calcula-se em 83.333 sacas o total da safra para 1943/44, atribuindo-se a redução em ambos os casos às más condições atmosféricas.

Salvador — As exportações de café durante os primeiros seis meses do ano civil de 1944 constituiram cêrca de 89% das exportações totais do país, tendo atingido 782.066 sacas.

NOTÍCIAS DOS PAÍSES CONSUMIDORES — (Do Boletim diário N.º 170, de 30/8/44, da Bolsa do Café e Açúcar de Nova York).

Inglaterra — Receberam-se informações de que se constituiu em Londres, em 1 de agôsto, a Federação do Comércio do Café (Coffee Trade Federation). A organização desta entidade foi precedida da dissolução da Associação do Comércio do Café de Londres (Coffee Trade Association of London). Os membros na nova Federação são :

A Associação dos Importadores e Exportadores de Café de Londres, Ltda.
(The Coffee Importers and Exporters Assn. of London, Ltd.)

A Associação Nacional dos Compradores de Café de Londres, Ltda.
(The Home Trade Coffee Buyers Assn. of London, Ltd.)

A Associação dos Corretores de Café de Londres.
(The Coffee Brokers Assn. of London)

Segundo as notícias oficias a Federação constituiu-se com o fim de promover uma ação conjunta em benefício recíproco dos seus membros, sendo seu objetivo tratar de todos os assuntos que respeitem ao café em geral, tanto em Inglaterra como no estrangeiro. Sua direção estará a cargo de um Conselho composto de três delegados de cada um dos membros.

Os escritórios acham-se instalados em 69 Cannon Street, London, E. C. 4, e o Secretário Geral, a quem deve dirigir-se tôda a correspondência, é o snr. B. G. Arthur.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(De 1.º de Outubro de 1943 a 26 de Agôsto e 2 de Setembro de 1944)

Saca de 60 quilos ou 132 276 libras

Quadro N.º 565

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1943/44 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR de 1.º de Out.º 1943 a data abaixo:		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 26/8/1944	TOTAL DE 1.º OUT. a 26/8/1944		
Brasil	12 259 446	236 010	8 790 662	3 468 784	71,7
Colômbia	4 152 393	—	4 152 393 (º)	—	100,0
Costa Rica	263 644	10 563	237 237	26 407	90,0
Cuba	105 458	2 158	64 092	41 366	60,8
Equador	197 733	3 252	165 575	32 158	83,7
Guatemala	705 248	2 954	626 433	78 815	88,8
Haiti	362 510	— 2(x)	296 948 (x)	65 562	81,9
Honduras	26 361	—	26 361 (º)	—	100,0
México	626 155	—	626 155 (º)	—	100,0
Nicarágua	257 053	— 8(x)	218 236 (x)	38 817	84,9
Peru	32 956	2 664	25 564	7 392	77,6
Venezuela	553 652	11 951	316 915	236 737	57,2
		SEMANA TERMINADA EM /2/9 1944	TOTAL DE 1.º OUT. A 2/9/1944		
República Dominicana	157 866	8	143 245	14 621	90,7
El Salvador	790 932	1 607	747 078	43 854	94,5
Total dos países signatários	**20 491 407**	**271 167**	**16 436 894**	**4 054 513**	**80,2**
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	467 968	—	31 701	436 267	6,8
Total geral	**20 959 375**	**271 167**	**16 468 595**	**4 490 780**	**78,6**

(§) Em Agôsto 26 são 331 dias ou 90,4% e Setembro 2, 338 dias ou 92,3%, sôbre a quota anual. (x) Revisão efetuada nas cifras das semanas anteriores. (º) Quota de importação preenchida como segue: Honduras, 1 de Julho de 1944; Colômbia, 19 de Julho de 1944 e México, 19 de Agôsto de 1944. (1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 21 de Abril de 1944. (2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Dep. do Tesouro dos Estados Unidos.

REGISTRO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

Quadro N.º 565

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1943/44 (1)	VENDAS REGISTRADAS DE OUT.º 1.º 1943 A (3)	% DA QUOTA REGISTRADA	EXPORTAÇÕES DE OUT.º 1.º 1943 A (4)	% DAS EXPORTAÇÕES SÔBRE OS REGISTROS
Brasil	12 259 446			Jul. 31/44 7 681 393	
Colômbia	4 152 393	Mar. 31/44 3 320 867	80,0	Set. 2/44 4 245 532	
Costa Rica	263 644	Jul. 12/44 218 854	83,0	Jul. 31/44 224 954	
Cuba	105 458			Fev. 29/44 23 993	
República Dominicana	157 866	Fev. 16/44 42 298 (4)	26,8	Jul. 31/44 124 111	
Equador	197 733			Jul. 31/44 132 801	
El Salvador	790 932	Jun. 28/44 774 686 (4)	97,9	Jun. 28/44 658 206	85,0
Guatemala	705 248	Ag. 26/44 746 838	105,9	Ag. 26/44 660 298 (3)	88,4
Haiti	362 510			Jul. 31/44 294 567	
Honduras	26 361			Mar. 31/44 16 497	
México	626 155			Abril 29/44 432 237	
Nicarágua	257 053	Jul. 15/44 244 812	95,2	Jul. 31/44 217 110	88,7
Peru	32 956			Maio 31/44 20 260	
Venezuela	553 652	Ag. 26/44 328 424 (4)	59,3	Ag. 26/44 321 795	98,0
MERCADO EXTERIOR DOS EE. UU.					
Brasil	7 813 000			Jul. 31/44 1 657 627	
Colômbia	1 079 000	Mar. 31/44 124 522	11,5	Set. 2/44 212 392	
Costa Rica	242 000	Jul. 12/44 92 522	38,2	Jul. 31/44 71 502	77,3
Cuba	62 000			Fev. 29/44 384	
República Dominicana	138 000	Mar. 22/44 4 639 (4)	3,4	Jul. 31/44 6 627	
Equador	89 000			Jul. 31/44 10 822	
El Salvador	527 000	Jun. 28/44 185 791 (4)	35,3	Jun. 28/44 156 853	84,4
Guatemala	312 000	Ag. 12/44 125 225	40,1	Ag. 12/44 124 968 (3)	99,8
Haiti	327 000			Jul. 31/44 52 282	
Honduras	21 000			Mar. 31/44 1 178	
México	239 000			Abr. 29/44 8	
Nicarágua	114 000			Jul. 31/44 3 220	
Peru	43 000			Maio 31/44 Nada	
Venezuela	606 000	Ag. 26/44 12 087 (4)	2,0	Ag. 26/44 6 135	50,8

(1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 21 de Abril de 1944. (2) Cifras obtidas da Junta Inter-Americana do Dafé. (4) Cifras obtidas por êste Escritório, de fontes oficiais, nos países de origem.

CARTA N.º 380, DE 18 DE SETEMBRO DE 1944

SITUAÇÃO — As ofertas de café recebidas durante a última semana foram um pouco mais reduzidas tendo-se limitado pràticamente a cafés brasileiros, embora sem incluir cafés de boa qualidade da última safra. As conversas nos meios cafeeiros incidem inevitàvelmente sôbre o problema dos preços máximos em vigor nos Estados Unidos, pois as dificuldades que deles resultam e que se mantêm latentes desde há muito tempo, adquiriram novo realce devido à alta dos preços básicos no mercado interno da Colômbia. A fim de procurar uma solução para o caso, os representantes dos importadores de café cru desta praça têm tido diversas entrevistas preliminares com funcionários do govêrno americano. Ignora-se, porém, o que se tem discutido em tais conversas, que continuarão na próxima semana.

O desenvolvimento favorável das operações militares na Europa acentua as possibilidades de negócios com êsse continente, o que tem levado os comerciantes dêste país a formular certas dúvidas. Assim, por exemplo, uma das questões que mais se discute é a da existência de fundos nos países europeus para a compra de café. Justamente a êsse respeito é interessante registrar aqui a notícia, já confirmada pelo Bureau Holandês de Informações, segundo a qual acabaram de se concluir as negociações para a abertura de um crédito de 100 milhões de dólares por um grupo de 14 bancos de Nova York. O snr. Wintthrop W. Aldrich, Presidente do Conselho de Administração do Chase National Bank, declarou que essa operação é a primeira de uma série de transações que se começaram discutindo desde o início da guerra, podendo servir de precedente para novas transações de idêntica natureza. O snr. Aldrich acrescentou que tinha discutido minuciosamente a abertura dêste crédito com o Ministro das Finanças dos Estados Unidos, snr. Morgenthau, e que êsse Departamento do govêrno americano estava adotando uma atitude muito favorável à abertura de créditos pelos bancos particulares. A transação foi igualmente estudada pelo Ministério dos Estrangeiros dos Estados Unidos devido aos aspectos internacionais que envolve.

O Boletim do Commodity Research Bureau correspondente a 13 do corrente informa que de acôrdo com as últimas informações da Colômbia os novos regulamentos para o registro de vendas para os Estados Unidos são válidos por 90 dias, mas não se poderão prorrogar além dêsse período. As licenças de exportação correspondem ao período de validade dos contratos, isto é, são válidas por 60 dias, mas não poderão ser utilizadas após 15 de setembro de 1945. Os novos regulamentos também impõem que se inscreva nas licenças de exportação o número das licenças de importação dos Estados Unidos e que se proceda à verificação da venda das divisas estrangeiras relativas ao contrato de exportação.

O Commodity Research Bureau informa no mesmo boletim ter recebido uma consulta perguntando se os regulamentos da Repartição de Administração de Preços (O. P. A.), conforme a Resolução N.º 50, proíbem a aquisição de café nos países produtores **"aos preços máximos em vigor na data do embarque."** O Bureau afirma que transmitirá a pergunta à O. P. A. e que informará depois os assinantes sôbre a resposta que obtiver. Reproduziremos igualmente essa resposta logo que chegue ao nosso poder.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Segundo os últimos dados oficiais as importações de café na semana que terminou em 2 do corrente, para todos os países, e na que terminou em 9, para a República Dominicana e O Salvador, elevaram-se a 234.541 sacas de 60 quilos. As importações do Brasil continuam dominando, pois atingiram 189.267 sacas. As da Guatemala foram de . . . 29.962 sacas e as do Salvador elevaram-se a 10.981, tendo sido pràticamente nulas as dos restantes países. O total das importações, desde 1.º de outubro, é de 16.703.136 sacas, ou sejam... 79,7% da quota aumentada, ao passo que os 338 dias transcorridos até 2 de setembro, e os 345 dias transcorridos até 9 de setembro, correspondem respectivamente a 92,3% e a 94,3%. Juntamos à presente nosso quadro estatístico N.º 566 que contém dados mais completos sôbre estas importações.

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PAÍSES PRODUTORES — Reproduzimos em seguida um quadro com os estoques de café existentes nos países produtores, de acôrdo com os dados mais recentes. As cifras referem-se a sacas de 60 quilos.

PAÍS	Data	Nos Portos	No Interior	Totais
Brasil	9/9/44	4.800.000 (1)	—	—
Colômbia	31/8/44	579.859 (2)	—	—
R. Dominic.	1/5/44	9.166 (3)	—	—
O Salvador	19/7/44	124.195 (2)	—	—
Guatemala	12/7/44	41.845 (4)	78.407 (4)	120.252 (4)
Nicarágua	15/7/44	315 (4)	5.315 (4)	5.630 (4)
Venezuela	26/8/44	92.422 (2)	45.951 (2)	138.393 (2)

(1) Dados fornecidos pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York, e distribuidos como segue :

Santos	3.947.000
Rio	794.000
Paranaguá	40.000
A. dos Reis	19.000
	4.800.000

(2) Dados fornecidos ao Bureau pelos países interessados.

(3) Dados do "Foreign Commerce Weekly", publicação oficial do Ministério do Comércio dos Estados Unidos.

(4) Dados fornecidos à Junta Interamericana do Café pelos países interessados.

REGISTROS DE VENDAS NOS PAÍSES PRODUTORES — O quadro seguinte contém as últimas cifras relativas a tais registros:

PAÍSES SIGNATÁRIOS	Data	Vendas para os E. U.	Outros Destinos	Total
Costa Rica	2/8/44	218.879 (1)	92.522 (1)	311.401
O Salvador	—	790.932 (2)	185.791 (2)	976.723
Guatemala	26/8/44	746.838 (1)	126.042 (1)	872.880
Nicarágua	15/7/44	244.812 (1)	— (1)	244.812
Venezuela	26/8/44	328.424 (3)	12.087 (3)	340.511

(1) Dados fornecidos à Junta Interamericana do Café pelos países interessados.

(2) Dados fornecidos ao Bureau pelos países interessados. Os registros de O Salvador para os E. U. fecharam-se em 20 de julho.

(3) Dados obtidos pelo Bureau das entidades associadas.

ESTIMATIVA DAS SAFRAS NOS PAÍSES PRODUTORES — As cifras que se seguem constituem dados oficiais para os anos que terminam em 30 de setembro de 1943, 1944 e 1945, todos em sacas de 60 quilos :

PAÍSES	Set.º 1943	Set.º 1944	Set.º 1945
Colômbia	5.282.659	—	—
Costa Rica	—	375.623 (1)	—
Cuba	604.197	604.000 (1)	—
Rep. Dominicana	250.000	166.667 (1)	—
O Salvador	881.667	1.035.000	700.000 (1)
Guatemala	905.767	920.000	—
Nicarágua	201.250	272.000	—
Venezuela	550.000	500.000 (1)	800.000 (1)

(1) Dados do "Foreign Commerce Weekly", publicação oficial do Ministério do Comércio dos Estados Unidos. Os outros dados foram fornecidos à Junta Interamericana do Café pelos países interessados.

Como se vê as últimas estimativas para a Venezuela elevam-se a 800.000 sacas, ou sejam mais 50.000 sacas do que a estimativa precedente.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA — Na semana que terminou em 9 do corrente as exportações do Brasil elevaram-se a 72.000 sacas, segundo cifras incompletas. As exportações da Colômbia na mesma semana foram de 11.653 sacas, tôdas para os Estados Unidos.

MERCADO DOS DISPONÍVEIS — Os negócios de café na última semana foram muito pouco numerosos, apenas se tendo concluido algumas transações sôbre cafés brasileiros das qualidades menos boas. Parece também que se fizeram alguns negócios sôbre cafés africanos disponíveis nesta praça, aos preços máximos aquí em vigor, mas com gastos de armazenagem por 90 dias.

No Brasil os preços continuaram sem alteração no mercado de Santos, mas no do Rio o tipo 7, refletindo a firmeza dos preços, subiu de Cr$ 26,00 para Cr$ 26,50.

Quanto aos cafés suáves não houve nada digno de registro. Os negócios continuam pràticamente paralizados devido à falta de ofertas produzida pela situação que descrevemos no primeiro capítulo desta Carta.

INFORME SEMANAL SÔBRE AS ATIVIDADES DA CAMPANHA DE ANÚNCIOS E PUBLICIDADE DO CAFÉ

N.º 97 **18 de setembro de 1944**

A revista "Coffee Annual", que se publica todos os anos durante a Convenção da National Coffee Association, publicará um artigo do snr. J. Rosenthal, Diretor Executivo do Comitê Conjunto de Anúncios e Publicidade, sob o título "O Fomento do Café no Período do Após-Guerra". Nêle descreve o snr. Rosenthal quais as atividades mais importantes que se devem levar a cabo para manter a posição dominante que o café atualmente ocupa. Damos em seguida a sua tradução integral.

"Parece que tôda a gente tem um plano para o após-guerra. A idéia é brilhante, mas a verdade é que a maioria dêsses planos se acha baseada em simples hipóteses do que possam vir as condições dominantes ao findarem as hostilidades.

O plano do Comité Conjunto, constituido pelo Bureau Panamericano do Café e pela National Coffee Association, é encarar todos os problemas e aproveitar tôdas as oportunidades que se apresentem. Só um profeta poderá anunciar desde já os detalhes dos problemas e oportunidades que se virão a apresentar, mas existem todavia certos aspectos que se podem antever claramente.

Antes de mais nada convém não esquecer que será necessário empregar um esfôrço formidável para manter o atual nível de consumo do café, e um esfôrço ainda muito maior para conseguir elevá-lo. A falta de concorrência e outros fatores determinados pela guerra têm sido particularmente favoráveis para o consumo do café, mas todos êsses elementos se transformarão ao findar a guerra.

As bebidas concorrentes já revelam planos muito aumentados para sua expansão. O chá, por exemplo, recomeçará a sua campanha nacional de propaganda com uma verba bastante considerável; as bebidas gasosas já estão anunciando um aumento de 20% da sua produção logo que a guerra termine; as indústrias vinícolas e da cerveja também aumentarão sem dúvida a sua produção e a sua publicidade ; a indústria do leite prepara-se atualmente para fazer face ao problema do consumo levantado pelo enorme aumento de produção e já está realizando grandes

esforços para conseguir introduzir o hábito de beber leite desnatado ; e espera-se que o próprio chocolate consiga obter apreciáveis benefícios devido ao aumento das vendas de leite com chocolate já preparado, pelas companhias produtoras de laticínios.

Nada disto, porém, inclui ainda as perspectivas, também favoráveis, de um grande número de novas bebidas que atualmente se estão fomentando e expandindo.

De um modo geral o café não tem nada que temer **de nenhuma bebida concorrente em especial**, porque para o verdadeiro amador de café não existem substitutos nem alternativas. Mas o ponto mais importante é que a capacidade do estômago humano é limitada e, portanto, **qualquer bebida** pode limitar o consumo do café. Nesta ordem de idéias o café terá pois que lutar **contra todas as bebidas,** e os nossos esforços destinados a fomentar o produto devem ser suficientemente fortes para proteger e aumentar o seu consumo, apesar da forte concorrência das outras bebidas.

Convém igualmente não esquecer que o rendimento do público consumidor, após a guerra, não será tão elevado como atualmente em que atingem 160 bilhões de dólares. A concorrência revestirá, portanto, um duplo aspecto biológico e econômico.

Mas a tarefa principal da indústria cafeeira também já se pode prever.

1 — O primeiro problema é o de simplificar e melhorar o material e utensílios e os processos empregados para preparar o café com uniformidade — e de boa qualidade — tanto nos restaurantes como nos lares. As donas de casa exigem processos simples, práticos e adequados para preparar todos os produtos e como o café não pode constituir excepção haverá necessidade de satisfazer as exigências do público.

2 — É também muito importante educar a mocidade das escolas sôbre o café, incutindo-lhe o interêsse pela bebida.

3 — Estabelecer em bases sólidas o hábito de beber café gelado. Embora já se tenham obtido certos progressos nesse sentido, pode afirmar-se com propriedade que nossos esforços apenas principiaram. Nosso objetivo não deve ser apenas o de nos defendermos contra a baixa do consumo de café durante o verão. Devemos conseguir, tal como o conseguiram as outras bebidas, que o seu consumo **aumente** na estação calmosa **acima** do nível de consumo do inverno.

4 — Devem empregar-se todos os esforços para manter o consumo do café nas fábricas. Isto exigirá sem dúvida um trabalho contínuo destinado a tornar popular tanto a bebida como a idéia do seu consumo em tais locais. Não se deve esquecer que o atual aumento do consumo se deve em grande parte ao serviço de café nas fábricas e estabelecimentos públicos.

5 — Deve-se também tentar aumentar o consumo do café como condimento para a cozinha.

Todos êsses esforços nos parecem suficientemente importantes para merecer imediata atenção, mas ainda mais importante do que êles será sem dúvida a tarefa de coordenar os esforços e as medidas de fomento de tôda a indústria, obtendo a colaboração sem reserva de todos os torradores para que as idéias e o trabalho de cada um não afetem ou diminuam os esforços dos restantes. Ao contrário, a propaganda de cada torrador deve reforçar a dos restantes, aumentando dêsse modo os benefícios e vantagens de tôda a indústria.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

Extratos de artigos de interêsse relativos ao café publicados pela Imprensa

N.º 69 **18 de setembro de 1944**

ASSOCIAÇÃO DE BOLSAS DE MERCADORIAS NOS ESTADOS UNIDOS

No nosso Informe N.º 41, de 7 de fevereiro, transcrevemos uma notícia publicada no "Journal of Commerce" desta cidade, anunciando o início de um movimento destinado a negociar a cons-

tituição de uma Associação Nacional de Bolsas de Mercadorias, com o propósito de "fortalecer a posição dos mercados a termo no período de reajustamento do após-querra". Uma notícia publicada no jornal "New York Times" de 25 de agosto informa que tais negociações foram coroadas de êxito e que se constituiu em Chicago a Associação Nacional das Bolsas de Mercadorias e Atividades Afins (National Association of Commodity Exchanges and Allied Trades, Inc.). Como a nova organização virá sem dúvida a exercer grande influência nos mercados a termo dos Estados Unidos parece-nos interessante transcrever as declarações do seu Presidente, snr. Maurice Mandeville, Presidente da Bolsa de Mercadorias de Chicago, explicando a necessidade da existência dêste novo organismo. Disse o snr. Mandeville :

> "Nossa tarefa principal consistirá em reunir num centro único tôdas as informações sôbre o comércio a termo, patrocinar pesquisas sôbre operações do mercado nos locais em que existam bolsas de mercadorias, e disseminar informações adequadas aos nossos membros e a todos que por elas se interessarem.
>
> Os mercados de mercadorias constituem uma parte essencial do mecanismo das nossas transações comerciais. Devemos preparar-nos para a paz a fim de que nos seja possível auxiliar sem perda de tempo os ramos do comércio e indústria que dependem do comércio a termo a suprimir todos os riscos que impedem sôbre os preços.
>
> O público desconhece pràticamente a contribuição das bolsas de mercadorias e do comércio a termo para a expansão da civilização. E, por outro lado, os produtores e fabricantes devem conhecer melhor os meios e os serviços que as bolsas de mercadorias lhes oferecem para afastar e quase suprimir do seu negócio o fator risco. Tais informações nem sempre chegam ao seu conhecimento. Temos esperanças de conseguir eliminar essa ignorância onde quer que ela se encontre."

NOVO PROCESSO SUECO PARA EXTRAIR ÓLEO DO CAFÉ

(Do Boletim da "Brazilian Chamber of Commerce", Londres, julho de 1944)

As últimas notícias de Estocolmo revelam que o engenheiro E. Moeller, um inventor sueco, descobriu um método que permite extrair do café moído, não só cafeína, gorduras e tanino, mas também grandes quantidades de produtos, tais como óleos lubrificantes, diversas espécies de fenol, e hidrogênio. Os direitos à patente foram adquiridos pelo snr. M. H. Norlander, Diretor da companhia sueca "Wedevags Bruksbolag", o qual instalou um laboratório que tem obtido até agora os melhores resultados nas suas experiências. Os trabalhos dêsse laboratório são orientados por um perito da Academia das Ciências de Estocolmo.

Depois de se ter extraido a cafeína mistura-se o café moído (que deve ser tão fresco quanto possível) com cal extinta e com pequenas quantidades de dois catalisadores. A mistura é então aquecida num forno a cêrca de 500 graus, fazendo-se passar o gás dela proveniente através de uma série de condensadores. Após isso separam-se os diversos produtos, uns após os outros, mediante destilação e decantação. O inventor sueco constatou que utilizando 2300 quilos de café seco se podiam obter os seguintes produtos na primeira fase do processo : 24 quilos de cafeína, 240 quilos de gorduras, e 40 quilos de tanino. Na segunda fase pode produzir-se o seguinte : 103 quilos de acetona, 44 quilos de alcool metílico, 24 quilos de fenol, 167 quilos de óleo bruto, 305 quilos de óleo de lubrificação e amônia, e 400 ou 500 metros cúbicos de hidrogênio.

Os óleos extraidos são óleos brutos e variam de qualidade, desde os mais leves aos mais pesados, podendo utilizar-se em automóveis e aviões. Alguns dêsses óleos têm um valor têrmico superior a 10.000 calorias. O hidrogênio obtido fornece o vapor necessário para os trabalhos, sendo o custo total muito reduzido.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

N.º 70 **25 de setembro de 1944**

Transcrevemos hoje duas notícias que nos parecem de interêsse para os nossos leitores. Uma refere-se aos planos de expansão do comércio do chá no período de após guerra e menciona algumas medidas que se estão já adotando para tal efeito. Ela dará a nossos leitores uma idéia da tremenda concorrência com que o café terá que lutar num futuro próximo, visto que além do chá tôdas as outras bebidas se preparam igualmente para reconsquitar os mercados que perderam durante a guerra.

A outra, é uma transcrição parcial do boletim mensal do Ministério do Comércio dos Estados Unidos e alude a alguns aspectos da produção cafeeira das Índias Orientais Holandesas sob o domínio japonês.

A CAMPANHA DE FOMENTO COMERCIAL DO CHÁ INICIA-SE EM 1.º DE OUTUBRO

(Do **"Journal of Commerce"** de Nova York, de 22/9/44)

Benjamin Wood, Diretor Gerente do Bureau do Chá, anunciou hoje as primeiras medidas tendentes ao fomento comercial do chá, em grande escala, no após guerra. O programa preliminar para 1944/45, que se iniciará em 1.º de Outubro, compreende um programa de anúncios em publicações comerciais escolhidas e nos suplementos dos jornais ; nomeação de um número de funcionários suficientemente grande para desenvolver a colaboração com o comércio distribuidor em todos os pontos do país ; e expansão do serviço de informações sôbre o mercado.

Procede-se atualmente a um inquérito minucioso sôbre os hábitos dos compradores, tanto em relação ao chá quente, como ao chá gelado, em 26 Estados agrupados em cinco zonas geográficas. O pessoal externo tomará a seu cargo regiões e cidades escolhidas da costa oriental, "Middle West", "Far West" e sul dos Estados Unidos. Todos êsses planos envolvem a admissão de considerável número de funcionários, alguns dos quais já trabalhavam no Bureau do Chá antes da guerra.

A EXPLORAÇÃO DAS ÍNDIAS HOLANDESAS PELOS JAPONESES

(Do **"Foreign Commerce Weekly"** de 16/9/44)

As emissões radiofônicas que os japoneses fazem em língua inglesa, quer de Tóquio, quer das Índias, dão-nos algumas informações sôbre os seus processos de exploração. Elas aludem aos **grandes processos** realizados para a reabilitação e incremento da produção, a fim de conseguir que as diversas ilhas se bastem a sí próprias. Segundo essas afirmações cultivam-se atualmente grandes zonas com café e outros produtos, mediante processos agrícolas **novos e mais perfeitos,** trazidos pelos japoneses.

Como é evidente estas afirmações não podem ser verificadas aqui, mas é difícil compreender o que os japoneses pretendem significar com o aumento da produção do café, chá e outros produtos. Na realidade, a perda dos mercados mundiais não é de modo algum compensada pelo uso que os japoneses podem fazer de tais mercadorias, mesmo ao nível de produção de antes da guerra. Por outro lado, outras emissões radiofônicas estão em manifesta contradição com o que acabamos de citar, pois afirmam que as plantações de café e de chá foram convertidas para a produção de arroz e vários legumes.

De uma maneira ou de outra, seja qual for a verdade, o que parece ser certo é que os japoneses estão esgotando em seu proveito exclusivo os recursos e riquezas das Índias Orientais Holandesas.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS EE. UU. SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

De 12 de Outubro de 1943 a de 9 de Setembro de 1944

(Saca de 60 quilos ou 132 276 libras)

Quadro N.º 566

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1943/44 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR de 1.º de Out.º 1943 a data abaixo:		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 1/10/1944	TOTAL DE 1.º OUT. a 2/9/1944		
Brasil	12 259 446	189 267	8 979 929	3 279 517	73,2
Colômbia	4 152 393	—	4 152 393 (°)	—	100,0
Costa Rica	263 644	5	237 242	26 402	90,0
Cuba	105 458	—	64 092	41 366	60,8
Equador	197 733	1 418	166 993	30 740	84,5
Guatemala	705 248	29 963	656 395	48 853	93,1
Haiti	362 510	—	296 948	65 562	81,9
Honduras	26 361	—	26 361 (°)	—	100,0
México	626 155	—	626 155 (°)	—	100,0
Nicarágua	257 053	3	218 239	38 814	84,9
Peru	32 956	—	25 564	7 392	77,6
Venezuela	553 652	244	317 159	236 493	57,3
		SEMANA TERMINADA EM 9/9/1944	TOTAL DE 1.º OUT. A 9/9/1944		
República Dominicana	157 866	646	143 891	13 975	91,1
El Salvador	790 932	10 981	758 059	32 873	95,8
Total dos países signatários	20 491 407	232 526	16 669 420	3 821 987	81,3
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	467 968	2 015	33 716	434 252	7,2
Total geral	20 959 375	234 541	16 703 136	4 256 239	79,7

(§) Em 2 e 9 de Setembro são 338 e 345 dias ou sejam 92,3% e 94,3%, respectivamente sôbre a quota anual. (°) Quota de importação preenchida como segue: Honduras, 1 de Julho de 1944; Colômbia, 19 de Julho de 1944 e México, 19 de Agosto de 1944. (1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 21 de Abril de 1944. (2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Dep. do Tesouro dos Estados Unidos.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORISADAS NOS EST. UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DAS QUOTAS

PERÍODOS SEMANAIS DE AGOSTO 5 A SETEMBRO DE 1944 E TOTAIS ACUMULADOS COMPARADOS COM OS DE 1942/43)

(Sacas de 60 quilos ou 132.276 Libras)

Quadro n.º 567

PAISES SIGNATÁRIOS	QUOTA BÁSICA	OUT.º 1/43 A JUL.º 29/44	ENTRADAS AUTORISADAS EM FINS DE SEMANAS					TOTAL AUTORISADO A ENTRAR			% DA QUOTA BÁSICA	
			AGOSTO 5/1944*	AGOSTO 12/1944	AGOSTO 19/1944	AGOSTO 26/1944	SETEMBRO 2/1944	DE JUL. 30 A SET. 2/44	DE OUT. 1/43 A STE. 2/44	DE OUT. 1/42 A AG.º 26/43	1942/44	1942/43
Brasil	9 300 000	8 268 396	40 230	15 282	230 744	236 010	189 267	711 533	8 979 929	5 763 501	96,6	62,0
Colômbia	3 150 000	4 152 393	—	—	—	—	—	—	4 152 393	4 393 879º	131,8	139,5
Costa Rica	200 000	213 880	196	8 025	4 573	10 563	5	23 362	237 242	303 772º	118,6	151,9
Cuba	80 000	61 934	—	—	—	2 158	—	2 158	64 092	99 125º	80,1	123,9
República Dominicana	120 000	138 593	10	303	8	4 323	8	4 652	143 245	132 469	119,4	110,4
Equador	150 000	159 034	244	2 193	852	3 252	1 418	7 959	166 993	138 868	111,3	92,6
El Salvador	600 000	701 804	1 724	23 148	18 795	—	1 607	45 274	747 078	884 529º	124,5	147,4
Guatemala	535 000	604 056	10 680	1 854	6 889	2 954	29 962	52 339	656 395	697 943º	122,7	130,5
Haiti	275 000	294 228	—	1	3 719	—	—	2 720	296 948	417 515º	108,0	151,8
Honduras	20 000	26 261	—	—	—	—	—	—	26 361	32 345	131,8	161,7
México	475 000	597 461	13 618	6 476	8 600	—	—	28 694	626 155	476 073	131,8	100,2
Nicarágua	195 000	205 498	7 008	5 730	—	—	3	12 741	218 239	189 698	111,9	97,3
Peru	25 000	21 730	343	827	—	2 664	—	3 834	25 564	2 297	102,3	9,2
Venezuela	420 000	299 906	—	2 482	2 576	11 951	244	17 253	317 159	503 917º	75,5	120,0
Total dos paises signatários	**15 545 000**	**15 745 274**	**74 053**	**66 321**	**275 756**	**273 875**	**222 514**	**912 519**	**16 657 793**	**14 035 931**	**107,2**	**90,3**
PAISES NÃO-SIGNATÁRIOS	355 000	28 342	1	3 358	—	—	2 015	5 374	33 716	249 028	9,5	70,1
Total geral	**15 900 000**	**15 773 616**	**74 054**	**69 679**	**275 756**	**273 875**	**224 529**	**917 893**	**16 691 509**	**14 284 959**	**100,0**	**89,8**

NOTA: (x) Inclusive as cifras das importações de El Salvador, para as semanas de Agosto 26 e Setembro 2 de 1944. Nenhuma diferença para a semana de Agosto 26, 1944 é registada.

(º) Inclusíve as cifras das importações para as semanas de Agosto 29 a Setembro 4. Nenhuma diferença, nas importações da Colômbia, El Salvador, Guatemala e Venezuela, em fins da semana Agosto 28, 1943, é registada.

Cifras obtidas nos Estados Unidos na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

ENTRADAS DE CAFÉ VERDE PELOS PORTOS DA COSTA DO PACÍFICO

(EM SACAS) (°)

PAÍSES PRODUTORES	1944 MÊS DE JULHO	1944 MÊS DE AGOSTO	1944 DE JAN. 1 A AG. 31	1943 DE JAN. 1 A AG. 31	1942 DE JAN. 1 A AG. 31
África	—	—	950	—	—
Brasil	35 724	80 728	664 079	262 106	279 210
Colômbia	12 475	63 371	373 405	370 576	472 509
Costa Rica	11 084	15 290	86 582	156 552	75 850
Índias Orientais	—	—	—	—	3 625
Equador	—	—	10 668	301	9 614
El Salvador	67 974	52 292	572 900	661 612	369 162
Guatemala	35 534	25 129	251 541	227 473	141 714
Honduras	2 748	—	6 720	8 491	8 797
México	7 694	1 190	16 260	19 450	30 458
Nicarágua	—	6 956	147 696	145 931	132 534
Peru	—	—	5 467	—	2 059
Venezuela	680	600	1 280	—	—
Índias Ocidentais	—	—	—	—	800
Total Geral (xx)	**173 913**	**245 556**	**2 137 548**	**1 852 492**	**1 526 332**

NOTA — (xx) Inclusive entradas, via outros portos e daí, por Estrada de Ferro, como segue :

África	—	—	950	—	—
Brasil	35 724	80 728	664 079	179 627	66 052
Colômbia	—	—	—	1 478	1 850
Equador	—	—	—	301	—
El Salvador	—	—	—	—	1 750
México	7 694	1 190	16 260	3 750	3 500
Venezuela	680	600	1 280	—	—
Total	**44 098**	**82 518**	**682 569**	**185 156**	**73 152**

(°) Sacas de pesos diversos, de acôrdo com embarques de países de origem. Cifras obtidas na Associação Cafeeira da Costa do Pacífico.

CARTA N.º 381, DE 25 DE SETEMBRO DE 1944

SITUAÇÃO GERAL — Na nossa carta semanal N.º 379, de 11 do corrente, demos a notícia que circulava entre o comércio cafeeiro local, segundo a qual o Departamento Nacional do Café do Brasil e o govêrno dos Estados Unidos tinham concluido negociações para a venda por parte do Brasil de importantes estoques de cafés durante os restantes meses do ano. Parece que esta notícia se confirma, visto que a National Coffee Association enviou aos seus membros uma circular na qual se diz o seguinte:

> "Informam-nos de fonte autorizada que o snr. Souza Costa, Ministro da Fazenda do Brasil, e o snr. Jayme Guedes, Presidente do D. N. C., deram ontem a certeza de que o "memorando de acôrdo" a que nos referimos no nosso Boletim de 18 de agôsto será cumprido pelo govêrno do Brasil. O Departamento Nacional do Café do Brasil já concluiu os planos necessários para entregar em Santos, pelo menos . . . 30.000 sacas por dia, dos estoques do D. N. C., a fim de assegurar a existência de um mínimo de 1.000.000 de sacas para exportação para os Estados Unidos em outubro, novembro e dezembro. Tal café destina-se à população civil. Os exportadores só poderão adquirir êste café do D. N. C. quando exibam documentos de venda para os Estados Unidos."

Os comentários do comércio quanto a esta notícia giram quase todos em volta da circunstância de não se mencionarem preços na informação publicada. Diz-se que se os exportadores continuarem exigindo preços iguais ou superiores aos preços máximos americanos a situação será a mesma.

As ofertas de cafés brasileiros "com amostra", que até agora se podiam considerar abundantes, desapareceram pràticamente durante a semana passada. Como se crê que ainda existem estoques de tais cafés, atribui-se a falta de ofertas à convicção que existe entre a maioria dos negociantes desta praça de que se fará brevemente uma revisão dos preços máximos.

Não têm faltado notícias para confirmar a opinião dos altistas. Uma dessas notícias foi a publicada nos jornais desta cidade de 18 do corrente, informando que o racionamento do café no Canadá tinha sido suprimido, em virtude do aumento dos estoques e do melhoramento dos transportes.

O comércio do café tem observado com grande interêsse as negociações relativas à venda do açúcar cubano da safra de 1945 e 1946 à Commodity Credit Corporation (C. C. C.). Supõe-se que o seu resultado pode revelar as possibilidades que existem de um aumento dos preços máximos do café. Tais negociações têm-se arrastado longo tempo devido à diferença entre o preço mínimo de $3.25 por 100 libras, reclamado pela Asociación de Hacendados y Colonos de Cuba, e o de $2.65, inicialmente oferecido pela C. C. C.. Registraram-se contudo alguns progressos nos últimos dias, pois a imprensa noticiou que tinha sido feita à Asociación uma oferta de $2.85, ou sejam mais 20/c do que o preço pelo qual Cuba vendeu as safras anteriores. Em todo o caso os cubanos afirmam que essa quantia ainda não é suficiente, pois aspiram um preço que não só cubra o custo de produção, como permita criar reservas adequadas e deixar ainda uma margem de lucro razoável que coloque a indústria açucareira cubana em posição favorável no mercado americano. Alguns membros do comércio cafeeiro dizem que embora a situação do café seja diferente da do açúcar, o fato do govêrno americano ter consentido numa elevação de preços constitui um precedente favorável.

ESTOQUES DE CAFÉ CRU E VOLUME DO CAFÉ TORRADO.— Segundo os dados preliminares da Repartição de Alfândegas, os estoques de café cru nos Estados Unidos elevavam-se, em 31 de agôsto, a 4.989.000 sacas, o que representa uma baixa considerável visto serem menos . . .

635.600 sacas do que os 5.624.603 existentes em 31 de julho. A diminuição parece indicar que as fôrças armadas retiraram grandes quantidades de café para fazer face às necessidades cada vez maiores da Europa, à medida que êsse continente se vai libertando.

As cifras correspondentes ao café torrado durante o mesmo mês de agôsto, igualmente preliminares, foram de 1.240.000 sacas (para a população civil) ou seja um aumento de 121.127 sacas aos 1.118.873 do mês anterior. Êste aumento, bastante apreciável, indica um volume de café torrado maior do que o normalmente necessário para o consumo durante o outono. Tanto estas cifras como as correspondente ao café cru não incluem o café em poder das fôrças armadas ou torrado para as mesmas. Umas e outras, porém, são cifras revistas e diferem das que indicamos na Carta Semanal N.º 376, de 21 de agôsto.

CONSUMO DO CAFÉ — Tomando como base as cifras anteriores pode calcular-se a desaparição de café durante o tempo já transcorrido do ano de quota, em sacas de 60 quilos.

Estoques em 30 de setembro de 1943, no início do ano de quota, sem incluir estoques das fôrças armadas	279.152
Importações desde 1.º de outubro a 2 de setembro	16.691.509
Aprovisionamento total	20.970.661
Cálculo preliminar dos estoques em 31 de agosto 1944	4.989.000
Diferença ou consumo do café	15.981.661

Como esta última cifra inclui o consumo das fôrças armadas, é necessário separar o consumo da população civil do dessas fôrças, o que se consegue mediante o seguinte cálculo :

Desaparição total de café desde 1.º/10/43 31/8/44	15.981.661
Volume torrado desde outubro a agôsto e destinado à população civil (segundo cifras fornecidas pelo govêrno aos torradores	14.297.198
Diferença que deve corresponder ao consumo das fôrças armadas	1.684.463

ESTOQUES NA ZONA LIVRE E SOB CONTRÔLE ADUANEIRO — A Junta Interamericana do Café acaba de transmitir estas cifras. Como se verá, êsses estoques elevavam-se em 31 de agôsto a 579.122 sacas, ou sejam mais 163.742 do que as 415.380 existentes em 31 de julho último. O aumento deve-se aos cafés colombianos, que passaram de 27.195, em 31 de julho, para 186.754, em 31 de agosto. Esta diferença de 159.559 sacas nos cafés colombianos corresponde às importações realizadas por conta dos 25% da quota básica do próximo ano, autorizadas pela Junta Interamericana, as quais se devem conservar na zona livre até 1.º de outubro.

País de origem	Sob contrôle aduaneiro	Na zona livre estrangeira	Total em sacas em 31 ag.º	Total em sacas em 31 jul.º
Brasil	369.823	—	369.823	376.461
Colômbia	186.754	—	186.754	27.195
Costa Rica	311	—	311	311
Equador	7	—	7	7
El Salvador	16.595	—	16.595	7.702
Guatemala	1.913	4	1.917	1.913
Honduras	1.786	—	1.786	—
México	1.499	—	1.499	1.786
Venezuela	5	—	5	5
Total signatários	578.693	4	578.697	415.380
Não-signatários	425	—	425	—
Total geral	579.118	4	579.122	415.380

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DA COLÔMBIA — Segundo as cifras fornecidas pelos escritórios de Nova York da Federação Nacional de Cafeicultores de Colômbia, os estoques de café nos portos colombianos eram os seguintes, em 15 do corrente :

	Sacas de 60 quilos
Barranquilla	236.736
Cartagena	169.295
Buenaventura	206.230
Total	612.261

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DE O SALVADOR — De acôrdo com as cifras fornecidas pelo representante da Associación Cafetalera de El Salvador junto do Bureau, os estoques de café nos portos do Salvador elevavam-se a 118.735 sacas de 60 quilos, em 1.º do corrente. A distribuição era a seguinte :

La Libertad	32.575
Acajutla	9.343
La Unión	49.886
Puerto Barrios	26.932
Total	118.736

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO — Conforme cifras recebidas pela Bolsa do Café e Açúcar de Nova York dos seus correspondentes no Rio, os estoques de café em São Paulo, nas estações ferroviárias e nos armazens do interior, elevavam-se em 31 de agôsto a 2.510.000 sacas de 60 quilos, contra um total de 4.992.000 sacas em 31 de agôsto de 1943. Reproduzimos em seguida um quadro com os respectivos detalhes :

	Sacas de 60 quilos	
Safra	31/8/44	31/8/43
1941/42	—	561.000
1942/43	1.611.000	4.361.000
1943/44	899.000	—
	2.510.000	4.922.000

Os despachos por estrada de ferro da safra de 1943/44 foram de 705.000 sacas no mês de agôsto.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ — Segundo as cifras fornecidas pela Repartição de Alfândegas dos Estados Unidos as importações de café durante a última semana muito baixas, atingindo apenas 137.755 sacas, contra 234.541 na semana precedente. Para êsse total concorreram o Brasil, com 77.703 sacas ; Haiti, com 21.358 ; e a Guatemala, com 23.878 sacas. Os outros países, com exceção da Venezuela que enviou 9.180 sacas, tiveram importações tão reduzidas que não vale a pena mencionar. O total importado desde 1.º de outubro até 9 do corrente, para a maioria dos países signatários, e até 16 do corrente, para a Costa Rica, República Dominicana, O Salvador, Guatemala e Nicarágua, é de 16.807.151 sacas, ou sejam 80,4% da quota aumentada, ao passo

que os 345 dias do ano de quota já transcorridos até 9 do corrente, e os 352 transcorridos até 16, correspondem respectivamente a 94,3% e 96,2%. O quadro N.° 568 que se junta à presente contem dados mais completos sôbre estas importações.

MERCADO DOS DISPONÍVEIS — No Brasil os preços do tipo Rio 7 aumentaram em 21 do corrente de Cr$ 26,00 para Cr$ 28,00. Essa subida reflete, naturalmente, a firmeza do mercado nos países produtores. Essa tendência firme parece igualmente ter afetado na última semana o mercado desta praça, onde os negócios de café se tornaram mais difíceis. Como dizemos no primeiro capítulo desta carta os lotes de café para venda por amostras desapareceram dêste mercado, e os comerciantes afirmam que os preços no mercado interno brasileiro são mais elevados do que os máximos aqui em vigor.

Embora os estoques de café nos Estados Unidos apresentem uma redução considerável comparados com os existentes em julho, a redução não é alarmante. Todavia o fato da maior parte do café se encontrar em poder dos torradores está criando dificuldades em vários setores do comércio, visto que só os torradores que importavam café em 1940-41 podem continuar negociando, uma vez que o seu lucro provem justamente da venda do café torrado. Os importadores e misturadores afirmam que não lhes é possível fazer negócios, pois não podem adquirir café nos países produtores, a preços iguais aos máximos aqui em vigor, e vendê-lo ao mesmo preço aos torradores. A maior parte dos pequenos importadores não importava em 1940-41 e, portanto, não podem negociar atualmente, de acôrdo com a Ordem M-63. O mesmo sucede com alguns dos maiores torradores, que não faziam importação diréta antes dessa data.

A fim de tratar dêsse mesmo assunto realizou-se em 21 do corrente uma reunião dos membros da Associação de Café Cru de Nova York. Entre os assuntos a tratar figurava o problema levantado pela dificuldade em adquirir café, e a conveniência de se alterarem certas disposições da citada Ordem M-63. As resoluções tomadas foram as seguintes :

"1.° — Que na opinião do Conselho Diretor da Associação o govêrno dos Estados Unidos deve tomar imediatamente as medidas necessárias para assegurar o aprovisionamento ininterrupto de café mediante os canais já existentes do comércio, garantindo igualmente uma margem de lucro adequada aos importadores e torradores.

2.° — Que o Conselho favorece a manutenção em vigor da Ordem M-63 durante o período em que se conservarem em vigor os preços máximos."

NOTÍCIAS DIVERSAS — Supomos que se realiza hoje em Washington uma reunião dos membros do Comité Auxiliar do Comércio da Junta Interamericana do Café, e que o Comitê Geral do Comércio se reunirá igualmente amanhã na mesma cidade. Na próxima Carta Semanal informaremos nossos leitores sôbre os resultados de tais reuniões, assim como do mais que venha a occorrer o importante problema dos preços do café.

Plantar uma árvore de *madeira de lei*, para substituir uma outra que o machado derrubou por necessidade, é medida de prudência e alta sabedoria.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS EE. UU. SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

De 1 de Outubro de 1943 a 9 e 16 de Setembro de 1944

(Sacas de 60 quilos ou 132 276 libras)

Quadro N.º 568

PAÍSES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1943/44 (1)	(2) AUTORIZADO A ENTRAR de 1.º de Out.º 1943 a data abaixo:		RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (§)
		SEMANA TERMINADA EM 9/9/1944	TOTAL DE 1.º OUT. a 9/9/1944		
Brasil	12 259 446	77 703	9 057 632	3 201 814	73,9
Colômbia	4 152 393	—	4 152 393 (º)	—	100,0
Cuba	105 458	—	64 092	41 366	60,8
Haiti	362 510	21 358	318 306	44 204	87,8
Honduras	26 361	—	26 361 (º)	—	100,0
México	626 155	—	626 155 (º)	—	100,0
Peru	32 956	1 624	27 188	5 768	82,5
Venezuela	553 652	9 180	326 339	227 313	58,9
		SEMANA TERMINADA EM 16/9/1944	TOTAL DE 1.º OUT. A 16/9/1944		
Costa Rica	263 644	6	237 248	26 396	90,0
República Dominicana	157 866	305	144 196	13 670	91,3
Equador	197 733	—	166 993	30 740	84,5
El Salvador	790 932	3 701	761 760	29 172	96,3
Guatemala	705 248	23 878	680 273	24 975	96,5
Nicarágua	257 053	— 24 (x)	218 215 (x)	38 838	84,9
Total dos países signatários	**20 491 407**	**137 755**	**16 807 151**	**3 684 256**	**82,0**
PAÍSES NÃO SIGNATÁRIOS	467 968	—	33 716	434 252	7,2
Total geral	**20 959 375**	**137 755**	**16 840 867**	**4 118 508**	**80,4**

(§) Em 9 e 16 de Setembro são 345 e 352 dias ou 94,3% e 96,2%, respectivamente s/a quota anual. (x) Revisão efetuada nas cifras das semanas anteriores. (º) Quota de importação preenchida como segue: Honduras, 1 de Julho de 1944; Colômbia, 19 de Julho de 1944 e México, 19 de Agosto de 1944. (1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 21 de Abril de 1944. (2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Dep. do Tesouro dos Estados Unidos.

REGISTRO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÕES DOS PAÍSES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

(Saca de 60 quilos ou 132 276 libras)

Quadro N.º 568

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1943/44 (1)	VENDAS REGISTRADAS DE OUT.º 1.º 1943 A (3)		% DA QUOTA REGISTRADA	EXPORTAÇÕES DE OUT.º 1.º 1943 A (4)		% DAS EXPORTAÇÕES SÔBRE OS REGISTROS
Brasil	12 259 446				Jul. 31/44	7 681 393	
Colômbia	4 152 393	Mar. 31/44	3 320 867	80,0	Set. 16/44	4 339 238	
Costa Rica	263 644	Ag. 23/44	218 879	83,0	Ag. 31/44	235 682	
Cuba	105 458				Fev. 29/44	23 993	
República Dominicana	157 866	Fev. 16/44	42 298 (4)	26,8	Ag. 31/44	129 455	
Equador	197 733				Jul. 31/44	132 801	
El Salvador	790 932	Jun. 28/44	774 686 (4)	97,9	Jun. 28/44	658 206	85,0
Guatemala	705 248	Set. 2/44	746 838	105,9	Set. 2/44	661 646 (3)	88,6
Haiti	362 510				Ag. 31/44	299 324	
Honduras	26 361				Mar. 31/44	16 497	
México	626 155				Abr. 29/44	432 237	
Nicarágua	257 053	Jul. 15/44	244 812	95,2	Ag. 31/44	217 110	88,7
Peru	32 956				Jul. 31/44	23 792	
Venezuela	553 652	Ag. 26/44	328 424 (4)	59,3	Ag. 26/44	321 795	98,0
MERCADO EXTERIOR DOS EE. UU.							
Brasil	7 813 000				Jul. 31/44	1 657 627	
Colômbia	1 079 000	Mar. 31/44	124 522	11,5	Set. 16/44	216 317	
Costa Rica	242 000	Ag. 23/44	148 966	61,6	Ag. 31/44	71 749	48,2
Cuba	62 000				Fev. 29/44	384	
República Dominicana	138 000	Mar. 22/44	4 639 (4)	3,4	Ag. 31/44	6 627	
Equador	89 000				Jul. 31/44	10 822	
El Salvador	527 000	Jun. 28/44	185 791 (4)	35,3	Jun. 28/44	156 853	84,4
Guatemala	312 000	Set. 2/44	126 042	40,3	Set. 2/44	124 968 (3)	99,1
Haiti	327 000				Ag. 31/44	52 282	
Honduras	21 000				Mar. 31/44	1 178	
México	239 000				Abr. 29/44	8	
Nicarágua	114 000				Ag. 31/44	3 220	
Peru	43 000				Jul. 31/44	Nada	
Venezuela	606 000	Ag. 26/44	12 087 (4)	2,0	Ag. 26/44	6 135	50,8

(1) De acôrdo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, datada de 21 de Abril de 1944. (3) Cifras obtidas da Junta Inter-Americana do Café. (4) Cifras obtidas por êste escritório, de fontes oficiais, nos países de origem.

Estatísticas

Movimento da Safra 1941/42

I — DESTINO SANTOS

(ATÉ 30 DE SETEMBRO DE 1944)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	CONVERTIDAS	DIRETA ESPECIAL	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	APREENDIDAS E ANULADAS	A LIBERAR
Diretas	716.304	—	1.844.873	2.561.177	2.559.867	1.310	—	—
16-R-41	89.800	5.474	—	95.274	95.274	—	—	—
15-R-41	111.963	5.062	—	117.025	117.025	—	—	—
14-R-41	76.261	1.228	—	77.489	77.489	—	—	—
13-R-41	90.246	3.059	—	93.305	93.130	—	175	—
12-R-41	65.711	647	—	66.358	66.358	—	—	—
11-R-41	79.682	1.618	—	81.300	81.300	—	—	—
10-R-41	45.790	2.039	—	47.829	47.304	—	525	—
9-R-41	57.768	860	—	58.628	58.130	460	—	38
8-R-41	47.725	1.009	—	48.734	48.376	358	—	—
7-R-41	54.331	443	—	54.774	54.634	140	—	—
6-R-41	19.909	301	—	20.210	20.210	—	—	—
5-R-41	24.776	887	—	25.663	25.663	—	—	—
4-R-41	15.440	1.492	—	16.932	16.720	212	—	—
3-R-41	14.622	99	—	14.721	14.721	—	—	—
2-R-41	10.079	340	—	10.419	10.419	—	—	—
1-R-41	25.418	39	—	25.457	25.457	—	—	—
Total ...	**829.521**	**24.597**	—	**854.118**	**852.210**	**1.170**	**700**	**38**
Preferencial	2.369.542	253.126	—	2.622.668	2.617.438	5.199	31	—
Pref. Esp. . .	40.372	—	—	40.372	40.372	—	—	—
Despolpado	39.533	—	—	39.533	39.533	—	—	—
Total geral	**3.995.272**	**277.723**	**1.844.873**	**6.117.868**	**6.109.420**	**7.679**	**731**	**38**

Movimento da Safra 1942/43

II — DESTINO SANTOS

(ATÉ 30 DE SETEMBRO DE 1944)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	DESTINOS ALTERADOS	CONVERTIDAS	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	A LIBERAR
1-D-42	114.626	—	—	114.626	114.626	—	—
2-D-42	1.568.742	—	—	1.568.742	1.568.742	—	—
3-D-42	633.085	—	—	633.085	632.120	—	965
4-D-42	404.219	—	—	404.219	403.616	250	353
5-D-42	258.909	—	—	258.909	246.988	550	11.371
6-D-42	179.810	—	—	179.810	167.190	355	12.265
7-D-42	163.937	—	—	163.937	124.438	4.658	34.841
8-D-42	192.940	—	—	192.940	141.353	950	50.637
9-D-42	119.445	—	—	119.445	88.640	—	30.805
10-D-42	131.514	—	—	131.514	95.855	—	35.659
11-D-42	26.514	—	—	26.514	22.989	—	3.525
12-D-42	79.290	185	—	79.475	67.267	—	12.206
Total	3.873.031	185	—	3.873.216	3.673.824	6.763	192.629
10-R-42	91.701	—	8.508	100.209	44.264	—	55.945
9-R-42	1.254.998	—	31.560	1.286.558	692.631	—	593.927
8-R-42	506.475	—	6.326	512.801	280.134	—	232.667
7-R-42	323.366	—	3.488	326.854	181.191	200	145.463
6-R-42	207.130	—	3.996	211.126	144.475	440	66.211
5-R-42	143.847	—	1.153	145.000	123.253	284	21.465
4-R-42	131.131	—	1.108	132.259	96.044	3.721	32.474
3-R-42	154.337	—	1.835	156.172	102.306	760	53.106
2-R-42	95.555	—	1.205	96.760	69.360	—	27.400
1-R-42	105.216	—	916	106.132	68.671	—	37.461
2A-R-42	21.210	—	288	21.498	16.555	—	4.943
1A-R-42	63.448	148	2.098	65.694	53.261	—	12.433
Total	5.098.414	148	62.481	3.161.045	1.872.145	5.405	1.283.493
Pref. Despolp.	39.519	—	—	39.519	39.519	—	—
Total geral ..	7.010.964	333	62.481	7.073.778	5.585.488	12.168	1.476.122

NOTA: — Do mês de junho a 30 de novembro de 1942 foram despachadas 25.514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Resolução 467).

Movimento da Safra 1943/44

III — DESTINO SANTOS

(ATÉ 30 DE SETEMBRO DE 1944)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-43	266.342	264.815	1.527
2-D-43	225.436	223.633	1.803
3-D-43	280.758	274.628	6.130
4-D-43	198.363	178.575	19.788
5-D-43	210.255	183.674	26.581
6-D-43	150.727	132.355	18.372
7-D-43	154.769	145.864	8.905
8-D-43	113.816	107.937	5.879
9-D-43	86.500	78.478	8.022
10-D-43	83.537	74.949	8.588
11-D-43	92.697	77.895	14.802
12-D-43	35.635	32.507	3.128
13-D-43	50.465	44.858	5.607
14-D-43	116.016	99.965	16.051
Total	**2.065.316**	**1.920.133**	**145.183**
14-R-43	266.359	196.905	69.454
13-R-43	225.456	143.346	82.110
12-R-43	280.795	160.244	120.551
11-R-43	198.391	114.838	83.553
10-R-43	210.295	147.242	63.053
9-R-43	150.748	108.361	42.387
8-R-43	154.792	121.803	32.989
7-R-43	113.847	92.798	21.049
6-R-43	86.524	72.657	13.867
5-R-43	83.559	69.912	13.647
4-R-43	92.708	75.062	17.646
3-R-43	35.650	29.454	6.196
2-R-43	50.484	38.757	11.727
1-R-43	116.042	91.460	24.582
Total	**2.065.650**	**1.462.839**	**602.811**
Preferencial	1.704.593	1.604.479	100.114
Preferencial Desp.	52.820	52.820	—
Total geral	**5.888.379**	**5.040.271**	**848.108**

NOTA : — No total referente ao Preferencial Despolpado estão computadas 27.136 sacas despachadas durante o período de 1.º de junho a 15 de outubro de 1943.

Café Paulista recebido a despacho com destino a Santos

SAFRA 1944/45

Saca de 60 quilos

ESTRADA	ATÉ 31 DE AGOSTO DE 1944					1.ª QUINZENA DE SETEMBRO DE 1944					2.ª QUINZENA DE SETEMBRO DE 1944					TOTAL				TOTAL GERAL
	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	
São Paulo Railway Co.	500	13.474	13.467	5.210	32.651	343	8.727	8.720	2.898	20.688	36	6.073	6.067	809	12.985	879	28.274	28.254	8.917	66.324
E. F. Sorocabana	11.549	24.380	24.379	15.142	75.450	35	13.846	13.846	3.866	31.593	736	20.885	20.884	2.620	45.125	12.320	59.111	59.109	21.628	152.168
Cia. Paulista E. F.	—	19.900	19.898	16.662	56.460	—	9.259	9.256	5.753	24.268	—	13.131	13.129	6.113	32.373	—	42.290	42.283	28.528	113.101
Cia. Mogiana E. F.	2.417	839	838	5.494	9.588	76	1.815	1.813	4.796	8.500	522	2.699	2.697	6.862	12.780	3.015	5.353	5.348	17.152	30.868
E. F. Araraquara...........	—	3.444	3.441	5.815	12.700	—	4.686	4.685	2.500	11.871	—	4.834	4.831	2.668	12.333	—	12.964	12.957	10.983	36.904
Cia. E. F. do Dourado	—	2.019	2.018	500	4.537	—	1.628	1.626	—	3.254	—	1.131	1.131	960	3.222	—	4.778	4.775	1.460	11.013
Cia. Ferrov. S. Paulo-Goiaz...	—	1.926	1.926	461	4.313	—	281	280	492	1.053	—	14	13	146	173	—	2.321	2.219	1.099	5.539
E. F. Monte Alto	—	105	104	—	209	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	105	104	—	209
E. F. Noroeste do Brasil....	—	4.959	4.959	2.226	12.144	—	3.524	3.524	1.703	8.751	—	6.463	6.463	1.410	14.336	—	14.946	14.946	5.339	35.231
Cia. E. F. Itatibense	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Cia. Campineira T. L. F....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	127	126	—	253	—	127	126	—	253
E. F. São Paulo e Minas ...	—	20	20	196	236	—	40	40	111	191	—	—	—	—	—	—	60	60	307	427
E. F. Jaboticabal	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
E. F. Barra Bonita	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
E. F. Morro Agudo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
E. F. Central do Brasil	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	15	15	—	30	—	15	15	—	30
Total	**14.466**	**71.066**	**71.050**	**51.706**	**208.288**	**454**	**43.806**	**43.790**	**22.119**	**110.169**	**1.294**	**55.372**	**55.356**	**21.588**	**133.610**	**16.214**	**170.244**	**170.196**	**95.413**	**452.067**

NOTA : — Além dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fora de Série" 1.096.442 sacas de 1.º de Julho a 30 de Setembro 1944.
Com destino a Marítima foram despachadas 15 484 sacas "Fora de Série" de Série" de 1.º de Julho a 30 de Setembro 1944.
Para Marítima e Angra dos Reis não houve despachos de café seriado.

Café Paulista entrado em Santos

I — SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

SETEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	1941/42	1942/43	1943/44	1944/45	TOTAL
São Paulo Railway Co.	—	—	—	(R. 467) 818	881
E. F. Sorocabana	—	62.686	2.509	4.846	70.041
Cia. Paulista E. F.	—	526	6.660	—	186
Cia. Mogiana E. F.	—	15.021	20.056	1.681	36.758
Cia. Ferroviária S. Paulo-Goiaz	—	4.000	—	—	4.000
E. F. Noroeste do Brasil	112	52.697	21.734	—	74.543
E. F. São Paulo e Minas	—	35	512	—	547
Total	112	134.965	51.471	7.345	193.893

Prevenir a erosão: — Com a lavagem da terra pelas enxurradas perde-se boa parte de sua fertilidade. Em terras acidentadas é preciso "terracear" ou plantar em curvas de níveis. Sendo levemente inclinadas, deve-se plantar sempre no sentido contrário ao das enxurradas, "cortando" as águas.

Café Paulista (preferencial) entrado em Santos

II — MÊS DE DESPACHO POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

SETEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	OUT. 1943	NOV. 1943	DEZ. 1943	JAN. 1944	FEVER. 1943	MARÇO 1944	ABRIL 1944	MAIO 1944	AGÔSTO 1944	SETEMBRO 1944	TOTAL
PREFERENCIAL — Safra 1943/44											
Cia. Mogiana E. F.	800	983	1 709	2 365	2 105	622	3 081	773	—	—	12 438
E. F. Noroeste do Brasil	—	—	5 000	7 000	700	2 230	405	2 500	—	—	17 835
E. F. São Paulo e Minas	—	—	250	—	—	—	—	—	—	—	250
Total	800	983	6 959	9 365	2 805	2 852	3 486	3 273	—	—	30 523
PREF. DESP. - Safra 1944/45 (Res. 467)											
São Paulo Railway Co.	—	—	—	—	—	—	—	—	500	318	818
E. F. Sorocabana	—	—	—	—	—	—	—	—	4 811	35	4 846
Cia. Mogiana E. F.	—	—	—	—	—	—	—	—	1 681	—	1 681
Total	—	—	—	—	—	—	—	—	6 992	353	7 345
Total Geral	800	983	6 959	9 365	2 805	2 852	3 486	3 273	6 992	353	37 868

Café Mineiro, Goiano e Paranaense entrado em Santos

III — SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

SETEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	MINEIRO			PARANAENSE				TOTAL GERAL
	1943/44	1944/45 (R. 467)	TOTAL	1942/43	1943/44	1944/45	TOTAL	
E. F. Sorocabana	—	—	—	548	375	960	1 883	1 883
Cia. Mogiana E. F.	12 257	250	12 507	—	—	—	—	12 507
Rêde Mineira de Viação	5 815	—	5 815	—	—	—	—	5 815
Leopoldina Railway	9 394	—	9 394	—	—	—	—	9 394
E. F. Vitória a Minas	668	—	668	—	—	—	—	668
E. F. São Paulo-Paraná	—	—	—	4 786	6 604	—	11 390	11 390
Total	28 134	250	28 384	5 334	6 979	960	13 273	41 657

Resumo do Café entrado em Santos

IV — SAFRA POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

SETEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

SAFRA	TOTAL DE JULHO E AGOSTO	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANA-ENSE	TOTAL DO MÊS	TOTAL GERAL
1941/42	7.714	112	—	—	—	112	7.826
1942/43	549.144	134.965	—	—	5.334	140.299	689.443
1943/44	786.067	51.471	28.134	—	6.979	86.584	872.651
1944/45 (Res. 467)	7.731	7.345	250	—	960	8.555	16.286
Total	1.350.656	193.893	28.384	—	13.273	235.550	1.586.206
Mesmo período ano anterior	2.331.361	643.745	40.563	6.297	35.863	731.468	3.062.829

Café Paulista entrado no Rio de Janeiro

I — SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

SETEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	1943/44	1944/45	TOTAL
Cia. E. F. Dourado	2	—	2
E. F. Central do Brasil	—	666	666
Total	2	668	668

Resumo do Café entrado no Rio de Janeiro

II — POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

SETEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

ESTADO DE PROCEDÊNCIA	DE JULHO E AGOSTO	MÊS DE SETEMBRO	TOTAL
São Paulo	3.538	669	4.207
Minas Gerais	107.656	59.301	166.957
Rio de Janeiro	66.159	30.341	96.500
Espírito Santo	170.405	71.470	241.875
Total	347.758	161.781	509.539

Café Paulista recebido a despacho com destino a Santos

SAFRA 1944/45

Saca de 60 quilos

ESTRADA	ATÉ 31 DE AGOSTO DE 1944					1.ª QUINZENA DE SETEMBRO DE 1944					2.ª QUINZENA DE SETEMBRO DE 1944					TOTAL				TOTAL GERAL
	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	TOTAL	PREFER. DESPOLP.	RETIDA	DIRETA	PREFER.	
São Paulo Railway Co.	500	13.474	13.467	5.210	32.651	343	8.727	8.720	2.898	20.688	36	6.073	6.067	809	12.985	879	28.274	28.254	8.917	66.324
E. F. Sorocabana	11.549	24.380	24.379	15.142	75.450	35	13.846	13.846	3.866	31.593	736	20.885	20.884	2.620	45.125	12.320	59.111	59.109	21.628	152.168
Cia. Paulista E. F.	—	19.900	19.898	16.662	56.460	—	9.259	9.256	5.753	24.268	—	13.131	13.129	6.113	32.373	—	42.290	42.283	28.528	113.101
Cia. Mogiana E. F.	2.417	839	838	5.494	9.588	76	1.815	1.813	4.796	8.500	522	2.699	2.697	6.862	12.780	3.015	5.353	5.348	17.152	30.868
E. F. Araraquara	—	3.444	3.441	5.815	12.700	—	4.686	4.685	2.500	11.871	—	4.834	4.831	2.668	12.333	—	12.964	12.957	10.983	36.904
Cia. E. F. do Dourado	—	2.019	2.018	500	4.537	—	1.628	1.626	—	3.254	—	1.131	1.131	960	3.222	—	4.778	4.775	1.460	11.013
Cia. Ferrov. S. Paulo-Goiaz...	—	1.926	1.926	461	4.313	—	281	280	492	1.053	—	14	13	146	173	—	2.321	2.219	1.099	5.539
E. F. Monte Alto	—	105	104	—	209	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	105	104	—	209
E. F. Noroeste do Brasil....	—	4.959	4.959	2.226	12.144	—	3.524	3.524	1.703	8.751	—	6.463	6.463	1.410	14.336	—	14.946	14.946	5.339	35.231
Cia. E. F. Itatibense	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
Cia. Campineira T. L. F....	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	127	126	—	253	—	127	126	—	253
E. F. São Paulo e Minas ...	—	20	20	196	236	—	40	40	111	191	—	—	—	—	—	—	60	60	307	427
E. F. Jaboticabal	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
E. F. Barra Bonita	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
E. F. Morro Agudo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
E. F. Central do Brasil	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	15	15	—	30	—	15	15	—	30
Total	**14.466**	**71.066**	**71.050**	**51.706**	**208.288**	**454**	**43.806**	**43.790**	**22.119**	**110.169**	**1.294**	**55.372**	**55.356**	**21.588**	**133.610**	**16.214**	**170.244**	**170.196**	**95.413**	**452.067**

NOTA : — Além dos despachos acima mencionadas foram despachadas "Fora de Série" 1.096.442 sacas de 1.º de Julho a 30 de Setembro 1944.
Com destino a Marítima foram despachadas 15 484 sacas "Fora de Série" de Série" de 1.º de Julho a 30 de Setembro 1944.
Para Marítima e Angra dos Reis não houve despachos de café seriado.

Cafés mineiros despachados na safra de 1943/44

(ATÉ 30/9/1944)

ESTRADA DE FERRO	PORTOS DE DESTINO					TOTAIS
	RIO	SANTOS	ANGRA	VITÓRIA	CARAVELAS	
Rêde Mineira :						
Pref. Despolpado	3.860	—	—	—	—	3.860
Preferencial	449.072	323.586	115.663	—	—	888.321
Diréta	22.774	27.461	2.174	—	—	52.409
Retida	22.777	27.468	2.175	—	—	52.420
Total	**498.483**	**378.515**	**120.012**	—	—	**997.010**
Cia. Mogiana :						
Pref. Despolpado	610	3.920	—	—	—	4.530
Preferencial	21.532	319.243	4.677	—	—	345.452
Diréta	2.630	42.858	54	—	—	45.542
Retida	2.630	42.481	54	—	—	45.165
Total	**27.402**	**408.502**	**4.785**	—	—	**440.689**
Leopoldina :						
Pref. Despolpado	57.682	5.478	—	—	—	63.160
Preferencial	8.156	—	—	—	—	8.156
Diréta	169.038	213.994	—	—	—	383.032
Retida	169.885	213.576	—	—	—	383.561
Torrefação	41.778	—	—	—	—	41.778
Total	**446.539**	**433.048**	—	—	—	**879.587**
Central :						
Pref. Despolpado	5.222	2.158	—	—	—	7.380
Diréta	6.498	185.526	—	—	—	192.024
Retida	6.148	182.083	—	—	—	188.231
Total	**17.868**	**369.767**	—	—	—	**387.635**
São Paulo e Minas :						
Preferencial	960	33.145	—	—	—	34.105
Diréta	500	11.848	—	—	—	12.348
Retida	500	11.848	—	—	—	12.348
Total	**1.960**	**56.841**	—	—	—	**58.801**
Vitória a Minas :						
Diréta	—	95.102	—	20.029	—	115.131
Retida	—	95.102	—	20.029	—	115.131
Total	—	**190.204**	—	**40.058**	—	**230.262**
Bahia e Minas :						
Diréta	—	—	—	—	85.500	85.500
Retida	—	—	—	—	85.500	85.500
Total	—	—	—	—	**171.000**	**171.000**
Resumo :						
Pref. Despolpado	67.374	11.556	—	—	—	78.930
Preferencial	479.720	675.974	120.340	—	—	1.276.034
Diréta	201.440	576.789	2.228	20.029	85.500	885.986
Retida	201.940	572.558	2.229	20.029	85.500	882.256
Torrefação	41.778	—	—	—	—	41.778
TOTAL GERAL	**992.252**	**1.836.877**	**124.797**	**40.058**	**171.000**	**3.164.984**

Secretaria das Finanças do Estado de Minas Gerais
Departamento do Serviço do Café do Rio de Janeiro
Seção de Fiscalização e Estatística.

Movimentação do café mineiro da safra 1943/44

(EM 30/9/1944)

DESTINOS E QUOTAS	DESPACHADO	ENTREGUE NOS PORTOS	EXISTENTE NOS REGULADORES	COM AS FERROVIAS
Rio de Janeiro :				
Pref. Despolpado	67.374	67.374	—	—
Preferencial	479.720	427.290	4.653	47.777
Direta	201.440	180.213	650	20.577
Retida	201.940	118.061	37.506	46.373
Torrefação	41.778	41.778	—	—
Total	**992.252**	**834.716**	**42.809**	**114.727**
Santos :				
Pref. Despolpado	11.556	11.556	—	—
Preferencial	675.974	508.568	86.739	80.667
Direta	576.789	311.014	46.895	218.880
Retida	572.558	—	350.414	222.144
Total	**1.836.877**	**831.138**	**484.048**	**521.691**
Angra dos Reis :				
Preferencial	120.340	104.825	560	14.955
Direta	2.228	1.638	290	300
Retida	2.229	1.637	290	302
Total	**124.797**	**108.100**	**1.140**	**15.557**
Vitória :				
Direta	20.029	20.029	—	—
Retida	20.029	1.368	18.001	660
Total	**40.058**	**21.397**	**18.001**	**660**
Caravelas :				
Direta	85.500	85.500	—	—
Retida	85.500	—	35.700	49.800
Total	**171.000**	**85.500**	**35.700**	**49.800**
Pirapora:				
Comércio Interestadual	68.305	68.305	—	—
Total geral	**3.233.289**	**1.949.156**	**581.698**	**702.435**
PERCENTAGEM	100 %	60,28 %	17,99 %	21,73 %

Secretaria das Finanças do Estado de Minas Gerais
Departamento do Serviço do Café no Rio de Janeiro
Seção de Fiscalização e Estatística.

Exportação Brasileira de Café

PREÇO MÉDIO A BORDO POR SACA, EM CRUZEIROS

POR PORTOS DE EMBARQUE

ANO	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	ANGRA DOS REIS	DIVERSOS	BRASIL
1903	30,19	29,17	29,64	—	25,65	—	—	26,69	29,73
1904	38,51	40,23	40,63	—	37,34	—	—	33,33	39,06
1905	29,32	31,52	31,96	—	30,54	—	—	32,00	30,01
1906	30,14	29,49	29,75	—	28,89	—	—	31,09	29,96
1907	29,71	26,89	26,39	—	26,75	—	—	28,87	28,95
1908	30,77	25,42	23,56	—	22,61	—	—	27,44	29,09
1909	31,91	30,72	29,19	—	28,59	—	—	33,29	31,62
1910	40,75	37,05	35,02	—	39,84	—	—	40,95	39,65
1911	54,78	51,06	50,23	—	48,81	52,70	—	48,51	53,88
1912	59,04	54,81	52,87	—	51,08	53,04	—	55,20	57,81
1913	47,71	40,75	39,48	45,37	46,22	39,64	—	44,80	46,10
1914	41,22	32,41	31,10	42,72	35,23	33,52	—	33,81	39,02
1915	37,44	33,99	32,45	44,87	33,58	33,93	—	32,30	36,37
1916	45,94	43,46	42,79	51,25	40,70	41,50	—	38,45	45,19
1917	42,93	37,92	34,49	—	44,45	43,21	—	39,42	41,51
1918	49,78	41,24	39,67	41,43	51,42	42,35	—	50,88	47,45
1919	100,42	80,12	78,92	—	71,88	74,85	—	85,43	94,61
1920	79,16	62,30	59,02	77,75	69,92	73,91	—	68,50	74,71
1921	86,81	70,93	71,81	—	80,65	40,10	—	65,58	82,39
1922	128,87	99,95	98,26	68,25	101,95	87,55	—	85,00	118,70
1923	154,11	131,79	128,68	70,56	151,50	151,50	—	109,45	146,88
1924	213,66	187,66	200,96	151,71	196,42	181,21	—	176,56	205,85
1925	228,01	187,94	187,54	184,37	204,28	166,69	—	175,91	215,11
1926	179,75	152,73	151,04	166,28	151,40	147,98	—	155,90	170,72
1927	181,41	146,15	143,28	163,48	152,29	149,52	—	175,90	170,40
1928	222,68	171,41	171,13	173,72	167,04	166,23	—	193,20	204,62
1929	211,13	154,85	149,88	173,83	153,56	137,13	—	179,57	191,87
1930	137,31	89,16	88,62	107,15	82,43	77,33	—	112,65	119,54
1931	147,71	104,35	106,70	138,88	101,05	109,31	118,90	97,55	131,48
1932	167,21	137,47	135,28	172,33	142,19	123,12	133,75	147,94	152,82
1933	139,92	118,90	115,88	129,04	113,81	112,48	116,32	132,34	132,79
1934	152,78	142,81	139,87	148,00	131,53	129,81	142,47	138,68	149,47
1935	148,73	123,65	121,36	136,77	122,99	121,88	117,39	126,09	140,69
1936	166,72	141,05	122,27	139,63	131,83	140,86	162,16	154,30	157,31
1937	187,00	167,72	145,97	164,75	154,43	164,12	179,10	181,31	178,13
1938	144,64	114,22	96,45	109,83	116,85	118,00	142,97	127,72	134,18
1939	145,08	117,00	96,76	115,71	110,92	122,48	149,48	132,25	135,42
1940	137,72	121,24	95,98	114,16	112,38	114,88	148,25	113,17	131,94
1941	194,17	164,48	114,81	167,21	121,44	157,03	184,42	186,26	182,50
1942	286,30	249,26	188,32	266,35	205,77	252,18	283,57	216,34	270,03
1943	290,30	245,33	183,85	259,45	238,74	255,05	286,94	239,92	277,16
1944	296,85	244,46	180,38	261,13	224,68	253,81	284,89	231,90	285,21

NOTA: 1944 — 1.º semestre.

Exportação Brasileira de Café

JANEIRO A SETEMBRO DE 1944

Saca de 60 quilos

PORTO DE EXPORTAÇÃO	EXTERIOR	CABOTAGEM	TOTAL
Setembro :			
Santos	941.419	1.274	942.693
Rio de Janeiro	123.287	8.900	132.187
Vitória	500	35.960	36.460
Paranaguá	3.493	—	3.493
Salvador	337	11.087	11.424
Recife	—	2	2
Total	**1.069.036**	**57.223**	**1.126.259**
Agôsto	1.160.157	61.277	1.221.434
Julho	759.093	34.531	793.624
Junho	789.433	66.092	855.525
Maio	1.205.881	53.861	1.259.752
Abril	1.566.487	74.675	1.641.162
Março	941.201	80.530	1.021.731
Fevereiro	901.969	34.407	936.376
Janeiro	1.293.662	36.091	1.329.753
Total de Janeiro a Setembro	**9.686.919**	**498.687**	**10.185.606**
MESMO PERÍODO EM :			
1943	8.234.675	413.621	8.648.296
1942	5.731.273	252.210	5.983.483
1941	8.456.187	378.618	8.834.805
1940	8.724.755	313.783	9.038.538

NOTA : — Setembro — cifras sujeitas a pequenas retificações.

Exportação Brasileira de Café

I — Detalhe pelos países do destino

AGÔSTO DE 1944

PAÍSES DO DESTINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
África:			
União Sul Africana	1 350	283 162,90	3 809 18 03
América do Norte:			
Canadá	13 000	4 038 132,40	53 598 10 05
Estados Unidos	1 041 811	302 964 035,00	4 030 394 10 09
América do Sul:			
Argentina	44 924	9 380 278,80	125 438 16 10
Paraguai	1 450	374 649,40	5 027 08 04
Uruguai	16 947	3 409 685,20	45 817 09 06
Europa:			
Andora	166	54 218,70	720 11 03
Espanha	1	185,80	2 00 00
Grã-Bretanha	36 450	10 080 447,70	133 924 05 02
Islândia	3 080	683 519,60	9 144 09 00
Suíça	967	251 058,70	3 357 00 00
Não especificado:			
Consumo de bordo	11	2 886,40	38 00 05
Total	1 160 157	331 522 260,60	4 411 272 19 11

Exportação Brasileira de Café

II — Detalhe pelos portos do destino

AGÔSTO DE 1944

PORTOS DO DESTINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
ÁFRICA :			
União Sul Africana :			
Cape Town	1 350	283 162,90	3 809 18 03
AMÉRICA DO NORTE :			
Canadá :			
Via Nova York	13 000	4 038 132,40	53 598 10 05
Estados Unidos :			
Los Angeles	5 500	1 636 725,50	21 797 01 11
Nova York	492 359	144 629 371,20	1 923 421 00 06
Nova Orleães	301 977	85 822 830,60	1 142 134 03 05
Portland	2 765	830 884,70	11 054 10 09
São Francisco	236 035	69 106 678,40	919 519 13 06
Scattle	3 175	937 544,60	12 468 00 08
AMÉRICA DO SUL :			
Argentina :			
Buenos Aires	40 154	8 370 322,70	111 924 17 03
Rosário	4 770	1 009 956,10	13 513 19 07
Paraguai :			
Assunção	1 450	374 649,40	5 027 08 04
Uruguai :			
Montevidéu	16 947	3 409 685,20	45 817 09 06
EUROPA :			
Andorra :			
Via Barcelona	166	54 218,70	720 11 03
ESPANHA :			
Cadiz	1	185,80	2 00 00
Grã-Bretanha :			
Liverpool	36 200	10 035 447,70	133 323 05 02
Londres	250	45 000,00	601 00 00
Islândia :			
Reykjavik	3 080	683 519,60	9 144 09 00
Suíça :			
Via Lisboa	967	251 058,70	3 357 00 00
NÃO ESPECIFICADO :			
Consumo de bordo	11	2 886,40	38 00 05
Total	**1 160 157**	**331 522 260,60**	**4 411 272 19 11**

Exportação Brasileira de Café

III — Detalhe pelos portos de procedência

AGÔSTO DE 1944

Países do Destino	Portos de procedência	Quantidade (sacas de 60 quilos)	Valor em cruzeiros	Valor em libras
África:				
União Sul Africana ...	Rio de Janeiro	1 350	283 162,90	3 809 18 03
América do Norte:				
Canadá	Santos	13 000	4 038 132,40	53 598 10 05
Estados Unidos	Santos	786 646	233 834 385,30	3 105 427 17 05
	Rio de Janeiro	188 403	51 049 278,90	683 033 03 01
	Vitória	3 250	570 061,90	7 625 00 00
	Angra dos Reis	14 448	4 181 596,80	55 919 00 04
	Paranaguá	42 413	11 539 531,00	154 448 00 00
	Recife	6 651	1 789 181,10	23 941 09 11
América do Sul:				
Argentina	Santos	6 200	1 754 141,30	23 334 12 05
	Rio de Janeiro	38 458	7 556 301,80	101 167 04 05
	Paranaguá	266	69 835,70	937 00 00
Paraguai	Santos	1 000	280 500,00	3 770 08 04
	Rio de Janeiro	450	94 149,40	1 257 00 00
Uruguai	Santos	1 897	532 108,50	7 152 09 06
	Rio de Janeiro	15 050	2 877 576,70	38 665 00 00
Europa:				
Andorra	Santos	166	54 218,70	720 11 03
Espanha	Bahia	1	185,80	2 00 00
Grã-Bretanha	Santos	36 200	10 035 447,70	133 323 05 02
	Vitória	250	45 000,00	601 00 00
Islândia	Rio de Janeiro	3 080	683 519,60	9 144 09 00
Suíça	Bahia	967	251 058,70	3 357 00 00
Não especificado:				
Consumo de bordo ...	Santos	11	2 886,40	38 00 05
Total...........		1 160 157	331 522 260,60	4 411 272 19 11

Exportação Brasileira de Café

IV — Detalhe do volume pelos portos do destino, segundo os de procedência

AGÔSTO DE 1944

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	TOTAL
ÁFRICA :								
U. Sul Africana :								
Cape Town . . .	—	1 350	—	—	—	—	—	1 350
AMÉRICA DO NORTE:								
Canadá :								
V. Nova York	13 000	—	—	—	—	—	—	13 00
Estados Unidos :								
Los Angeles . .	4 000	1 500	—	—	—	—	—	5 500
Nova York . . .	396 285	74 225	3 250	11 948	—	—	6 651	492 359
Nova Orleães .	199 215	76 457	—	—	26 305	—	—	301 977
Portland	2 765	—	—	—	—	—	—	2 765
São Francisco .	181 206	36 221	—	2 500	16 108	—	—	236 035
Seattle	3 175	—	—	—	—	—	—	3 175
AMÉRICA DO SUL :								
Argentina :								
Buenos Aires. .	5 900	33 988	—	—	266	—	—	40 154
Rosário	300	4 470	—	—	—	—	—	4 770
Paraguai :								
Assunção	1 000	450	—	—	—	—	—	1 450
Uruguai :								
Montevidéu . . .	1 897	15 050	—	—	—	—	—	16 947
EUROPA :								
Andorra :								
Via Barcelona.	166	—	—	—	—	—	—	166
Espanha :								
Cadiz.	—	—	—	—	—	1	—	1
Grã-Bretanha :								
Liverpool	36 200	—	—	—	—	—	—	36 200
Londres.	—	—	250	—	—	—	—	250
Islândia :								
Reykjavik	—	3 080	—	—	—	—	—	3 080
Suíça :								
Via Lisboa	—	—	—	—	—	967	—	967
NÃO ESPECIFICADO :								
Cons. de bordo	11	—	—	—	—	—	—	11
Total	845 120	246 791	3 500	14 448	42 679	968	6 651	1 160 157

Exportação Brasileira de Café

V — Detalhe do valor, em cruzeiros, pelos portos do destino, segundo os de procedência

AGÔSTO DE 1944

PORTOS DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	SANTOS	R. DE JANEIRO	VITÓRIA	A. DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	TOTAL
ÁFRICA:								
União Sul Africana:								
Cape Town	—	283 162,90	—	—	—	—	—	283 162,90
AMÉRICA DO NORTE:								
Canadá:								
Via Nova York	4 038 132,40	—	—	—	—	—	—	4 038 132,40
Estados Unidos:								
Los Angeles	1 212 321,00	424 404,50	—	—	—	—	—	1 636 725,50
Nova York	117 459 716,70	21 351 542,80	570 061,90	3 458 868,70	—	—	1 789 181,10	144 629 371,20
Nova Orleães	59 688 195,00	18 987 545,10	—	—	7 147 090,50	—	—	85 822 830,60
Portland	830 884,70	—	—	—	—	—	—	830 884,70
São Francisco	53 705 723,30	10 285 786,50	—	722 728,10	4 392 440,50	—	—	69 106 678,40
Seattle	937 544,60	—	—	—	—	—	—	937 544,60
AMÉRICA DO SUL:								
Argentina:								
Buenos Aires	1 655 231,30	6 645 255,70	—		69 835,70	—	—	8 370 322,70
Rosário	98 910,00	911 046,10	—	—	—	—	—	1 009 956,10
Paraguai:								
Assunção	280 500,00	94 149,40	—	—	—	—	—	374 649,40
Uruguai:								
Montevidéu	532 108,50	2 877 576,70	—	—	—	—	—	3 409 685,20
EUROPA:								
Andorra:								
Via Barcelona	54 218,70	—	—	—	—	—	—	54 218,70
Espanha:								
Cadiz	—	—	—	—	—	185,80	—	185,80
Grã-Bretanha:								
Liverpool	—	—	—	—	—	—	—	10 035 447,70
Londres	—	—	45 000,00	—	—	—	—	45 000,00
Islândia								
Reykjavik	—	683 519,60	—	—	—	—	—	683 519,60
Suíça:								
Via Lisboa	—	—	—	—	—	251 058,70	—	251 058,70
NÃO ESPECIFICADO:								
Consumo de bordo	2 886,40	—	—	—	—	—	—	2 886,40
Total	**250 531 820,30**	**62 543 989,30**	**615 061,90**	**4 181 596,80**	**11 609 366,70**	**251 244,50**	**1 789 181,10**	**331 522 260,60**

Exportação Brasileira de Café

VI — Detalhe do valor, em libras, pelos portos de destino, segundo os de procedência

AGÔSTO DE 1944

PORTOS DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	SANTOS	R. DE JANEIRO	VITÓRIA	A. DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	TOTAL
ÁFRICA:								
União Sul Africana:								
Cape Town	—	3 809 18 03	—	—	—	—	—	3 809 18 03
AMÉRICA DO NORTE:								
Canadá:								
Via Nova York	53 598 10 05	—	—	—	—	—	—	53 598 10 05
Estados Unidos:								
Los Angeles	16 107 01 11	5 690 00 00	—	—	—	—	—	21 797 01 11
Nova York	1 560 080 11 01	285 515 19 07	7 625 00 00	46 257 19 11	—	—	23 941 09 11	1 923 421 00 06
Nova Orleães	792 246 00 05	254 204 03 00	—	—	95 684 00 00	—	—	1 142 134 03 05
Portland	11 054 10 09	—	—	—	—	—	—	11 054 10 09
São Francisco	713 471 12 07	137 623 00 06	—	9 661 00 05	58 764 00 00	—	—	919 519 13 06
Seattle	12 468 00 08	—	—	—	—	—	—	12 468 00 08
AMÉRICA DO SUL:								
Argentina:								
Buenos Aires	22 020 02 03	88 967 15 00	—	—	937 00 00	—	—	111 924 17 03
Rosário	1 314 10 02	12 199 09 05	—	—	—	—	—	13 513 19 07
Paraguai:								
Assunção	3 770 08 04	1 257 00 00	—	—	—	—	—	5 027 08 04
Uruguai:								
Montevidéu	7 152 09 06	38 665 00 00	—	—	—	—	—	45 817 09 06
EUROPA:								
Andorra:								
Via Barcelona	720 11 03	—	—	—	—	—	—	720 11 03
Espanha:								
Cadiz	—	—	—	—	—	2 00 00	—	2 00 00
Grã-Bretanha:								
Liverpool	133 323 05 02	—	—	—	—	—	—	133 323 05 02
Londres	—	—	601 00 00	—	—	—	—	601 00 00
Islândia:								
Reykjavik	—	9 144 09 00	—	—	—	—	—	9 144 09 00
Suíça:								
Via Lisboa	—	—	—	—	—	3 357 00 00	—	3 357 00 00
NÃO ESPECIFICADO:								
Consumo de bordo	38 00 05	—	—	—	—	—	—	38 00 05
Total	3 327 365 14 11	837 076 14 09	8 226 00 00	55 919 00 04	155 385 00 00	3 359 00 00	23 941 09 11	4 411 272 19 11

Exportação Brasileira de Café

VII — Discriminação do destino por continente, segundo a procedência

AGÔSTO DE 1944

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
África	Rio de Janeiro	1 350	283 162,90	3 809 18 03
	Total	**1 350**	**283 162,90**	**3 809 18 03**
América do Norte	Santos	799 646	237 872 517,70	3 159 026 07 10
	Rio de Janeiro	188 403	51 049 278,90	683 033 03 01
	Vitória	3 250	570 061,90	7 625 00 00
	Angra dos Reis	14 448	4 181 596,80	55 919 00 04
	Paranaguá	42 413	11 539 531,00	154 448 00 00
	Recife	6 651	1 789 181,10	23 941 09 11
	Total	**1 054 811**	**307 002 167,40**	**4 083 993 01 02**
América do Sul	Santos	9 097	2 566 749,80	34 257 10 03
	Rio de Janeiro	53 958	10 528 027,90	141 089 04 05
	Paranaguá	266	69 835,70	937 00 00
	Total	**63 321**	**13 164 613,40**	**176 283 14 08**
Europa	Santos	36 366	10 089 666,40	134 043 16 05
	Rio de Janeiro	3 080	683 519,60	9 144 09 00
	Vitória	250	45 000,00	601 00 00
	Bahia	968	251 244,50	3 359 00 00
	Total	**40 664**	**11 069 430,50**	**147 148 05 05**
Não especificado	Santos	11	2 886,40	38 00 05
	Total	**11**	**2 886,40**	**38 00 05**
	Total geral	**1 160 157**	**331 522 260,60**	**4 411 272 19 11**

Exportação Brasileira de Café

VIII — Detalhe pelos países do destino

Janeiro a Agôsto de 1944

PAÍSES DO DESTINO	QUANTIDADE (sacas de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
ÁFRICA :			
Egito	33 877	8 005 103,30	107 532 15 10
Sudoeste Africano	25	7 312,50	98 04 07
Tanger	2 500	496 059,30	6 633 10 10
União Sul Africana	13 049	2 890 652,00	38 759 17 02
AMÉRICA CENTRAL :			
Martinica	66	19 800,00	264 15 06
AMÉRICA DO NORTE :			
Canadá	110 929	34 200 400,40	454 576 01 09
Estados Unidos	7 193 402	2 092 542 208,30	27 854 391 18 02
AMÉRICA DO SUL :			
Argentina	393 815	83 942 599,00	1 122 169 03 02
Bolívia	3 200	725 456,30	9 647 12 03
Chile	63 322	13 598 508,50	174 144 17 09
Guiana Francesa	450	119 534,30	1 591 19 09
Paraguai	7 300	1 793 806,70	23 938 04 05
Peru	110	26 343,90	333 06 01
Uruguai	50 543	9 934 214,10	134 133 16 02
EUROPA :			
Andorra	166	54 218,70	720 11 03
Espanha	69 436	15 961 526,10	212 835 19 10
Grã-Bretanha	275 136	76 806 655,10	1 024 680 11 10
Islândia	12 543	2 770 905,70	37 156 10 07
Portugal	7	1 760,00	22 16 01
Suécia	224 739	69 289 633,30	921 979 12 11
Suíça	43 247	13 584 467,80	180 756 07 04
OCEANIA :			
Austrália	117 604	32 987 922,00	440 581 15 08
NÃO ESPECIFICADO :			
Consumo do bordo	2 417	622 238,40	8 337 10 11
Total	8 617 883	2 460 381 325,70	32 755 287 19 10

Exportação Brasileira de Café

IX — Detalhe pelos portos de procedência

JANEIRO A AGÔSTO DE 1944

PAÍSES DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (SACA DE 60 QUILOS)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
ÁFRICA :				
Egito	Rio de Janeiro	33 877	8 005 103,30	107 532 15 10
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	25	7 312,50	98 04 07
Tânger	Rio de Janeiro	2 500	496 059,30	6 633 10 10
União Sul Africana	Rio de Janeiro	13 049	2 890 652,00	38 759 17 02
AMÉRICA CENTRAL :				
Martinica	Belém	66	19 800,00	264 15 06
AMÉRICA DO NORTE :				
Canadá	Santos	106 579	32 884 212,60	436 980 14 09
	Rio de Janeiro	4 350	1 316 187,80	17 595 07 00
Estados Unidos	Santos	5 992 082	1 780 793 937,90	23 679 014 14 05
	Rio de Janeiro	772 907	210 212 315,10	2 813 770 03 08
	Vitória	164 168	29 529 042,90	395 612 13 09
	Angra dos Reis	103 288	29 665 188,30	396 602 08 02
	Paranaguá	103 103	27 510 659,60	368 380 14 04
	Bahia	9 556	2 478 113,10	33 158 12 03
	Recife	48 298	12 352 951,40	167 852 11 07
AMÉRICA DO SUL :				
Argentina	Santos	61 344	17 325 330,80	230 613 13 06
	Rio de Janeiro	307 819	60 424 288,00	808 600 08 02
	Vitória	2 750	564 044,90	7 546 19 00
	Angra dos Reis	1 400	367 409,00	4 921 07 11
	Paranaguá	20 502	5 261 526,30	70 486 14 07
Bolívia	Belém	2 550	579 602,80	7 699 12 03
	Manáus	650	145 853,50	1 948 00 00
Chile	Santos	4 857	1 433 781,60	19 094 01 02
	Rio de Janeiro	58 465	12 164 726,90	155 050 16 07
Guiana Francesa	Belém	450	119 534,30	1 591 19 09
Paraguai	Santos	4 000	1 113 000,00	14 859 08 04
	Rio de Janeiro	3 300	680 806,70	9 078 16 01
Peru	Belém	100	24 000,00	302 00 00
	Manáus	10	2 343,90	31 06 01
Uruguai	Santos	2 683	752 394,30	10 086 09 06
	Rio de Janeiro	47 860	9 181 819,80	124 047 06 08
EUROPA :				
Andorra	Santos	166	54 218,70	720 11 03
Espanha	Santos	33 333	8 230 414,70	109 381 12 05
	Rio de Janeiro	11 102	2 491 647,60	33 390 05 03
	Bahia	25 001	5 239 463,80	70 064 02 02
Grã-Bretanha	Santos	274 636	76 716 655,10	1 023 478 11 10
	Vitória	500	90 000,00	1 202 00 00
Islândia	Rio de Janeiro	12 534	2 770 905,70	37 156 10 07
Portugal	Rio de Janeiro	7	1 760,00	22 16 01
Suécia	Santos	224 739	69 289 633,30	921 979 12 11
Suíça	Santos	35 478	11 368 115,50	151 123 01 00
	Rio de Janeiro	6 468	1 885 048,70	25 203 04 11
	Bahia	1 301	331 303,60	4 430 01 05
OCEANIA :				
Austrália	Santos	117 604	32 987 922,00	440 581 15 08
NÃO ESPECIFICADO :				
Consumo de bordo	Santos	84	23 520,60	312 00 06
	Recife	2 333	598 717,80	8 025 10 05
Total		**8 617 883**	**2 460 381 325,70**	**32 755 287 19 10**

Exportação Brasileira de Café

X — Detalhe do destino por continente, segundo a procedência

JANEIRO A AGÔSTO DE 1944

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (SACA DE 60 QUILOS)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
ÁFRICA	Rio de Janeiro	49 451	11 399 127,10	153 024 08 05
	Total	**49 451**	**11 399 127,10**	**153 024 08 05**
AMÉRICA CENTRAL	Belém	66	19 800,00	264 15 06
	Total	**66**	**19 800,00**	**264 15 06**
AMÉRICA DO NORTE	Santos	6 098 661	1 813 678 150,50	24 115 995 09 02
	Rio de Janeiro	777 257	211 528 502,90	2 831 365 10 08
	Vitória	164 168	29 529 042,90	395 612 13 09
	Angra dos Reis	103 288	29 665 188,30	396 602 08 02
	Paranaguá	103 103	27 510 659,60	368 380 14 04
	Bahia	9 556	2 478 113,10	33 158 12 03
	Recife	48 298	12 352 951,40	167 852 11 07
	Total	**7 304 331**	**2 126 742 608,70**	**28 308 967 19 11**
AMÉRICA DO SUL	Santos	72 884	20 624 506,70	274 653 12 06
	Rio de Janeiro	417 444	82 451 641,40	1 096 777 07 06
	Vitória	2 750	564 044,90	7 546 19 00
	Angra dos Reis	1 400	367 409,00	4 921 07 11
	Paranaguá	20 502	5 261 526,30	70 486 14 07
	Belém	3 100	723 137,10	9 593 12 00
	Manáus	660	148 197,40	1 979 06 01
	Total	**518 740**	**110 140 462,80**	**1 465 958 19 07**
EUROPA	Santos	568 352	165 659 037,30	2 206 683 09 05
	Rio de Janeiro	30 120	7 149 362,00	95 772 16 10
	Vitória	500	90 000,00	1 202 00 00
	Bahia	26 302	5 570 767,40	74 494 03 07
	Total	**652 274**	**178 469 166,70**	**2 378 152 09 10**
OCEANIA	Santos	117 604	32 987 922,00	440 581 15 08
	Total	**117 604**	**32 987 922,00**	**440 581 15 08**
NÃO ESPECIFICADO	Santos	84	23 520,60	312 00 06
	Recife	2 333	598 717,80	8 025 10 05
	Total	**2 417**	**622 238,40**	**8 337 10 11**
DESTINOS REUNIDOS	Santos	6 857 585	2 032 973 137,10	27 038 226 07 03
	Rio de Janeiro	1 274 272	312 528 633,40	4 176 940 03 05
	Vitória	167 418	30 183 087,80	404 361 12 09
	Angra dos Reis	104 688	30 032 597,30	401 523 16 01
	Paranaguá	123 605	32 772 185,90	438 867 08 11
	Bahia	35 858	8 048 880,50	107 652 15 10
	Recife	50 631	12 951 669,20	175 878 02 00
	Belém	3 166	742 937,10	9 858 07 06
	Manáus	660	148 197,40	1 979 06 01
	Total geral	**8 617 883**	**2 460 381 325,70**	**32 755 287 19 10**

Exportação Brasileira de Café

XI — Janeiro a Agôsto de 1944 em comparação com 1943

I — DETALHE MENSAL

MESES	1943		1944		DIFERENÇA (para + ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Janeiro	468 877	130 184 244,80	1 293 662	360 789 934,40	+ 824 785	+ 230 605 689,60
Fevereiro	768 118	215 489 697,90	901 969	258 867 569,10	+ 133 851	+ 43 377 871,20
Março	510 978	141 366 594,50	941 201	266 862 148,20	+ 430 223	+ 125 495 553,70
Abril	611 260	171 441 965,40	1 566 487	459 254 618,60	+ 955 227	+ 287 812 653,20
Maio	788 549	224 314 114,30	1 205 881	344 518 068,70	+ 417 332	+ 120 203 954,40
Junho	1 090 979	308 728 307,60	789 433	220 218 168,10	— 301 546	— 88 510 139,50
Julho	1 402 395	379 829 542,60	759 093	218 348 558,00	— 643 302	— 179 480 984,60
Agosto	1 222 126	345 641 091,80	1 160 157	331 522 260,60	— 61 969	— 14 118 831,20
Oito meses	**6 863 282**	**1 934 995 558,90**	**8 617 883**	**2 460 381 325,70**	**+ 1 754 601**	**+ 525 385 766,80**
Setembro	1 371 393	348 715 526,90	—	—	—	—
Outubro	257 142	64 477 228,40	—	—	—	—
Novembro	705 773	198 135 499,60	—	—	—	—
Dezembro	918 379	257 444 272,00	—	—	—	—
ANO	**10 115 969**	**2 803 768 085,80**	—	—	—	—

II — PORTOS DE PROCEDÊNCIA

PROCEDÊNCIA	1943		1944		DIFERENÇA (para + ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Santos	5 270 957	1 538 115 001,10	6 857 585	2 032 973 137,10	+ 1 586 628	+ 494 858 136,00
Rio de Janeiro	1 154 668	288 802 489,90	1 274 272	312 528 633,40	+ 119 604	+ 23 726 143,50
Vitória	125 666	23 660 049,70	167 418	30 183 087,80	+ 41 752	+ 6 523 038,10
Angra dos Reis	123 344	35 290 881,00	104 688	30 032 597,30	— 18 656	— 5 258 283,70
Paranaguá	142 724	37 618 963,50	123 605	32 772 185,90	— 19 119	— 4 846 777,60
Bahia	13 218	3 131 639,60	35 858	8 048 880,50	+ 22 640	+ 4 917 240,90
Recife	32 705	8 376 534,10	50 631	12 951 669,20	+ 17 926	+ 4 575 135,10
Belém	—	—	3 166	742 937,10	+ 3 166	+ 742 937,10
Manáus	—	—	660	148 197,40	+ 660	+ 148 197,40
TOTAL	**6 863 282**	**1 934 995 558,90**	**8 617 883**	**2 460 381 325,70**	**+ 1 754 601**	**+ 525 385 766,80**

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

Janeiro a Setembro de 1944

Saca de 60 quilos

1944	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAHIA	PARANAGUÁ	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
Janeiro	2 145 368	628 596	231 537	55 615	77 463	34 409	26 753	3 199 741
Fevereiro	2 854 588	663 042	242 491	53 519	84 585	43 799	24 173	3 966 197
Março	3 641 163	690 528	223 968	42 040	82 293	35 165	39 317	4 754 474
Abril	3 574 428	572 823	236 280	45 771	100 645	49 200	44 731	4 623 878
Maio	3 742 866	615 647	245 290	44 151	76 167	53 964	35 082	4 813 167
Junho	3 838 524	763 217	238 960	69 109	82 877	21 423	35 393	5 049 513
Julho	3 951 735	877 633	239 919	60 361	87 586	27 986	36 426	5 281 646
Agosto	3 871 951	751 165	381 584	56 056	45 936	18 667	37 747	5 163 106
Setembro	3 546 185	760 575	514 109	59 999	42 480	24 792	40 624	4 988 764
Setembro								
1943	1 941 293	448 626	227 617	47 770	103 423	31 902	22 281	2 822 912
1942	1 366 366	411 635	148 509	32 742	124 197	50 708	14 938	2 149 095
1941	560 071	325 364	150 231	16 694	109 339	15 979	50 384	1 228 062
1940	1 468 782	359 055	76 928	41 910	147 087	22 204	14 289	2 130 255

Café eliminado no Brasil

Saca de 60 quilos

A N O	QUANTIDADE
1931	2 825 784
1932	9 329 633
1933	13 687 012
1934	8 265 791
1935	1 693 112
1936	3 731 154
1937	17 196 428
1938	8 004 000
1939	3 519 874
1940	2 816 063
1941	3 422 835
1942	2 312 805
1943	1 274 318
1944 até 30 de Setembro	135 444
Total	**78 214 253**
1944	
Janeiro	9 770
Fevereiro	19 341
Março	11 293
Abril	33 684
Maio	24 047
Junho	17 702
Julho	19 607
Agosto	—
Setembro	—
Total	135 444

Exportação de café da Colômbia

POR PAÍSES DE DESTINO

SOB O REGIME DE QUOTAS

(1.º de Outubro a 20 de Setembro)

Saca de 60 quilos

DESTINO	1.º ANO DE QUOTA 1940/41	2.º ANO DE QUOTA 1941/42	3.º ANO DE QUOTA 1942/43
Antilhas Holandesas	—	—	1 331
Argentina	480	1 662	14 506
África	58	—	—
Canadá (diréto)	15 022	146	58 215
Canadá (Via Nova York)	83 130	41	2 156
Chile	1 373	107	642
Estados Unidos	3 205 228	4 299 343	4 890 201
Espanha	381	—	—
Finlândia	24 922	—	—
Filipinas	140	—	—
Grã-Bretanha	295	—	—
Islândia	—	—	291
Japão	1 583	—	—
Panamá	749	1 389	8 377
Russia	118 449	—	—
Suécia	16 433	12 977	—
Suiça	—	7	11 922
Total	3 468 243	4 315 672	4 987 641

Exportação de café da Colômbia

ANO DE 1943

Saca de 60 quilos

EUROPA :	
Suécia	17 334
Suiça	22 318
Total	39 652
AMÉRICA :	
Canadá (diréto)	72 393
" (via Nova York)	2 156
Antilhas Holandesas	964
Panamá	8 326
Chile	584
Argentina	5 807
Estados Unidos	5 121 040
Total	5 211 270
Total Geral	5 250 922

Produção de café na Colômbia

E SUA RELAÇÃO COM AS QUOTAS DE EXPORTAÇÃO

Saca de 60 quilos

Existência de café nos armazens ao iniciar-se o acôrdo	—	148 985
Produção total de café na Colômbia nos 3 anos de quotas	—	15 531 045
		15 680 030
Exportação para os Est. Unidos durante os 3 anos de quota	12 394 772	—
Exportação para os outros países no mesmo período	375 784	—
Consumo interno aproximado no mesmo período	855 787	—
Existência em poder de particulares em 30/9/1943	449 723	14 077 066
Existência nos armazens em 30/9/1943	....	1 602 964

(Cifras da "Federacion Nacional de Cafeteros de Colômbia" — Boletim n.º 25, de Abril de 1944).

Exportação de café de El Salvador

SAFRA 1943/44

Saca de 60 quilos

MÊS	ACAJUTLA	LA LIBERTAD	LA UNION	VIA BARRIOS	VIA AYUTLA Y MÉXICO	TOTAL
Novembro de 1943	—	—	—	—	—	—
Dezembro „ „	52 747	10 350	17 624	18 537	—	99 258
Janeiro de 1944	39 921	17 423	33 237	39 044	—	129 625
Fevereiro „ „	15 870	20 559	42 846	19 305	—	98 580
Março „ „	87 648	36 931	110 583	2 648	—	237 810
Abril „ „	54 607	17 718	71 041	4 695	—	148 061
Total	**250 793**	**102 981**	**275 331**	**84 229**	—	**713 334**
Mesmo período 1943/44	205 331	77 999	218 379	48 953	26 719	577 381

(Do "Boletin de La Camara de Comércio e Indústria de El Salvador" — Março e Abril de 1944 — n.º 155)

Exportação de café de Cuba

(POR ANO CIVIL)

Saca de 60 quilos

DESTINO	1939	1940	1941	1942
EUROPA :				
Alemanha	498	—	—	—
Dinamarca	2 081	—	—	—
Espanha	3 573	6 912	760	—
Estônia	23	—	—	—
França	20 117	39 084	—	—
Gibraltar	3	—	—	—
Itália	2 854	4 184	—	—
Iugoslávia	253	153	—	—
Port. Boêmia e Marávia	44	—	—	—
Suécia	2 223	3 067	3 067	279
Suíça	—	100	—	—
Tchecoslováquia	4 154	—	—	—
Total	35 823	53 500	3 827	279
ÁFRICA :				
Ilhas das Canárias	178	—	—	—
Total	178	—	—	—
AMÉRICA :				
Chile	58	—	—	—
Estados Unidos	105 890	58 872	72 121	81 477
Total	105 948	58 872	72 121	81 477
Total Geral	141 949	112 372	75 948	81 756

Exportação de Café de Costa Rica

SAFRA 1943/44

Saca de 60 quilos

DESTINO	JAN.º 1944	FEV.º 1944	MARÇO 1944	TOTAL DE OUTUBRO A MARÇO
Estados Unidos	43 671	42 171	52 000	137 842
Canadá	—	5 249	15 278	20 527
Panamá (Zona do Canal)	460	408	1 272	2 140
Argentina	77	—	—	77
Suíça	—	—	6 278	6 278
França	—	—	4 542	4 542
Total	44 208	47 828	79 370	171 406

(Dados da Rev. "Instituto de Defensa del Café de Costa Rica" — Março-Abril 1944 — n.º 113 — Reduzido a sacas de 60 quilos, peso bruto).

Importação de Café na Argentina

Saca de 60 quilos

1.º trimestre de 1944	112 100
1.º ,, ,, 1943	78 280

(Cifras do Ministério da Fazenda da República Argentina — Boletim n.º 96).

Cotação dos cafés brasileiros no disponível

SETEMBRO DE 1944

DIA	SANTOS	MERCADOS					
	Tipo 4 mole	RIO	VITORIA	NOVA YORK			
		Em Cruzeiros		Em cents. por libra (453,6)			
				SANTOS		RIO	
		Tipo 7	Tipo 7	Tipo 4	Tipo 7	Tipo 6	Tipo 7
1	Nominal	26,20	23,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
2	,,	26,00	23,90	—	—	—	—
3	—	—	—	—	—	—	—
4	,,	26,00	23,90	—	—	—	—
5	,,	26,00	23,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
6	,,	26,00	23,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
7	—	—	—	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
8	,,	26,00	—	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
9	,,	26,20	23,90	—	—	—	—
10	—	—	—	—	—	—	—
11	,,	26,50	23,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
12	,,	26,80	24,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
13	,,	26,50	24,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
14	,,	26,50	24,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
15	,,	26,50	24,10	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
16	,,	26,80	24,10	—	—	—	—
17	—	—	—	—	—	—	—
18	,,	27,00	24,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,6
19	,,	26,80	24,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
20	,,	27,60	24,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
21	,,	28,00	24,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
22	,,	28,70	25,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
23	,,	29,70	25,40	—	—	—	—
24	—	—	—	—	—	—	—

COTAÇÃO DOS CAFÉS BRASILEIROS NO DISPONÍVEL

SETEMBRO DE 1944

DIA	SANTOS Tipo 4 mole	MERCADOS RIO Em Cruzeiros Tipo 7	VITÓRIA Em Cruzeiros Tipo 7	NOVA YORK Em cents. por libra (453,6) Santos Tipo 4	Santos Tipo 7	Rio Tipo 6	Rio Tipo 7
25	Nominal	30,50	26,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
26	,,	30,50	26,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
27	,,	30,50	26,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
28	,,	30,50	26,40	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
29	,,	30,50	26,90	13 37,5	12 62,5	9 50	9,37 5
30	,,	30,50	26,90	—	—	—	—
Média ...	—	27,71	24,84	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Média — 1944							
Janeiro	Nominal	25,66	22,89	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Fevereiro	,,	24,92	22,07	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Março	,,	24,69	22,08	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Abril	,,	25,01	22,03	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Maio	,,	25,81	23,20	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Junho	,,	25,86	23,84	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Julho	,,	24,95	23,80	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Agôsto	,,	25,72	24,05	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
Média :							
Set.º — 1943.	Nominal	26,33	23,82	13 37,5	12 62,5	9 50	9 37,5
,, — 1942.	,,	27,58	26,31	13 37,5	—	—	9 37,5
,, — 1941.	43,15	27,52	23,71	13 250	12 750	9 000	9 000
,, — 1940.	Nominal	11,90	11,30	6 3/4	5 7/8	5 3/4	5 1/4

Santos Rio e Vitória — Bolsas Oficiais fechadas ;
,, — Cotação nominal segundo a Associação Comercial de Santos ;
Rio — Cotações fornecidas pelo Centro do Comércio de Café do Rio ;
Vitória — ,, ,, pela Agência Panameuro.

Cotação do disponível em Nova-York

CAFÉS ESTRANGEIROS

Setembro de 1944

(Cif. Cents. por Libra = 453,6 gr.)

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 30	MÉDIA
Colômbia:		
Medellin Excelso	16 1/4	16 1/4
Armenia	16 1/16	16 1/16
Manizales	15 7/8	15 7/8
Cucuta	15 5/8	15 5/8
Bogotá	15 5/8	15 5/8
Girardot	15 5/8	15 5/8
Tolima	15 5/8	15 5/8
Ocana	15 1/4	15 1/4
Costa Rica:		
Prime	16 00	16 00
Fine Atlantic	15 1/2	15 1/2
Cuba:		
Bom Lavado	14 1/4	14 1/4
Equador:		
Lavado	13 1/4	13 1/4
Guatemala:		
Antigua	16 3/4	16 3/4
Extra Prime	15 3/4	15 3/4
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
Bourbon	14 1/8	14 1/8
Haiti:		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
México:		
Coatepec	16 1/2	16 1/2
Tapachula "Firsts"	15 1/2	15 1/2
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
Nicarágua:		
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
Salvador:		
Prime Lavado	15 3/4	15 3/4

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA-YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

SETEMBRO DE 1944

(Cif. Cents. por Libra = 453,6 gr.)

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 30	MÉDIA
REPÚBLICA DOMINICANA:		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
Natural "Sweet"	11 1/4	11 1/4
,, SURINAM	7 3/4	7 3/4
,, TRINIDAD	14 1/2	14 1/2
VENEZUELA:		
Maracaibo Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
,, ,, Bom	15 1/8	15 1/8
,, ,, Ordinário	14 5/8	14 5/8
ÁFRICA PORTUGUESA DO OESTE:		
Amboim	11 1/4	11 1/4
Encoge	11 00	11 00
ÍNDIAS HOLANDESAS DO OESTE:		
Java Genuino Lavado	19 1/2	19 1/2
Mandheling	25 00	25 00
Java Robusta Lavado	11 1/4	11 1/4
Natural Java Robusta	10 1/2	10 1/2
MOCA (ARÁBIA):		
Moca	18 1/2	18 1/2
ABISSÍNIA:		
Long Berry Harrar	17 00	17 00
CONGO BELGA:		
Lavado Robusta	12 1/2	12 1/2
Natural Robusta	11 1/4	11 1/4
HAVAÍ:		
N.º 1 Extra Prime	16 1/2	16 1/2
HONDURAS:		
Bom Lavado	15 00	15 00
JAMAICA:		
Lavado	14 1/2	14 1/2
Natural A	11 1/2	11 1/2

Câmbio em São Paulo sôbre diversas praças

MÉDIA DIÁRIA

SETEMBRO DE 1944

(Bolsa Oficial de Valores de S. Paulo)

DIA	INGLATERRA		PORTUGAL		ESTADOS UNIDOS		ARGENTINA	ESPANHA	CHILE
	LIVRE	OFICIAL	OFICIAL	LIVRE	LIVRE	OFICIAL	LIVRE	LIVRE	LIVRE
1	78,90 1/16	66,49 1/2	0,80	—	19,52	16,50	4,93	—	—
2	78,90 1/16	66,49 1/2	0,79 7/16	—	19,51 3/4	16,50	4,91 3/16	1,80	0,62 15/16
4	78,90 1/16	—	0,80 1/2	—	19,52 5/8	16,50	—	1,80	0,62 15/16
5	78,90 1/16	66,49 1/2	0,80	—	19,51 1/2	16,50	4,95 1/2	—	0,62 15/16
6	78,90 1/16	—	0,79 7/8	0,67 1/8	19,51	16,50	—	—	0,62 15/16
8	78,90 1/16	66,49 1 2	0,80	—	19,51 1/8	16,50	4,95	—	0,61 13/16
9	78,90 1/16	—	0,79 7/8	—	19,50 11/16	16,50	—	—	0,62 15/16
11	78,90 1/16	—	—	—	19,50 1/8	16,50	4,91 3/16	1,80	0,62 15/16
12	78,90 1/16	66,49 1/ 2	0,79 5/8	—	19,52	16,50	—	1,81	0,62 15/16
13	78,90 1/16	66,49 1/2	0,79 5/8	—	19,50 1/2	16,50	4,94 1/8	—	0,62 15/16
14	78,90 1/16	66,49 1/2	0,80	—	19,51	16,50	4,92 1/16	—	0,62 15/16
15	78,90 1/16	76,49 1/2	0,79 3/4	—	19,51 15/16	16,50	4,91 1/8	—	0,62 15/16
16	78,90 1/16	—	0,80	—	19,51 9/16	—	4,91 3/16	—	0,62 15/16
18	78,90 1/16	—	—	—	19,50 1/8	16,50	5,00	—	0,62 15/16
19	78,90 1/16	66,49 1/2	0,80 1/16	—	19,51 5/8	—	—	1,81	—
20	78,90 1/16	66,49 1/2	0,79 3/4	—	19,52	16,50	5,00	—	0,62 15/16
21	78,90 1/16	—	0,80 1/8	—	19,50 5/16	16,50	4,91 3/16	—	0,62 15/16
22	78,90 1/16	66,49 1/2	0,79 7/8	—	19,50 11/16	16,50	4,90 1/4	—	0,62 15/16
23	78,90 1/16	66,49 1/2	0,80 1/8	—	19,51 3/8	16,50	4,91 1/2	—	0,62 15/16
25	78,90 1/16	—	—	—	19,50 13/16	16,50	—	—	—
26	78,90 1/16	66,49 1/2	0,78	—	19,52 3/16	16,50	5,00	—	0,62 15/16
27	78,90 1/16	66,49 1/2	0,78 5/8	—	19,51	16,50	4,92 3/4	—	0,62 15/16
28	78,90 1/16	66,49 1/2	0,80 1/16	—	19,52 1/16	16,50	4,94 13/16	—	0,62 15/16
29	78,90 1/16	66,49 1/2	0,80 5/16	—	19,52 3/16	16,50	4,90	—	0,62 15/16
30	78,90 1/16	66,49 1/2	0,78 3/4	—	19,51 3/16	16,50	5,06 1/16	—	0,62 15/16
Média	**78,90 1/16**	**66,49 1/2**	**0,79 3/4**	**0,67 1/8**	**19,51 5/16**	**16,50**	**4,94 1/4**	**1,80 7/16**	**0,62 15/16**
Janeiro	79,58 9/16	66,78 5/16	0,80 7/16	—	19,62 7/8	16,58	4,95 7/8	—	0,63 3/8
Fevereiro	79,58 9/16	66,75 13/16	0,80 3/8	—	19,62 7/8	16,57 5/16	4,96 1/4	—	0,63 3/8
Março	79,58 9/16	66,76 1/4	0,80 9/16	—	19,63 1/8	16,58	4,95 7/8	1,80	0,63 3/8
Abril	79,58 9/16	—	0,80 9/16	—	19,63	16,56 11/16	4,95 7/8	1,81	0,63 3/8
Maio	79,58 9/16	66,70 15/16	0,80 1/2	—	19,63 1/16	16,56 11/16	4,95 5/8	1,81	0,63 3/8
Junho	79,58 9/16	66,52 1/2	0,80 7/16	0,76 1/4	19,63 1/16	16,51 11/16	4,93 15/16	1,81	0,63 3/8
Julho	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80 7/16	0,67 1/4	19,63 1/4	16,50	4,91 9/16	1,81	0,63 3/8
Agôsto	79,26 15/16	66,49 1/2	0,80 5/16	0,67 1/8	19,57 7/16	16,50	4,95	1,80	0,63 3/16

Câmbio em São Paulo sôbre diversas praças

MÉDIA DIARIA

SETEMBRO DE 1944

(Bolsa Oficial de Valôres de São Paulo)

DIA	LIVRE					
	SUIÇA	ITÁLIA	BÉLGICA	URUGUAI	HOLANDA	JAPÃO
5	5,70	—	—	—	—	—
6	4,70	—	—	—	—	—
8	4,67	1,04	—	—	—	—
9	—	—	—	—	—	—
11	—	—	3,28 1/2	—	—	—
13	—	—	—	10,65 7/8	—	—
14	—	—	—	—	10,51	4,72
15	—	—	—	—	10,51	—
16	4,80	—	—	—	—	4,42
18	—	1,04	—	—	—	—
19	4,67	—	—	—	10,51	—
21	4,67	—	—	—	10,51	—
22	4,70	—	—	10,65 3/4	10,51	—
23	—	—	—	—	10,51	4,42
26	4,67	—	—	10,65 5/8	10,51	—
27	—	—	—	—	10,51	—
28	—	—	—	—	10,51	—
29	4,67	—	—	10,50	10,51	—
Média	**4,82 1/4**	**1,04**	**3,28 1/2**	**10,61 7/8**	**10,51**	**4,52**
Janeiro	4,70	—	—	10,57 1/4	—	—
Fevereiro	4,66 1/4	—	—	10,50 15/16	—	—
Março	4,71 3/4	—	—	10,51 7/8	—	—
Abril	4,77 1/2	—	—	10,48 7/16	—	—
Maio	4,71 1/4	—	—	10,50	—	—
Junho	5,01 11/16	—	—	10,49 1/2	—	4,42
Julho	4,67 3/16	—	3,28 1/2	10,49 3/16	10,51	4,42
Agôsto	4,82 13/16	—	3,28 1/2	10,75 5/8	10,51	4,42

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

SETEMBRO DE 1944

MERCADO LIVRE — VENDA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Coroa
1 a 30	79,90 1/16	19,50	4,65	0,79 5/16	4,91 3/16	10,65 5/8	0,62 15/16	4,72
MÉDIA ..	79,90 1/16	19,50	4,65	0,79 5/16	4,91 3/16	10,65 5/8	0,62 15/16	4,72

MERCADO LIVRE — COMPRA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Peso	URUGUAI Peso	CHILE Peso	SUÉCIA Coroa
1	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78,00	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
2	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 9/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
3	—	—	—	—	—	—	—	—
4	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 3/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
5	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,79 3/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
6	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0.78 5/16	4,79 1/2	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
7	—	—	—	—	—	—	—	—
8	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,79 1/2	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
9	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,80 11/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
10	—	—	—	—	—	—	—	—
11	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,80 1/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
12	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,79 3/4	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
13	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,79 3/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
14	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 11/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
15	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 5/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
16	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 11/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
17	—	—	—	—	—	—	—	—
18	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 3/8	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
19	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 1/8	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
20	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,67 1/4	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
21	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 1/4	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
22	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 3/8	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
23	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 5/8	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
24	—	—	—	—	—	—	—	—
25	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78,00	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
26	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 11/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
27	77,77 15/16	19,30	448 3/4	0,78 5/16	4,77 11/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
28	77,7 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 11/16	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
29	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78,00	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
30	77,77 15/16	19,30	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 1/8	10,34 7/8	0,59 9/16	4,58 15/16
MÉDIA ..	**77,77 15/16**	**19,30**	**4,48 3/4**	**0,78 5/16**	**4,78 1/4**	**10,34 7/8**	**0,59 9/16**	**4,58 15/16**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

SETEMBRO DE 1944

MERCADO OFICIAL — VENDA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Coroa
1 a 30	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c	N/c

MERCADO OFICIAL — COMPRA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUIÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Corôa
1 a 30	66,49 1/2	16,50	3,84 5/8	0,67 1/8	8,84 3/4	3,93 3/8
MÉDIA	66,49 1/2	16,50	3,84 5/8	0,67 1/8	8,84 3/4	3,93 3/8

Câmbio em Nova York sôbre diversas praças

SETEMBRO DE 1944

DIA	LONDRES Dolar por £	MADRID Cents por Peseta (Comercial)	ZURICH Cents por Franco (Comercial)	RIO DE JANEIRO Cents por Cr. $	BUENOS AIRES Cents por Peso	LISBOA Cents por Escudo	CANADÁ Cents por Dolar	STOCKOLMO Cents por Coroa
1	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 95 00	4 09 00	89 81 00	23 85 00
2	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 95 00	4 09 00	89 81 00	23 85 00
5	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 95 00	4 09 00	89 81 00	23 85 00
6	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 95 00	4 09 00	89 81 00	23 85 00
7	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 95 00	4 09 00	89 56 00	23 85 00
8	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 95 00	4 09 00	89 25 00	23 85 00
9	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 95 00	4 09 00	89 25 00	23 85 00
11	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 95 00	4 09 00	89 25 00	23 85 00
12	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	25 02 00	4 07 00	89 00 00	23 85 00
13	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	25 02 00	4 07 00	88 75 00	23 85 00
14	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	25 02 00	4 09 00	88 75 00	23 85 00
15	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	25 02 00	4 09 00	89 00 00	23 85 00
16	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	25 02 00	4 07 00	89 00 00	23 85 00
18	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	25 02 00	4 07 00	89 00 00	23 85 00
19	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 88 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
20	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 93 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
21	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 93 00	4 07 00	89 75 00	23 85 00
22	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 93 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
23	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 93 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
25	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 93 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
26	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 93 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
27	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 85 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
28	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 85 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
29	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 85 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
30	4 02 50	9 20 00	23 33 00	5 10 00	24 85 00	4 07 00	89 43 00	23 85 00
MÉDIA	**4 02 50**	**9 20 00**	**23 33 00**	**5 10 00**	**24 94 5/16**	**4 07 13/16**	**89 38 7/16**	**23 85 00**

DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BOLETIM — SETEMBRO DE 1944

ESTABELECIMENTOS VISITADOS

NA CAPITAL	VISITAS
Torrefações	1 110
Moínhos	440
Empórios	1 197
Depósitos	—
Feiras	35
Total	2 782

NO INTERIOR E LITORAL	VISITAS
Torrefações	1 261
Moínhos	468
Empórios	1 681
Depósitos	—
Total	3 410

CAFÉS VERIFICADOS NOS POSTOS DE FISCALIZAÇÃO	SACAS
Nas Cias. de Armazens Gerais	47 892
Nos Armazens de E. F. (Capital)	15 277
Total	63 169

CAFÉ CRÚ APREENDIDO	SACAS
Em Torrefações, Moínhos e Depósitos — Na Capital	—
Idem — No interior e Litoral	16
Em Armazens de E. F. (Capital)	855
Em Cias. de Armazens Gerais	—
Total	871

CAFÉ TORRADO DESPACHADO POR TORREFAÇÕES SOB FISCALIZAÇÃO ESPECIAL	QUILOS
Do interior para a Capital	4 800
Da Capital para o Interior	11 870
Entre diversas comarcas no Interior	19 490
Total	36 160

CAFÉ MOÍDO, IDEM	QUILOS
Do Interior para a Capital	1 070
Da Capital para o Interior	22 458
Entre diversas comarcas no Interior	60 148
Total	83 676

CAFÉ CRÚ INCINERADO	SACAS
Na Capital	1 810
No Interior e litoral	—
Total	1 810

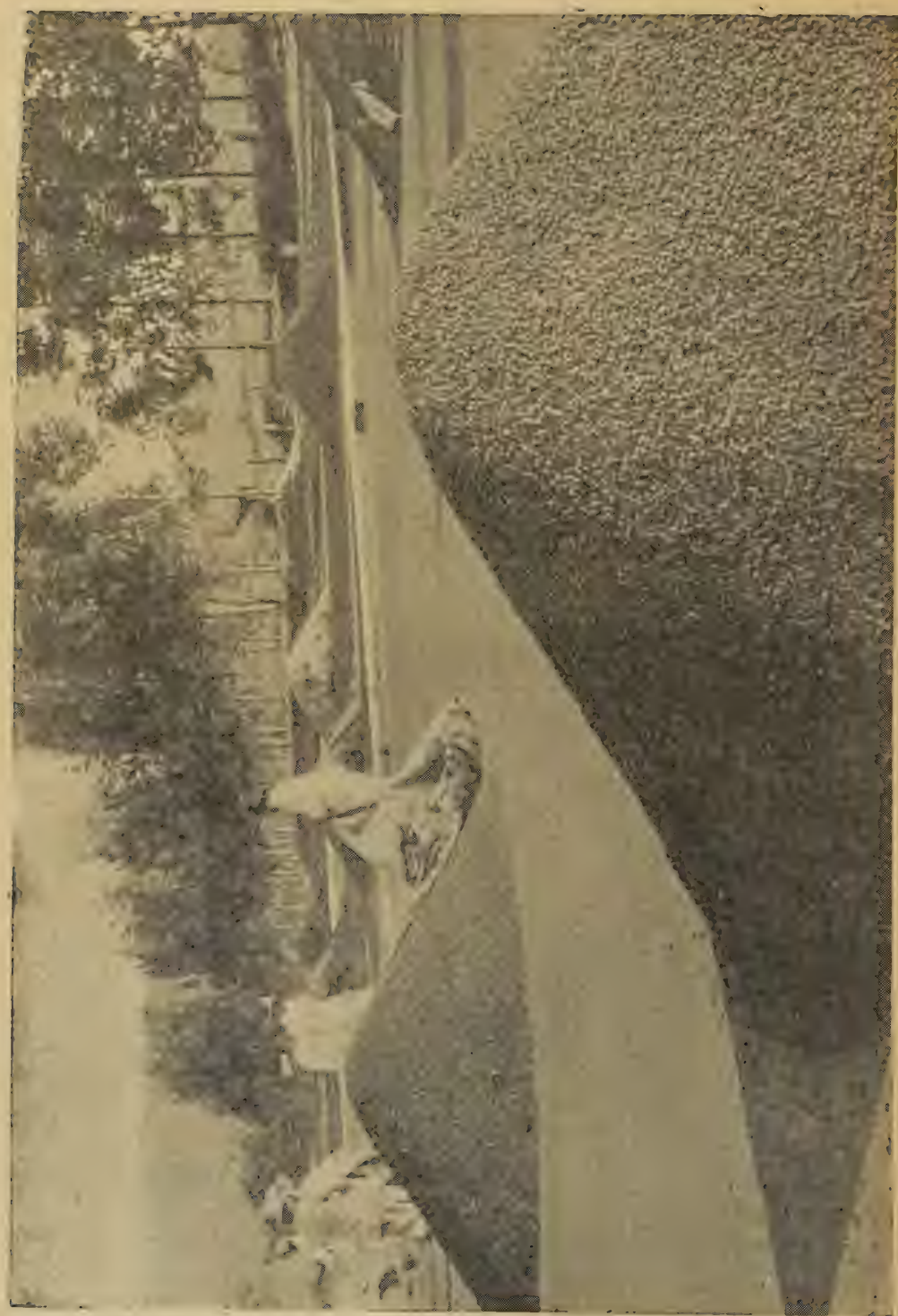
CAFÉS LIBERADOS	SACAS
Melhorados por rebenef. ou catação	318
De. Lei 51	1 372
Total	1 690

RESÍDUOS DE CATAÇÃO OU REBENEF. INCINERADO			
Scs.	227	Quilos	13601,5

CAFÉ TORRADO EM GRÃO APREENDIDO	QUILOS
Na Capital	—
No Interior e litoral	186,0
Total	186,0

CAFÉ MOÍDO APREENDIDO	QUILOS
Na Capital	103,25
No Interior e litoral	40,50
Total	143,75

CAFÉ TORRADO EM GRÃO INCINERADO	QUILOS
Na Capital	348,5
No Interior e litoral	—
Total	348,5

CAFÉ MOÍDO INCINERADO	QUILOS
Na Capital	408,5
No Interior e litoral	26,2
Total	434,7

Diversos

BOLETIM da Câmara de Reajustamento Econômico

JURISPRUDÊNCIA

PROFISSÃO AGRÍCOLA, CASAMENTO SOB O REGIME DA SEPARAÇÃO COMPLETA DE BENS, MULHER CONDÔMINA DO MARIDO NO IMÓVEL AGRÍCOLA. A mulher condômina do marido no imóvel agrícola, mas casada sob o regime de completa separação de bens, deveria ter seu nome pleiteado os benefícios do reajuste, se quisesse deles gozar, não bastando para isso que o marido o houvesse requerido em nome próprio, tanto mais quando expressamente declare não ter falado em nome da mulher.

DESPACHO

Proc. n.º 2.854 — Tendo sido satisfeita, quanto à finalidade que tinha em vista a diligência determinada a fls. 80 e para a qual se assinou, afinal, o prazo improrrogável de fls. 90 v., fica o processo em fase de segunda avaliação pleiteada pelo credor hipotecário.

Da certidão da escritura do pacto antenupcial, junta a fls. 96-98, vê-se que prevaleceu para o casal do requerente o regime de separação, expressamente se declarando que dito regime de separação **prevaleceria igualmente às dívidas dos esposos, existentes ou futuras, respondendo cada um dêles, individualmente, pelas que contraísse.**

Ora, segundo se vê da escritura de compra e venda com pacto adjeto de hipoteca ,de fls. 50 e seguintes, os compradores hipotecantes foram ambos os cônjuges, nomeadamente, dizendo expressamente a escritura de aquisição e usando sempre o plural, que **os outorgados compradores e reciprocamente devedores se confessavam e reconheciam devedores da importância correspondente ao preço.**

Logo, dúvida não pode haver, à luz do pacto ante-nupcial, que cada um dos cônjuges, de per si, adquiriu uma quóta parte do imóvel objeto desta escritura, ficando, também, cada um, de per si, responsável por uma quóta parte do preço.

Não importa discutir-se aqui se a mulher do requerente é ou não lavradora com seu marido. De passagem, porém, direi que é porque como acima se viu, ela é proprietária, juntamente com êle, do imóvel agrícola.

Entetanto, não importa discutir-se essa sua qualidade, porque quer seja ela considerada tal, quer não, nem os seus bens, nem as suas dívidas poderiam jamais ser objeto de cogitação nestes autos. E, não podiam porque, não sendo ela considerada lavradora, o regime de bens com que casou não permitiria que o marido trouxesse para seu acervo o patrimônio de sua mulher ; e se, por outro lado, fosse ela considerada agricultora para gozar do benefício em seu nome, ainda assim não poderia ser beneficiada porque não pleiteou, em tempo oportuno, os favores previstos pelos decretos-lei que estamos aplicando ; e já não seria agora, tempo de fazê-lo.

Note-se, que o próprio requerente, em petição de seu próprio punho, como que para tirar tôdas as dúvidas neste ponto, esclarece — para usar a sua própria linguagem — **frisando, pisando e repisando que quem requereu o empréstimo foi êle, tão sòmente êle** (fls. 92 v.).

De tudo isto se vê que o que está em foco nestes autos, é apenas, a situação patrimonial e econômica do requerente, com exclusão de sua mulher.

Esclarecido êste ponto, proceda-se à segunda avaliação do imóvel". NOVA LOUZAN", a fim de se verificar o valor definitivo da quóta parte pertencente ao requerente.

Rio de Janeiro, 11 de agôsto de 1944. — **Reginaldo Nunes.**

ATO ILÍCITO — Sua conceituação na lei de reajustamento econômico — Ato ilícito como delitos ou quase-delitos que vinculam os agentes a reparações decorrentes, não da culpa contratual, mas de culpa extra-contratual ou aquiliana — Delitos ou quase delitos têm carater personalíssimo e justificam a referência que lhes fez o Código Civil — Em tema de reajuste compulsório, já se tem pretendido incluir na isenção prevista para "obrigações resultantes de atos ilícitos" as indenizações do não

cumprimento, ou cumprimento irregular do contrato — Ato ilícito no direito civil e particularmente no direito das obrigações — Sentido técnico-jurídico do ato ilícito.

RELATÓRIO

Proc. 1.372 — Luiz José de Moura, do município de Bomfim, Estado de Goiaz, querendo prevalecer-se do benefício facultado aos agricultores pelos Decretos-Leis que instituiram os chamados ajuste **voluntário** e reajuste **compulsório** — apresentou ao Banco do Brasil uma proposta de empréstimo em letras hipotecárias, oferecendo em garantia os imóveis descritos às **fls. 5/12.**

O Banco, avaliando ditos imóveis em **Cr$ 30.000,00,** concordou em conceder o empréstimo de **Cr$ 22.500,00,** ou sejam, 75% do valor da garantia, e fez publicar os avisos, cujos excertos se encontram à fls. 17/18, para iniciar o processo de ajuste **voluntário** que, afinal, fracassou.

Daí a petição de **fls. 22** em que o Proponente pleitea, perante a Câmara, o reajuste **compulsório.**

Admitido o pedido, em princípio, mandou a Câmara instaurar o concurso de credores fazendo publicar os editais de que dão notícias os exertos de **fls. 29/31.**

Mas, do exame dos autos, verifica-se o seguinte : —

O requerente, na relação de **fls. 13,** arrola, apenas, dois credores, a saber : — ALONSO DE SOUZA MORAIS, credor hipotecário da quantia de **Cr$ 15.000,00,** nos têrmos da escritura de hipoteca de **fls. 48,** lavrada em **10 de Dezembro de 1938 ;** e MICHELE SANTINONI, credor quirografário de **Cr$ 96.909,00,** por fôrça de setença judicial proferido no Juízo de Direito da Comarca de Bomfim, confirmada pelo Tribunal de Apelação do Estado, em ação de prestação de contas. (fls. 44/47).

Nenhum outro credor se apresentou.

O primeiro crédito, uma vez que tem garantia **real** e é posterior a 31 de dezembro de 1937 — não está sujeito ao regime de liquidação e liberação **compulsória,** em face do disposto no art. 64, letra **b,** do Regimento (Decreto-Lei n.º 2.238, de 28 de maio de 1940).

Com o segundo, embora quirografário, o mesmo acontece, desde que se o examine à luz da alínea **d,** do mesmo artigo, que exclue do reajuste as obrigações resultantes de **atos ilícitos.**

De fato, a expressão **ato ilícito,** usada pelo legislador na **alínea** acima, alude, sem sombra de dúvida, aos **delitos** e **quase delitos** que vinculam o agente a reparações decorrentes, não de culpa **contratual,** mas de culpa **extra-contratual** ou **aquiliana.**

São obrigações reguladas pelos artigos 1.518 a 15.432, do Código Civil que, exatamente em razão da origem apontada — **delitos e quase delitos** — têm caráter personalíssimo, e justificam a referência que lhes faz o mesmo Código, no art. 263, n.º VI.

* * *

Em tema de reajuste **compulsório,** já se tem pretendido incluir na isenção prevista para "obrigações resultantes de **atos ilícitos"** — as indenizações conseqüentes do não cumprimento, ou cumprimento irregular do contrato.

Essa maneira de ver, é de todo ponto censurável.

Sem dúvida.

> "o conceito de **ilicitude** ou de **atos ilícitos** é mais vasto do que na acepção, restrita e técnica, do direito civel e, particularmente, do direito das obrigações. O que o tutor executa sem dever e sem poder executar é **ilícito ;** e **ilícito** é todo o exercício não legal de qualquer ação, de qualquer movimento".

Mas, como observa o mesmo publicista, em continuação :

> "Não é esta a acepção que agora nos interessa . . .
>
> . . . .
>
> "Aqui, supomos a **independência da** obrigação resultante do ato. É preciso, para ser **ato ilícito** (no restrito sentido do capítulo) que produza obrigação independente, isto é, invada a esfera dos direitos que de modo geral competem ao titular. **O ato ilícito estabelece, de si só e originàriamente, o vínculo de obrigação.** Quer dizer : excluem-se da matéria, que devemos versar, tudo quanto não produza aquela obrigação **independente,** oriunda de invasão da esfera jurídica de outrem. Assim, o conceito de ato ilícito não pode ser equiparado ao de violação de direito (sentido geral), de que nascem **tôdas as ações** e exceções." (**Pontes de Miranda, M. do Cód. Civil,** vol. 16, parte 3.ª, pg. 587).

* * *

Fixado, assim, o verdadeiro sentido técnico-jurídico do **ato ilícito,** temos como certo que a sentença judicial já referida, é assaz suficiente para afastar do reajustamento **compulsório** o crédito que na mesma se funda.

Não importa tratar-se de uma sentença civil e não criminal. Basta que o fato alí narrado

constitua como constitue, a figura delituosa do art. 168, n.º 3 do Código Penal, para que o agente, autor do delito, não possa invocar o benefício.

Sendo assim, atendendo à irreajustabilidade dos dois únicos créditos arrolados, voto pelo indeferimento do pedido que, de resto, ficou sem objeto.

Rio de Janeiro, 2 de maio de 1944. — **Ernesto Rangel.**

ACÓRDÃO

Vistos, discutidos e relatados êste autos, vindos do Município de Bomfim, Estado de Goiaz, em que é Requerente LUIZ JOSÉ DE MOURA, acórdam os Juizes da Câmara de Reajustamento Econômico, por votação unânime, em indeferir o pedido, nos têrmos e pelos motivos expostos no Relatório de fls. 53/55.

Sala das sessões da Câmara de Reajustamento Econômico.

Rio de Janeiro, 5 de maio de 1944. — **Sergio de Oliveira,** Presidente. — **Ernesto Rangel,** Relator. — **Reginaldo Nunes.**

GARANTIA REAL INDIVISA — Pagamento de credores hipotecários autorizados nos termos da legislação em vigor — Liquidação de créditos quirografários.

DECISÃO

Proc. n.º 607—JOÃO MEDEIROS SILVA, agricultor no município de Entre-Rios, Estado do Rio de Janeiro, apresentou ao Banco do Brasil uma proposta de empréstimo em letras hipotecárias, nos têrmos dos Decretos-Leis n.s 1.888, de 15-12-39 e 2.238, de 28-5-40.

Em garantia do pleiteado empréstimo, o Requerente ofereceu o imóvel rústico denominado "Fazenda de Santa Maria" referido e descrito à fls. 5/6.

O Banco do Brasil avaliou o referido imóvel em Cr$ 200.000,00, comprometendo-se a conceder o empréstimo até 75% dessa quantia, ou sejam, Cr$ 150.000,00, dando, assim, início, ao processo de ajuste voluntário, publicando os avisos de fls. 10/11.

Mas, o ajuste fracassou. Daí a petição de fls. 15, em que o Requerente pleitéia perante a Câmara o reajuste compulsório.

Admitido o pedido em princípio, passaram-se os editais de fls. 27-28, nos quais ficou assinado o prazo de 40 dias para habilitação de créditos, bem como para reclamações ou impugnações a que os interessados se julgassem com direito.

O imóvel oferecido em garantia foi desmembrado da "Fazenda Capuaba", a qual, quando possuida, em comum, pelo Requerente e por Norberto Medeiros Silva, foi dada, em primeira hipoteca, a Luiz Francisco de Barros e, em segunda hipoteca, ao Banco de Crédito Real de Minas Gerais.

Por se tratar de garantia real indivisa, o pagamento dêsses credores hipotecários foi autorizado por decisão lançada, nesta data, no processo n.º 608, desta Câmara, e por via do qual, Norberto Medeiros Silva requereu, também, os favores da legislação em vigor.

Neste processo, porém, é de se considerar, ainda, os credores quirografários que nele se habilitaram, a saber:

	Cr$
— Generoso Gonçalves Portela	34.232,00
— Belchior Monteiro do Nascimento	21.151,20

Tendo sido atribuida ao Requerente neste processo, a percentagem de 68,97%, sôbre o remanecente do empréstimo a ser concedido pelo Banco do Brasil, os credores quirografários acima referidos terão seus créditos liquidados com o produto daquela mencionada percentagem, observando-se a respeito, o cálculo estabelecido pela Secretaria em seu parecer de fls. 71.

Nestas condições, tendo como parte integrante da presente decisão, a que nesta data foi proferida no processo número 608 — julgo procedente o pedido de reajuste compulsório, a fim de autorizar o Banco do Brasil a, na escritura a ser lavrada na conformidade do compromisso de fls. 13 e não de fls. 16 do Processo n.º 608, proceder à liquidação dos créditos quirografários acima mencionados pela forma exposta.

Finalmente, declaro extinto todos os demais débitos do Requerente, constem ou não dêste processo, desde que constituidos antes de 15-12-39, na conformidade da legislação acima invocada.

Intime-se.

Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1944 — **Ernesto Rangel.**

MUTUANTE — Sua situação no processo de reajustamento, em face do art. 55 do Regimento — Alegações fundadas em documentos sem qualquer valor probante — Posição de mutuante na base do valor constante do laudo judicial.

DECISÃO

Proc. 1.927 — Hortencia Fonseca de Oliveira, agricultora do município de Amparo, Estado de São Paulo, apresentou ao Banco do Brasil uma proposta de empréstimo em letras hipotecárias, nos termos dos decretos-leis ns. 1.888, de 15-12-39, e 2.238, de 28-5-40.

Em garantia do pleiteado empréstimo, a Proponente ofereceu a propriedade rural deno-

minada "Fazenda Santa Isabel" referida e descrita à fls. 7, 8 e 10.

O Banco do Brasil avaliou êsse imóvel em Cr$ 74.800,00, comprometendo-se a conceder o empréstimo até 75% dessa importância, ou sejam Cr$ 56.100,00 (fls. 19).

A seguir, dando início ao processo de ajuste **voluntário,** fez publicar os avisos constantes dos excertos de fls. 13-15.

Mas, o ajuste fracassou. Daí a petição de fls. 21, em que a Proponente pleiteia perante a Câmara o reajuste **compulsório.**

Admitido êste em princípio, passaram-se os editais de fls. 31, nos quais ficou assinado aos credores o prazo de 40 dias para habilitação dos respectivos créditos, bem assim, para quaisquer impugnações ou reclamações a que os interessados se julgassem com direito.

Dentro daquele prazo, apenas se habilitou o único credor relacionado à fls. 11, **José Antônio da Silveira,** por título hipotecário, que discordando da avaliação efetuada pelo Banco, pleiteou nova estimativa, deferida por despacho de fls. 49 v.

Cumprida essa diligência, como se vê do laudo de fls. 79, o mesmo credor impugna a avaliação efetuada no Juizo de Direito da Comarca de Amparo, mas funda as suas alegações em documentos graciosos sem qualquer valor probante para o fim que se tem em vista, sendo certo que o devedor com a farta documentação que se encontra à fls. 50-61, constituída de certidões fornecidas por oficiais públicos, lhe responde com vantagem.

Quanto ao direito que assiste ao credor de pleitear a posição de mutuante, consoante o disposto no art. 55 do Regimento, já foi dito, suficientemente, no caso de que se ocupa o processo n.º 1.523, também do Estado de São Paulo, a que me reporto.

Além da garantia constiuída pelo já referido imóvel, o patrimônio do devedor é integrado pela importância de Cr$ 7.433,00, depositada no Banco do Brasil, produto da venda de 86 sacas de café descritas na relação de bens de fls. 23.

Nos termos do laudo de fls. 80, o imóvel foi avaliado em Cr$ 179.190,00, correspondendo o empréstimo a 75% dessa quantia, a Cr$ ... 134.392,50.

Como o credor haja pleiteado a posição mutuante, tal pretensão é de ser deferida, mas na base do valor constante do laudo judicial que mantenho, e que reduz o crédito a Cr$ 134.392,50, ou sejam 75% do valor da garantia.

O remanescente do crédito deverá ser liquidado com a quantia de Cr$ 7.433,00, depositada no Banco do Brasil e acima referida.

Nestas condições, tendo o processo corrido seus termos regularmentee a tendendo a que o Requerente satisfez os requisitos a que a lei condiciona a outorga do benefício — julgo procedente o pedido de reajuste compulsório, e autorizo o Banco do Brasil a fazer lavrar a necessária escritura de hipoteca nos termos da carta de fls. 18, e na qual continuará a figurar como credor, **José Antônio da Silveira** pela quantia de Cr$ 134.392,50, procedendo, ainda, o mesmo Banco, à liquidação do remanescente do mesmo crédito com o depósito em dinheiro, já aludido.

Em conseqüência, declaro extintos todos os demais débitos do Requerente, constem ou não dêste processo, desde que constituídos antes de 15-12-39, tudo nos termos da legislação em vigor.

Intime-se.

Rio de Janeiro, 15 de Maio de 1944. — **Ernesto Rangel.**

SESSÕES DO MÊS

SESSÃO DE 2 DE AGÔSTO DE 1944
(Diário Oficial de 3-8-44)

PROCESSO N.º 4.283

Relator — Juiz Dr. Sergio de Oliveira.

Devedor — João Clemente Ramos — Caconde — Est. de São Paulo.

Decisão — Indeferido. Petição fora do prazo.

SESSÃO DE 9 DE AGÔSTO DE 1944
(Diário Oficial de 10-8-44)

PROCESSO N.º 2.071 — Recurso n.º 88.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — Alexandre Mustafé — Barretos — Est. de São Paulo.

Decisão — Mantido o acórdão recorrido.

PROCESSO N.º 2.198

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — João Marques de Abreu — Araraquara — Est. de São Paulo.

Decisão — Liberado o requerente não só do débito habilitado, como de quaisquer outros porventura existentes e não declarados, desde que anteriores a 15-12-39 e não executados em lei.

PROCESSO N.º 3.187

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.

Devedor — Silvio de Barros Lisboa — Itapira — Est. de São Paulo.

Decisão — Arquivado. Cassado o benefício outorgado pela decisão de 12-7-44, assegurando aos credores do requerente, mesmo por dívidas constituidas anteriormente a 15-12-39, o direito de cobrarem pelos meios ordinários seus respectivos créditos.

PROCESSO N.º 3.804

Relator — Juiz Dr. Sergio de Oliveira.

Devedor — Olimpio Braga — Palmital — Estado de São Paulo.

Decisão — Indeferido. A situação econômica do devedor não satisfaz às condições previstas no artigo 38 do Regimento da Câmara. (Dec.-Lei n.º 2.238).

PROCESSO N.º 3.899

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.

Devedor — José Osório de Sousa Junior — São Paulo — Capital.

Decisão — Indeferido. O requerente não atendeu às notificações da Câmara para regularizar o processo.

PROCESSO N.º 4.265

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.

Devedores — Irmãos Moura — Bebedouro — Estado de São Paulo.

Decisão — Indeferido. Alteração do patrimônio dos devedores.

SESSÃO DE 23 DE AGÔSTO DE 1944
(Diário Oficial de 24-8-44)

PROCESSO N.º 313 — Recurso n.º 43

Relator — Juiz Dr. Sergio de Oliveira.

Devedor — José Jacinto da Costa — Ribeiro — Estado de São Paulo.

Decisão — Homologado o empréstimo, liberado o requerente, não só dos débitos que figuraram no concurso creditório, como de quaisquer outros, porventura não habilitados, desde que anteriores a 15-12-39 e não excetuados em lei.

PROCESSO N.º 2.546 — Recurso n.º 130

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.

Devedor — Luiz Osório de Sousa — Barretos — Estado de São Paulo.

Decisão — Mantido o acórdão recorrido.

PROCESSO N.º 3.344 — Recurso n.º 136

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — Camilo Candido Ferreira — Batatais — Estado de São Paulo.

Decisão — Mantido o acórdão recorrido

PROCESSO N.º 3.754 — Recurso n.º 137

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — Vicente Nunes Pereira — Piratininga — Estado de São Paulo.

SESSÃO DE 30 DE AGÔSTO DE 1944
(Diário Oficial de 31-8-44)

PROCESSO N.º 2.809 — Recurso n.º 120

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — João da Costa Melo — Monte Alto — Estado de São Paulo.

Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 3.720 — Recurso n.º 135

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — Francisco Custódio Dias — Mocóca — Estado de São Paulo.

Decisão — Mantido o acórdão recorrido.

PROCESSO N.º 821

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — José Marciliano da Costa — Limeira — Est. de São Paulo.

Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 2.556

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.

Devedor — José Pires Aguirra — Agudos — Estado de São Paulo.

Decisão — Liberado compulsòriamente de todos os débitos anteriores a 15-12-39.

PROCESSO N.º 4.369

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.

Devedor — Irmãos Mercandante — Mineiros — Estado de São Paulo.

Decisão — Indeferido. Alteração do patrimônio dos devedores.

DESPACHOS

PROCESSOS EM QUE FORAM AUTORIZADOS EMPRÉSTIMOS

N.º 1.234 — Irmãos Ribeiro — Ituverava — São Paulo.

N.º 2.295 — Miguel Chequer — Bela Vista — São Paulo.

N.º 989 — José Arantes Nogueira — Cravinhos — São Paulo.

N.º 2.036 — Joaquim Alves de Camargo — Tabatinga — São Paulo.

N.º 2.737 — Euclides Corrêa da Rocha e outros — Cafelândia — São Paulo.

N.º 2.857 — Liberato Colosso — Itapira — São Paulo.

N.º 2.090 — João de Campos Pacheco — Bocaina — São Paulo.

N.º 2.667 — Thessalonico Augusto do Nascimento — Pirajui — São Paulo.

N.º 2.428 — Francisca Pinto de Miranda e outro — Taquaritinga — São Paulo.

N.º 2.874 — Augusta Abuchaim Felipe — Matão — São Paulo.

N.º 1.987 — Antônio José da Costa — Bebedouro — São Paulo.

N.º 2.636 — Francisco José Estacio — São Manoel — São Paulo.

N.º 2.370 — Candida Maria do Amorim e outro — Ibitinga — São Paulo.

N.º 2.493 — José Leopoldo de Mendonça Uchôa — Bebedouro — São Paulo.

N.º 2.488 — Alfredo Joaquim de Freitas — Presidente Alves — São Paulo.

PROCESSOS DESPACHADOS PELOS SRS. JUIZES

N.º 2.320 — Antônio Gomes Teixeira — Indaiatuba — São Paulo.

N.º 3.015 — Francisco Lopes Gutierrez — Itatinga — São Paulo.

N.º 4.233 — Cintra & Cia. — São Paulo — Capital.

N.º 4.488 — Etelvina de Almeida Cintra (espólio) e outro — São Paulo — Capital.

N.º 878 — Clotilde Junqueira Marinho e outro — Colina — São Paulo.

N.º 1.600 — Julio de Barros Fagundes — Botucatu — São Paulo.

N.º 2.248 — Manoel Martins Pereira — Jaú — São Paulo.

N.º 3.117 — José Rebouças de Carvalho — Biriguí — São Paulo.

N.º 4.042 — Augusto Esteves de Andrade (espólio). — Franca — São Paulo.

N.º 4.245 — Angela Ferraz de Barros Sampaio e outros — Ribeirão Preto — São Paulo.

N.º 1.489 — Cia. Caetano Castelano S/A. — Rio Claro — São Paulo.

N.º 2.535 — Alberto Bigelli e outros — Itapui — São Paulo.

N.º 2.545 — Leonardo Carlos de Arruda Botelho — Boa Esperança — São Paulo.

N.º 4.292 — Izabel Esteves Palma — São João da Boa Vista — São Paulo.

N.º 4.332 — Nassoji Matsura — Pompeia — São Paulo.

N.º 1.501 — José Miranda da Silva — Itapira — São Paulo.

N.º 2.284 — Nazha Zeraik e outro — Tabatinga — São Paulo.

N.º 2.455 — Placidio Pereira de Magalhães — Lins — São Paulo.

N.º 2.669 — Onezino Mesquita — Pirajui — São Paulo.

N.º 350 — Recurso n.º 25 — Frederico Bergmann — Campinas — São Paulo.

N.º 3.258 — Eugenio Brasil Santiago e outros — Itatinga — São Paulo.

N.º 3.340 — Nelson da Costa Martins — Piracicaba — São Paulo.

N.º 4.253 — Antônio Gutierez Rodrigues — Sorocaba — São Paulo.

N.º 1.556 — Segismundo Chaves dos Santos — Descalvado — São Paulo.

N.º 2.351 — Durval Vieira de Sousa — Araraquara — São Paulo.

N.º 3.529 — Humberto Jordão e outro — Araraquara — São Paulo.

N.º 3.906 — Elias Alves Penteado — Penápolis — São Paulo.

N.º 4.021 — Olimpio Augusto Bicalho — São José do Rio Pardo — São Paulo.

N.º 4.112 — Benedito Alves do Amaral — São Paulo — Capital.

N.º 4.256 — Lourenço Pires de Campos — Bocaina — São Paulo.

N.º 1.696 — Catão Pedroso — Piraju — São Paulo.

N.º 3.334 — Cantidio de Sousa Moares (espólio) — Baurú — São Paulo.

N.º 4.251 — Vilares Barbosa & Cia. — Araraquara — São Paulo.

N.º 4.278 — Francisco Vieira — São Paulo — Capital.

N.º 4.287 — Vitor Brito Bastos — Rio Preto — São Paulo.

N.º 4.275 — Estevam Tavares da Silva — Pirajui — São Paulo.

N.º 4.277 — Joaquim Dias do Nascimento (espólio) — Penápolis — São Paulo.

N.º 4.295 — José Vital dos Santos — Bariri — São Paulo.

N.º 2.303 — Samuel Anibal de Carvalho Chaves — São Paulo — Capital.

N.º 4.250 — Joaquim de Araujo Guimarães — São Paulo — Capital.

N.º 4.276 — José Maria Eugenio — Piratininga — São Paulo.

N.º 4.329 — Albertina Neves de Almeida Prado (espólio) e outros — Jaú — São Paulo.

N.º 2.786 — Elias Abrahão Hamud — Pirajui — São Paulo.

N.º 2.189 — José Domingos Ramalho Filho — Taquaritinga — São Paulo.

N.º 2.847 — José de Meira Leite — Agudos — São Paulo.

N.º 4.315 — Castor Marcos e outros — Santa Adelia — São Paulo.

N.º 4.321 — Donguita Junqueira Penteado e outros — Ribeirão Preto — São Paulo.

N.º 2.245 — Antônio Stefano Nascimbem — Bebedouro — São Paulo.

N.º 3.165 — Marcelo Canelada Abila — Pederneiras — São Paulo.

N.º 3.805 — João Gonçalves Fraga — Baurú — São Paulo.

N.º 4.210 — Antônio Carlos de Arruda Botelho — São Paulo — Capital.

N.º 2.248 — Manoel Martins Pereira — Jaú — São Paulo.

N.º 2.648 — Eugenio Pacheco Artigas — São Paulo — Capital.

N.º 3.054 — Heitor de Andrade Fontão — Vargem Grande — São Paulo.

N.º 4.181 — Milton Tavares Paes — Pirajui — São Paulo.

N.º 4.299 — Pedro Inacio de Andrade e outros — Caconde — São Paulo.

N.º 295 — Manfredo Fialdini — Botucatu — São Paulo.

N.º 1.932 — Joaquim Elias de Camargo — Ibitinga — São Paulo.

N.º 2.099 — Onofre Sampaio & Filhos — Jaú — São Paulo.

N.º 2.216 — Luiz Chaddad — Dois Córregos — São Paulo.

N.º 2.794 — Carolina de Almeida Prado Fernandes e outro — Jaú — São Paulo.

N.º 3.806 — Arlindo Bernardino de Seixas — Caconde — São Paulo.

N.º 4.317 — Cia. Agrícola Pedro João S. A. — Bocaina — São Paulo.

N.º 2.701 — Miguel Nelson Bechara — São Paulo — Capital.

N.º 3.758 — Antônio Melhado e outros — Santa Adelia — São Paulo.

N.º 4.333 — Ezequias de Castro Carvalho — São Pedro do Turvo — São Paulo.

N.º 4.335 — Elias Abrão & Irmão — Pirajui — São Paulo.

N.º 1.448 — Custodia Ribeiro Rocha — Franca — São Paulo.

N.º 2.265 — Armando Joaquim de Lima — Sertãozinho — São Paulo.

N.º 2.769 — João Rossi — Jaboticabal — São Paulo.

N.º 3.105 — Procopio & Botelho — São Paulo — Capital.

N.º 3.767 — Saturnino Artur Santii — Promissão — São Paulo.

N.º 4.340 — Miguel Martinez Molina (espólio) — Marilia — São Paulo.

N.º 4.341 — Flora da Rocha Rezende e outros — Bariri — São Paulo.

N.º 4.343 — José Antônio Martins — Lençóis — São Paulo.

N.º 4.337 — Narciso Stocco — Brotas — São Paulo.

N.º 4.342 — José de Sousa Ferreira (espólio) — Presidente Prudente — São Paulo.

N.º 4.355 — José Aurelio da Silva (espólio) — Nuporanga — São Paulo.

N.º 1.758 — João Batista Dias do Prado e outros — Itapui — São Paulo.

N.º 2.847 — Mario Pimentel — Presidente Alves — São Paulo.

N.º 1.575 — Ismael Ferreira — Capivari — São Paulo.

N.º 2.499 — João de Sousa Perpetuo — Pirajui — São Paulo.

N.º 2.722 — Teodorico Lopes de Medeiros — Avaré — São Paulo.

N.º 3.034 — Osvaldo de Almeida Cezar — Ibitinga — São Paulo.

N.º 3.083 — Teixeira & Cangussú — Baurú — São Paulo.

N.º 3.540 — Recurso n.º 132 — Elias Felipe José e outros — Matão — São Paulo.

N.º 4.356 — Vitor Dotto — Baurú — São Paulo.

N.º 2.162 — Augusto Aidar — Olímpia — São Paulo.

N.º 2.304 — Ladislau Ribeiro Tenório — Pinhal — São Paulo.

N.º 2.385 — Recurso n.º 106 — João Bernarco da Fonseca — Jaboticabal — São Paulo.

N.º 3.782 — Artur José Alves — São João da Boa Vista — São Paulo.

N.º 1.345 — Recurso n.º 145 — Henry Steagall — Araras — São Paulo.

N.º 1.420 — Luiz Oscar de Almeida Maia — São Paulo — Capital.

N.º 1.819 — Americo Ferreira de Camargo — Campinas — São Paulo.

N.º 2.285 — Alexandre da Costa Florim — Brotas — São Paulo.

N.º 2.302 — Florencio da Silva Queiroz — Monte Alto — São Paulo.

N.º 2.492 — João Batista Cotrim — Pitangueiras — São Paulo.

N.º 3.142 — Humberto Alves Tocci — Cafelândia — São Paulo.

N.º 3.453 — Moisés Alves Nogueira — Serra Negra — São Paulo.

N.º 3.774 — Recurso n.º 142 — Umbelina de Almeida Barros (espólio) — Jaú — S. Paulo.

N.º 4.113 — Soc. Agrícola Irmãos Leite Ltda. — Pinhal — São Paulo.

N.º 2.128 — Padre Gasparino Dantas — Bernardino de Campos — São Paulo.

N.º 2.515 — José de Azevedo Oliveira — São Paulo.

N.º 2.645 — João Agripino Maia Sobrinho — Campinas — São Paulo.

N.º 3.683 — Recurso n.º 146 — Alexandre Corrêa de Freitas — Bocaina — São Paulo.

N.º 3.887 — Luciano de Melo Nogueira e outros — Colina — São Paulo.

N. 4.358 — Lucinda de Oliveira Ramos (espólio) — Pirajui — São Paulo.

N.º 26 — Auzira Siqueira Braga — Ribeirão Bonito — São Paulo.

N.º 2.158 — David Tomás Webb e outro — São Paulo — Capital.

N.º 2.203 — Lourenço de Almeida Pacheco — Jaú — São Paulo.

N.º 2.804 — Manoel Bernardo da Fonseca — Santos — São Paulo.

N.º 3.718 — João Vitaliano (espólio) — Ribeirão Preto — São Paulo.

N.º 4.339 — Lazaro Xavier de Mendonça — Avaí — São Paulo.

N.º 2.600 — Sebastião Antônio de Carvalho — Casa Branca — São Paulo.

N.º 4.363 — Pedro de Azeredo Coutinho — Garça — São Paulo.

N.º 4.368 — José dos Santos Ribeiro e outros — Rio Preto — São Paulo.

N.º 4.372 — Manoel Porfirio da Rocha — Agudos — São Paulo.

N.º 2.077 — Oscar Corrêa de Moraes — Jaú — São Paulo.

N.º 2.124 — Manoel Simões e outros — Itapui — São Paulo.

N.º 2.307 — Manoel Covas Raia — São Carlos — São Paulo.

N.º 2.548 — João Evangelista de Almeida — Itapira — São Paulo.

N.º 3.500 — Pedro Pelegrin Carrasco — Itapui — São Paulo.

N.º 4.360 — Mario de Barros Camargo — Pederneiras — São Paulo.

N.º 4.364 — Bernardino Nunes da Cruz — Itapui — São Paulo.

N.º 4.365 — Aureliano de Oliveira Matos e outro — Glicério — São Paulo.

N.º 4.375 — Antônio Luna Arjona — Pirajui — São Paulo.

FORAM MANDADOS PUBLICAR EDITAIS NOS SEGUINTES PROCESSOS :

N.º 2.919 — José Francisco Aranha — São Paulo — Capital.

N.º 3.721 — Randolph Haynes — São Paulo — Capital.

N.º 2.027 — José Chuffi — Jaú — São Paulo.

N.º 2.599 — Lourenço Pires de Aguirra — Agudos — São Paulo.

N.º 3.263 — Adolfo Ricardo de Toledo — Barretos — São Paulo.

N.º 3.914 — Francisco Vieira Rodrigues — Batista Botelho — São Paulo.

N.º 3.915 — Francisco Pinheiro da Silveira e outros — Vera Cruz — São Paulo.

N.º 2.832 — Maria Izabel de Oliveira Botelho (espólio) — São Paulo — Capital.

N.º 2.769 — João Rossi — Jaboticabal — São Paulo.

N.º 4.267 — Elizeu Laugeni — Marilia — São Paulo.

N.º 4.246 — Plinio Machado Cardia — Agudos — São Paulo.

N.º 4.272 — Amador Ribeiro Nogueira — Caconde — São Paulo.

N.º 3.837 — Urbano Junqueira — Avaré — São Paulo.

N.º 4.285 — Orlando Salse — Tibiriçá — São Paulo.

N.º 4.143 — Luiz Alves de Carvalho — Baurú — São Paulo.

N.º 4.309 — Francisco Xavier de Almeida Prado — Itapuí — São Paulo.

N.º 4.135 — Diogo Garcia de Figueiredo — Mococa — São Paulo.

N.º 3.644 — Antônio Pereira do Amaral Carvalho — Jaú — São Paulo.

N.º 3.778 — José Mendes Gonçalves Costa — Baurú — São Paulo.

N.º 4.336 — Anísio Carneiro — Santos — São Paulo.

N.º 4.177 — Antônio Jorge e outro — Pirajui — São Paulo.

N.º 2.850 — Recurso n.º 113 — Benno Rieckmann — Descalvado — São Paulo.

N.º 4.245 — Angela Ferraz de Barros Sampaio e outros — Ribeirão Preto — São Paulo.

N.º 3.546 — Lucas Bueno de Moraes — Pirajui — São Paulo.

N.º 4.292 — Izabel Esteves Palma — São João da Boa Vista — São Paulo.

N.º 4.176 — Euzebio da Rocha Camargo (espólio) — Botucatu — São Paulo.

N.º 4.256 — Lourenço Pires de Campos — Bocaina — São Paulo.

N.º 4.275 — Estevam Tavares da Silva — Pirajui — São Paulo.

N.º 4.277 — Joaquim Dias do Nascimento (espólio) — Penápolis — São Paulo.

N.º 4.021 — Olímpio Augusto Bicalho — São José do Rio Pardo — São Paulo.

FORAM ARQUIVADOS POR FALTA DE REGULARIZAÇÃO OS SEGUINTES PROCESSOS :

N.º 4.326 — Maria Adelaide Barnsley Guedes (espólio) — Tatui — São Paulo.

N.º 4.334 — Guilherme Campos Sales — Presidente Alves — São Paulo.

FORAM HOMOLOGADAS DESISTÊNCIAS NOS SEGUINTES PROCESSOS :

N.º 4.322 — Luiz de Matos Pimenta — Itatiba — São Paulo.

N.º 4.328 — Feodor Condew — Campinas — São Paulo.

N.º 4.348 — Cooperativa Viti Vinícola do Bairro da Caxambú — Jundiaí — São Paulo.

N.º 4.352 — Augusto de Toledo Barros — Pirajui — São Paulo.

N.º 4.362 — José Rodrigues Gonçalves — Baurú — São Paulo.

N.º 4.396 — Raul Roberto Borges — Socorro — São Paulo.

N.º 3.864 — Paulo Barbosa Ferraz — Bocaiuva — São Paulo.

N.º 3.843 — José Eugenio de Figueiredo — Caconde — São Paulo.

N.º 3.622 — Ulisses Osório Corrêa — Tambaú — São Paulo.

EXPEDIENTE do MINISTÉRIO da FAZENDA

Processos despachados pelo Senhor Presidente da República

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Exposição n.º 2.414, de 23 de Agôsto de 1944 — SC — 69.256-44 — Submetendo o processo em que Luiz de Moura Brasil recorre de decisão denegatória do ajuste compulsório a que se julga com direito, proferida pela Câmara de Reajustamento Econômico, salienta não haver precedente de revisão extraordinária de feitos julgados pela Câmara mas que, pelo Decreto-Lei n.º 6.674, de 11 de julho próximo passado, nova interpretação foi dada à matéria que motivou a decisão denegatória a que se refere o suplicante e, uma vez que cumpre ao interessado utilizar-se da concessão que a lei lhe assegura, opina pelo seu arquivamento. Despacho : "Sim". G. Vargas.

Foram devolvidos ao Ministério da Fazenda, com informações da Câmara de Reajustamento Econômico, os seguintes requerimentos dirigidos ao Sr. Presidente da República:

OF. 11/364 — 4/8/44 — Quintino da Silva Marreco — Sôbre o indeferimento do processo n.º 3.724 (Decreto-Lei número 1.888).

OF. 11/368 — 5/8/44 — Joaquim Duarte Pinto Ferraz — Sôbre a decisão proferida por esta Câmara no processo n.º 2.233. (Decreto Lei n.º 1.888).

OF. 11/377 — 12/8/44 — Luiz de Moura Brasil — Pleiteando revisão do processo n.º 1.466. (Decreto-Lei número 1.888).

OF. 11/379 — 15/8/44 — Galdino Xavier Cotrim — Sôbre o indeferimento do processo n.º 2.153. (Decreto-Lei número 1.888).

OD. 11/380 — 17/8/44 — Lavinio Soares Ferreira — Sôbre o processo número 26.930. (Decreto n.º 24.233).

INFORMAÇÕES

OS AGRICULTORES QUE APRESENTARAM PROPOSTA DE EMPRÉSTIMO EM LETRAS HIPOTECÁRIAS AO BANCO DO BRASIL, PARA REQUEREREM O PROCESSO COMPULSÓRIO A ESTA CÂMARA, DEVERÃO OBSERVAR O PRAZO ESTABELECIDO NO ART. 41, § 1.º, DO REGIMENTO APROVADO PELO DECRETO-LEI 2.238 DE 28-5-40, ISTO É: APRESENTAR A PETIÇÃO A RESPECTIVA AGÊNCIA DENTRO DOS 30 DIAS QUE SE SEGUIREM À FLUÊNCIA DO PRAZO DE 40 DIAS CONTADOS DA 1.ª PUBLICAÇÃO DO AVISO.

A INOBSERVÂNCIA DÊSSE PRAZO IMPORTA EM REJEIÇÃO LIMINAR.

A Secretaria da Câmara de Reajustamento Econômico pede aos interessados que remetam, DEVIDAMENTE SELADOS, todos os documentos para a juntada em processo, inclusive cartas de impugnação ou justificação de créditos.

Foi autorizada a publicação de editais em concurso de credores para apresentação de créditos e respectivos documentos no prazo de 40 dias a partir da publicação, nos seguintes processos:

Agência do Banco do Brasil em Araraquara — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 2.919 — 3.456.

Agência do Banco do Brasil em Barretos — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.º — 3.263.

Agência do Banco do Brasil em Bebedouro — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 333 — 4.064.

Agência do Banco do Brasil em Baurú — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 3.648 — 4.092 — 3.828 — 3.947 — 3.903 — 3.646 — 4.144 — 3.948 — 4.246 — 2.599 — 4.267.

Agência do Banco do Brasil em Catanduva — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 3.197 — 3.849 — 3.633 — 3.089 — 3.048.

Agência do Banco do Brasil em Cafelândia — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 4.097 — 3.891.

Agência do Banco do Brasil em Campinas — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 3.744 — 4.167 — 3.850 — 4.146 — 3.786 — 4.009 — 3.890 — 2.577 — 3.195.

Agência do Banco do Brasil em Chavantes — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.º — 3.914.

Agência do Banco do Brasil em Jaú — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 3.534 — 2.925 — 3.190 — 3.625 — 4.073 — 4.071 — 3.836 — 2.758 — 2.017.

Agência do Banco do Brasil em Lins — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 4.028 — 4.189 — 3.985 — 3.721.

Agência do Banco do Brasil em Piracicaba — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.º — 419.

Agência do Banco do Brasil em Promissão — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 3.781 — 3.939 — 3.976 — 3.697.

Agência do Banco do Brasil em São João da Boa Vista — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 4.104 — 3.727 — 3.907 — 4.070 — 4.218 — 3.541.

Agência do Banco do Brasil em São Paulo — Capital — Estado de São Paulo.

PROCESSOS NS.: — 4.022 — 4.186 — 2.632.

LEGISLAÇÃO

DECRETO N.º 16.445 — DE 24 DE AGÔSTO DE 1944

Aprova o contrato firmado entre a União Federal e o Banco do Brasil S. A. nos têrmos do Decreto-Lei n.º 6.685, de 13 de julho de 1944.

O Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o artigo 74, letra a, da Constituição, decreta :

Art. 1.º Fica aprovado o contrato firmado em 8 de agôsto dêste ano, entre a união Federal e o Banco do Brasil S. A., para o cumprimento dos Decretos-Leis ns. 1.888, de 15 de dezembro de 1939, 2.071, de 7 de março e 2.238, de 28 de maio, ambos de 1940, e 6.685, de 13 de julho de 1944.

Art. 2.º Êste Decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Art. 3.º Revogam-se as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 24 de agôsto de 1944, 123.º da Independência e 55.º da República.

Getulio Vargas
A. de Sousa Costa

Têrmo de contrato entre o Govêrno Federal e o Banco do Brasil S. A., a que se refere o decreto n.º 16.445, de 24 de agôsto de 1944.

Aos oito dias do mês de agôsto do ano de mil novecentos e quarenta e quatro, presentes no Gabinete do Ministro de Estado dos Negócios da Fazenda, o Encarregado do Expediente, Doutor Paulo de Lira Tavares e o Doutor João Marques dos Reis, Presidente do Banco do Brasil, Sociedade Anônima, com sede na rua Primeiro de Março n.º 66, nesta Capital têm justo e contratado o que se contêm nas cláusulas seguintes para cumprimento dos Decretos-Leis ns. 1.888, de 15 de dezembro de 1939, 2.071 de 7 de março e 2.238, de 28 de maio, ambos de 1940, e 6.685 ,de 13 de julho de 1944, entendendo-se pela palavra — União — o Govêrno Federal, pela palavra — Banco o Banco do Brasil, pela palavra — Câmara — a Câmara de Reajustamento Econômico, e designando-se por Decretos-Leis os mencionados diplomas legislativos :

PRIMEIRA

O Banco aceitando os encargos que lhe foram conferidos pelos Decretos-Leis, obriga-se a manter as instalações da Câmara e a continuar a aparelhá-la do que se fizer necessário ao seu funcionamento, na forma do contrato anterior, firmado com a União em 18 de junho de 1934.

Quando, nos têrmos do artigo cinqüenta e três, não revogado, do Regimento anterior, fôr entregue ao Banco o arquivo da Câmara, também lhe serão devolvidos as instalações e material cedidos.

SEGUNDA

Além da colaboração prevista pela cláusula anterior, o Banco obriga-se a receber nas praças onde tiver filiais, dirètamente dos requerentes ou por intermédio das coletorias que delas forem mais próximas, os requerimentos a que se referem os artigos 38, 41 e 42 dos Decretos-Leis, bem como a processá-los e encaminhá-los à Câmara, com rigorosa observância da forma prevista pelo Decreto-Lei n.º 2.238, de 28 de maio de 1940.

TERCEIRA

As diligências de qualquer ordem que a Câmara desejar obter por intermédio do Banco, junto a autoridades federais, estaduais ou municipais, cartório de notas, de registros ou de quaisquer ofícios públicos, serão sempre solicitadas à Matriz do Banco, que as efetuará por si ou suas filiais. Se qualquer autoridade judiciária ou administrativa, escrivão, tabelião ou outro qualquer serventuário do registro público recusar, retardar ou dificultar as diligências pedidas pelo Banco, êste comunicará o fato à Câmara, à qual competirá tomar as providências que lhe parecerem acertadas, para que as ordens sejam cumpridas.

QUARTA

O Banco obriga-se a liquidar os débitos declarados, após deliberação final da Câmara e pela forma por ela decidida, em tudo observando-se o disposto nos artigos 58 e 559 do Decreto-Lei n.º 2.238, citado, para o que tomará tôdas as providências necessárias.

QUINTA

A União obriga-se a conceder ao Banco franquia telegráfica e postal para os assuntos que se relacionarem com a execução do presente contrato e dos Decretos-Leis, e bem assim a fazer posteriormente, no **Diário Oficial,** as publicações que se tornarem precisas. Enquanto essa concessão não fôr efetivada os gastos que essa falta acarretar serão debitados ao Tesouro Nacional, na conta referida na cláusula imediata.

SEXTA

Serão pagos pelo Banco a débito da conta — Tesouro Nacional — Funcionamento da Câmara de Reajustamento Econômico — aberta de acôrdo com a cláusula undécima do referido contrato de 18 de junho de 1934, não só os vencimentos dos juizes da Câmara, gratificações dos Secretários dêstes, vencimentos e gratificações dos seus demais funcionários, peritos e quaisquer outro técnicos, bem como tôdas as outras despesas que forem ordenadas pelo Presidente da Câmara, na forma de suas atribuições legais.

Os pagamentos mensais de pessoal serão efetuados mediante apresentação de folhas, organizadas e assinadas pelo Secretário Geral da Câmara e visadas pelo seu Presidente, assim como os demais pagamentos de custeio dos seus serviços os quais serão feitos mediante requisições organizadas, assinadas e visadas pelo mesmo modo.

SÉTIMA

Serão também pagas pelo Banco a débito da conta referida na cláusula anterior as despesas de instalação da junta de Ajustes dos Lucros Extraordinários, até o total de cento e cinqüenta mil cruzeiros (Cr$ 150.000,00); e as despesas com o funcionamento da mesma Junta até o limite de vinte e cinco mil cruzeiros (Cr$ 25.000,00) mensais, mediante o processo indicado na cláusula precedente ou ainda por cheques, excluídas as gratificações aos membros e representante da Fazenda que são pagos pelo Tesouro Nacional.

OITAVA

Fica ainda o Banco autorizado a debitar ao Tesouro Nacional, na mesma conta, a título de compensação pelos serviços prestados à Câmara por sua sede e filiais em cumprimento das obrigações que lhe são impostas pelos Decretos-Leis, uma comissão de um quarto por cento (¼%) sôbre o montante das operações de reajustamento processadas pela mesma Câmara.

NONA

A União se obriga a abrir anualmente os créditos necessários à liquidação da conta "Tesouro Nacional — Funcionamento da Câmara de Reajustamento Econômico", a qual vencerá juros de seis por cento (6%) ao ano, que serão debitados no último dia útil de cada semestre civil.

E, por assim haverem acordado, eu, Boanerges Neto Ribeiro, oficial administrativo classe 23 do Quadro Suplementar, lavrei o presente têrmo, que, lido e achado conforme, vai assinado pelo Senhor Encarregado do Expediente do Ministério da Fazenda, Excelentíssimo Senhor Doutor Paulo de Lira Tavares e pelo Presidente do Banco do Brasil, Excelentíssimo Senhor Doutor João Marques dos Reis, bem como pelas testemunhas José da Silveira Primo, oficial administrativo classe 23 do Quadro Suplementar e Mário Galvão Menezes, contador classe I do Quadro Permanente, que a tudo presenciaram. — **Paulo Lima.** — **Marques dos Reis.** — **José da Silveira Primo.** — **Mário Galvão Menezes.**

Confere com o original. — **Jaime de Oliveira Guimarães**, Auxiliar de Gabinete.

Visto. — **Ovídio Paulo de Menezes Gil**, Chefe do Gabinete.

(Do Boletim da Câmara de Reajustamento Econômico, de Agôsto de 1944 — Jurisprudência em Geral e processos relativos ao Estado de São Paulo).

Índice da Matéria

COLABORAÇÃO: *Pgs.*

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

ESTATÍSTICAS:

DIVERSOS:

SECRETARIA DA FAZENDA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

BALANCETE FINANCEIRO EM 30 DE SETEMBRO DE 1944

do INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

RECEITA

	Cr. $	Cr. $	Cr. $
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
ORDINÁRIA			
Tributária	13.720.475,50		
Patrimonial	5.443.685,90	19.164.161,40	
EXTRAORDINÁRIA			
Diversos		5.784.767,60	24.948.929,00
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Diversos		387.934,50	
Depósitos		5.839,30	393.773,80
			25.342.702,80
A DEDUZIR :			
Contas do Exercício a Receber			47,80
			25.342.655,00
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		42.924,10	
Em Bancos		283.501.174,40	
Diversos		256.817,90	283.800.916,40
			309.143.571,40

DESPESA

	Cr. $	Cr. $	Cr. $
DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
Serviço da Dívida Externa	14.784.200,30		
Encargos Diversos	12.447.224,50		
Administração	3.740.993,50	30.972.418,30	
CRÉDITOS ESPECIAIS			
Encargos Diversos	28.659.804,00		
Administração	205.348,80	28.865.152,80	59.837.571,10
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Restos a Pagar — 1943		5.035.557,40	
Diversos		1.024.209,10	6.059.766,50
			65.897.337,60
A DEDUZIR :			
Contas do Exercício a Pagar			157.416,80
			65.739.920,80
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE			
Em Caixa		106.943,10	
Em Bancos		243.145.285,30	
Diversos		151.422,20	243.403.650,60
			309.143.571,40

Departamento de Contabilidade, em 30 de setembro de 1944.

PEDRO BARBOSA VASQUES
Chefe do Departamento

Visto :
PEDRO DE SIQUEIRA CAMPOS
Superintendente

Superintendência dos Serviços do Café

SÉDE:
LARGO DA MISERICÓRDIA, 24
SÃO PAULO

●

		Telefone :
Gabinete do Superintendente	7.º andar	— 2-6659
Departamento de Fiscalização :		
Transportes	5.º ,,	— 2-1976
Comércio e Consumo	6.º ,,	— 2-0856
Departamento da Contabilidade	4.º ,,	— 2-4449
Seção de Estatística e Publicidade	3.º ,,	— 2-8357
,, ,, Engenharia	8.º ,,	— 3-5511
,, Jurídica	7.º ,,	— 3-3450
,, Pesquisas e Propaganda	5.º ,,	— 2-1976
Almoxarifado	2.º ,,	— 2-4369
Protocolo	6.º ,,	— 2-2767
Serviço do Pessoal	7.º ,,	— 3-3450
Delegacia de Polícia	8.º ,,	— 3-5511
Caficesp	2.º ,,	— 2-4369
Portaria	2.º ,,	— 2-4369
Depósito (Almoxarifado externo)		— 2-2672

Agência de Santos:

Palácio da Bolsa - Rua 15 de Novembro, 123 - 2.º - sl. 7

Telefone : 6675

Agência do Rio de Janeiro:

Edificio da "A Noite" - Praça Mauá, 7
6.º andar — sala 603
Telefone : 23-0877

Imp. na Indústria Gráfica SIQUEIRA — *Rua Augusta*, 235 — *São Paulo.*